



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

RICARDO ANTONIO SOLDERA

Fundamentos da Ordem Mundial do pós-Guerra Fria

Campinas
2016



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

RICARDO ANTONIO SOLDERA

Fundamentos da Ordem Mundial do pós-Guerra Fria

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti – orientador

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico, área de concentração: História Econômica.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO
ALUNO RICARDO ANTONIO SOLDERA E
ORIENTADO PELO PROF. DR. EDUARDO
BARROS MARIUTTI.**

Orientador

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "E. Barros Mariutti", is written over a horizontal line.

Campinas
Novembro de 2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Economia
Mirian Clavico Alves - CRB 8/8708

So42f Soldera, Ricardo Antonio, 1983-
Fundamentos da ordem mundial do pós-guerra fria / Ricardo Antonio Soldera. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Eduardo Barros Mariutti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.

1. Hegemonia. 2. Relações internacionais. 3. História contemporânea - Séc XX. 4. História econômica. 5. Política internacional. I. Mariutti, Eduardo Barros, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Foundations of the post cold war world order

Palavras-chave em inglês:

Hegemony

International relations

Contemporary history - 20th century

Economic history

International politics

Área de concentração: História Econômica

Titulação: Mestre em Desenvolvimento Econômico

Banca examinadora:

Eduardo Barros Mariutti [Orientador]

Pedro Antonio Vieira

Carlos Alberto Cordovano Vieira

Data de defesa: 25-11-2016

Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento Econômico



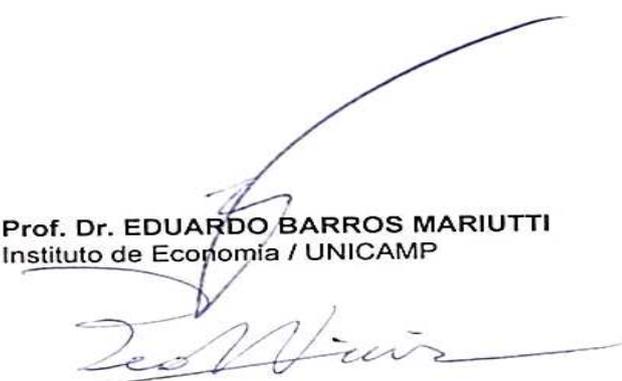
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

RICARDO ANTONIO SOLDERA

Fundamentos da Ordem Mundial do pós-Guerra Fria

Defendida em 25/11/2016

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. EDUARDO BARROS MARIUTTI
Instituto de Economia / UNICAMP

Prof. Dr. PEDRO ANTONIO VIEIRA
UFSC



Prof. Dr. CARLOS ALBERTO CORDOVANO VIEIRA
Instituto de Economia / UNICAMP

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

Agradecimentos

O mestrado foi um período de intensas reflexões. Eu gostaria de registrar os meus agradecimentos aos muitos companheiros com os quais compartilhei experiências e ideias. Todos esses momentos contribuíram para a minha formação e elaboração desta dissertação.

Agradeço a todos os companheiros do Instituto de Economia, particularmente à Lílian da Rosa pela amizade, à Lílian de Pellegrini Elias pela atenção e ajuda nas aulas de Métodos Quantitativos e a Guilherme Caldas de Souza Campos pela decisiva contribuição nos trabalhos e provas de Métodos Quantitativos, além da formatação de inúmeros trabalhos, inclusive desta dissertação. Agradeço também aos membros do Grupo de Estudos sobre Nacionalismo Ideologia e Imperialismo (GENII). Nossas enriquecedoras discussões permitiram expandir os horizontes da pesquisa e equacionar as questões apresentadas neste trabalho.

Sou grato aos amigos de outros institutos, particularmente aos “Revolucionários”, Amanda Cotrim, Ana Carolina Borges, César Augusto Mendes Cruz, Clecia Gomes (Claire), Letícia Souza Nascimento, Rodolfo Formigari dos Santos e Vinícius Leardini Gonzaga. As conversas com vocês foram muito frutíferas.

Gostaria de agradecer aos membros da minha banca de qualificação. Ao professor Thiago Franco, pela leitura minuciosa do meu trabalho, além de valiosos comentários. E ao professor Rodrigo Duarte Fernandes Passos pela orientação nos estudos sobre o conceito de hegemonia ainda na graduação, na Facamp. Também agradeço aos membros da banca de defesa, professor Pedro Antonio Vieira e professor Carlos Alberto Cordovano Vieira, pelos comentários.

Enfim, deixo meu agradecimento muito especial ao professor Eduardo Barros Mariutti. A sua orientação inestimável e paciente foi fundamental tanto para a elaboração da dissertação quanto para a minha formação.

Resumo

A ordem mundial do pós-Guerra Fria está baseada nos vínculos estabelecidos entre a alta finança estadunidense atuante a nível global, a burguesia estadunidense ligada à tecnologia de ponta do complexo industrial-militar e o governo dos Estados Unidos. Esses vínculos possibilitaram o reestabelecimento da hegemonia estadunidense, a superação dos reveses sofridos na década de 1970 e o combate ao aumento de poder da União Soviética. A alta finança, a burguesia ligada ao complexo militar-industrial e Washington são as frações da classe hegemônica estadunidense elevadas à condição de classe hegemônica mundial. Essa classe promove o aprofundamento da economia transnacional por meio da abertura comercial e financeira e combate ferozmente a classe trabalhadora desde a década de 1980.

As burguesias transnacionais oriundas dos países centrais foram beneficiadas pela nova ordem nascente e aderiram prontamente à hegemonia estadunidense. Ao mesmo tempo, as burguesias transnacionais consolidaram uma economia mundial através das tecnologias da terceira revolução industrial. A empresa transnacional se tornou global e o seu comando central subordina diferentes cadeias produtivas pelo planeta. Neste sentido, as filiais das empresas transnacionais se desvincularam dos nexos locais com o objetivo de formar um sistema produtivo mundial integrado à matriz e cada vez mais independente das particularidades dos países hospedeiros. Além disso, as grandes empresas conseguiram se apropriar da vida humana e da natureza a nível molecular, levando a uma exacerbação da mercadorização da vida.

A consolidação da economia transnacional também consolidou uma estrutura de classes global. Neste sentido, a classe administrativa global foi particularmente beneficiada e também se vinculou prontamente à classe hegemônica mundial, trabalhando de forma a submeter as demandas internas dos países às pressões da economia transnacional e da abertura comercial e financeira. As classes dominantes dos demais países tiveram de se submeter à nova ordem estabelecida. Apesar da resistência inicial, as classes dominantes de grande parte dos países foram aliciadas por meio de pressões econômicas, chantagens militares e pelas novas fontes de riqueza e consumo conspícuo e participam ativamente da abertura comercial e desregulamentação financeira. Apenas uma ínfima fração da classe trabalhadora conseguiu aderir à nova ordem mundial. Trata-se dos mais graduados gestores do capital e membros da classe administrativa global atuantes por meio das instituições internacionais.

Uma verdadeira vingança do capital contra o trabalho teve início também na década de 1980. Os trabalhadores sofreram reduções salariais, perda de empregos e direitos sociais em todos os países. Os movimentos trabalhistas foram colocados na defensiva pelos poderes das novas legislações e pelo desemprego produzido pelos ajustes fiscais. Com a desintegração da União Soviética, o espectro do comunismo afastou-se definitivamente da Europa, desfazendo os últimos medos das classes dominantes.

Além disso, as fissuras entre os diferentes setores da classe trabalhadora se alargaram. A pressão para retirada das políticas de proteção social penalizou os setores mais fracos da classe trabalhadora, enquanto os trabalhadores mais qualificados conseguiram se adaptar minimamente às novas tecnologias. As transformações nos processos de produção e a fronteira cada vez maior entre trabalho braçal e não braçal quebraram a unidade dos trabalhadores.

Palavras chave: hegemonia, ordem mundial, estrutura de classes global, alta finança, burguesias transnacionais, classe trabalhadora, mercadorização da vida.

Abstract

The post-Cold War world order is based on established links between US high finance acting in a global level, the US bourgeoisie linked to advanced technology of the military-industrial complex and the US government. These links have enabled the restoration of US hegemony, to overcome the setbacks in the 1970s and the fight against rising power of the Soviet Union. The high finance, the bourgeoisie linked to the military-industrial complex and Washington are the fractions of the US hegemonic class elevated to global hegemonic class condition. This class promotes the deepening of transnational economy through trade and financial openness and fiercely fights the working class since the 1980s.

Transnational bourgeoisies coming from the central countries have benefited from the new emerging order and joined readily to US hegemony. At the same time, transnational bourgeoisies consolidated a global economy through technologies of the third industrial revolution. Transnational company has become global and its central command subordinates different supply chains across the globe. In this sense, the subsidiaries of transnational companies untied local connections in order to form an integrated global production system to the matrix and more independent of the peculiarities of the host countries. Furthermore, big companies managed to take possession of human life and nature at the molecular level, leading to an exacerbation of the commodification of life.

The consolidation of the transnational economy also consolidated a global classes structure. In this sense, the global managerial class was particularly favored and readily linked to global hegemonic class, working in order to submit the internal demands of the countries to the pressures of transnational economy and trade and financial openness. Despite initial resistance, the ruling classes of most countries were lured by economic pressures, military blackmail and new sources of wealth and conspicuous consumption and participate actively in trade liberalization and financial deregulation. Only a tiny fraction of the working class could join the new world order. These are the senior managers of capital and members of the global managerial class acting through international institutions.

A true revenge of capital against work also began in the 1980s. The workers suffered wage cuts, jobs and social rights losses in all countries. The labor movements were put on the defensive position by the powers of the new legislation and unemployment produced by tax adjustments. With the disintegration of the Soviet Union, the specter of communism definitely moved away from Europe, undoing the fears of the ruling classes.

Moreover, the cracks between the different sectors of the working class widened. The pressure for withdrawal of social protection policies penalized the weakest sections of the working class, while the more skilled workers managed to minimally adapt to new technologies. The changes in production processes and increasing limits between manual and non- manual work broke the unity of the workers.

Keywords: hegemony, world order, global classes structure, high finance, transnational bourgeoisies, working class, commodification of life.

Sumário

Introdução	9
Capítulo I - Notas sobre o conceito de hegemonia em Antonio Gramsci	13
1.1. O materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels	13
1.2. O conceito de hegemonia em Antonio Gramsci	17
1.3. Hegemonia, relações internacionais e ordem mundial	20
Capítulo II – Antagonismo de classes e ordens mundiais no breve século XX	25
2.1. O colapso da civilização ocidental e a emergência de três projetos políticos	25
2.2. A constituição da hegemonia estadunidense na primeira fase da Guerra Fria	34
2.3. A Era de Ouro do capitalismo	50
2.4. A formação da economia transnacional/mundial	65
2.5. A emergência de uma estrutura de classe transnacional.....	78
2.6. A desarticulação da hegemonia estadunidense.....	81
Capítulo III – Os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria.....	91
3.1. A reconstituição da hegemonia estadunidense e a desintegração da União Soviética ..	91
3.2. A quebra da unidade da classe trabalhadora e a vingança do capital contra o trabalho	98
3.3. A consolidação da economia transnacional/mundial.....	107
3.4. O alinhamento das classes sociais	112
3.5. A exacerbação da mercadorização da vida.....	119
3.6. A atuação dos Estados Unidos no mundo pós-Guerra Fria	124
Conclusão	135
Referências Bibliográficas	138

Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria. Uma das suas principais características é a reconstituição da hegemonia estadunidense. Mas esta nova ordem mundial representa muito mais do que o simples reestabelecimento do poder dos Estados Unidos. O período compreende uma série de transformações simultâneas em todas as esferas da existência social.

No primeiro capítulo será feita uma breve discussão sobre o materialismo histórico à luz das idéias de Fernando Novais. O objetivo aqui não será elaborar uma discussão acerca das interpretações das idéias de Marx e Engels. O objetivo da seção 1.1 é mostrar qual visão do materialismo histórico delineou a elaboração desta dissertação. Procuraremos narrar os acontecimentos mostrando como a luta de classes conduziu a transformações no modo de produção capitalista. Também tentaremos articular as esferas da existência social em busca não de uma interdisciplinaridade, mas sim uma totalidade concreta, ou seja, de uma forma unitária de se pensar.

Além disso, ainda na seção 1.1, discutiremos o capitalismo como um modo de produção histórico-mundial e a noção da sociedade civil como verdadeiro foco e cenário de toda a história. A partir destes conceitos iniciais, analisaremos a formulação do conceito de hegemonia de Gramsci na seção 1.2. Ao discutir o conceito de hegemonia, o autor italiano também centrou a sua análise na sociedade civil, conectando esses dois conceitos às relações internacionais. Em seguida, na seção 1.3, será discutido o conceito de ordem mundial, relacionando-o com a noção de hegemonia de Gramsci e de modo de produção de Marx e Engels à luz das idéias de Robert Cox. Neste sentido, a hegemonia e a ordem mundial serão apresentadas não como relações entre Estados, mas como vínculos estabelecidos entre as classes sociais atravessando as fronteiras dos Estados.

No segundo capítulo serão discutidas as transformações ocorridas ao longo do breve século XX a partir dos conceitos apresentados no primeiro capítulo. Talvez, começar desde o início do breve século XX pareça uma digressão desnecessária. No entanto, acreditamos não ser possível compreender a ordem mundial do pós-Guerra Fria sem percorrer este caminho. Uma alternativa possível seria fazer um movimento retrospectivo no qual seriam apresentados a gênese dos elementos constituintes da ordem mundial do pós-Guerra Fria sem articulá-los com o próprio percurso do século XX. Todavia, tomar os elementos

separadamente poderia sugerir que a ordem mundial do pós-Guerra Fria estava contida dentro do século XX.

Neste sentido, achamos mais frutífero fazer um movimento prospectivo, buscando a reconstituição do processo de formação da ordem mundial do pós-Guerra Fria articulando os seus elementos constituintes dentro do próprio curso do século XX. Contudo, essa dissertação não consiste em um trabalho de história ou de historiografia. Trata-se de uma tentativa de destacar os elementos desta nova ordem mundial de maneira prospectiva, mostrando as suas articulações dentro da dinâmica do século XX. Desta forma, é possível compreender a ordem mundial do pós-Guerra Fria não como uma simples continuação do século XX, mas como resultados de avanços e retrocessos dentro de um leque de alternativas apresentadas nos períodos de crise.

Partindo da idéia de que o capitalismo é um modo de produção baseado na exploração, violência e desigualdade, o objetivo da seção 2.1 é responder à seguinte questão: por que o capitalismo foi reformado, buscando atender aos interesses da classe trabalhadora nos países centrais? Tentaremos responder a essa questão analisando o colapso da civilização ocidental capitalista durante a Era da Catástrofe (1914-1945). Mostraremos como o medo da radicalização da direita e, especialmente, da revolução mundial obrigou as classes dominantes a reformar o capitalismo, vinculando-se com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas.

Na seção 2.2 trabalharemos o alinhamento das classes sociais que perdurou até a década de 1980. Será discutida a criação de um sistema financeiro internacional baseado em uma rede de instituições internacionais governamentais a partir dos Acordos de Bretton Woods. Também serão discutidos nesta seção os primeiros anos da Guerra Fria e as tensões que levaram Washington a ajudar a Europa Ocidental com o Plano Marshall. Neste contexto, analisaremos os vínculos estabelecidos pela classe hegemônica estadunidense com a classe dominante da Europa Ocidental. Faremos uma discussão mostrando os limites do capitalismo reformado. O compromisso de proteção social viria abranger apenas a fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora. A fração proletária não qualificada ou semiquificada, feminina, negra, jovem e migrante continuaria marginalizada. É necessário deixar bem claro que apesar de reformado, o capitalismo manteve a sua essência.

Na seção 2.3 será discutida a Era de Ouro do capitalismo. O objetivo desta seção é explicar o inesperado triunfo do capitalismo, uma vez que esse modo de produção esteve à beira da ruína no período entre guerras. Discutiremos os três fatores responsáveis pela Era de Ouro: o dispêndio dos governos, especialmente dos Estados Unidos, nas empresas militares

para sustentar a Guerra Fria, a internacionalização da economia e a reforma do capitalismo. Ao discutir novamente o capitalismo reformado, mostraremos como a prosperidade da fração estabelecida da classe trabalhadora dos países centrais os afastou do comunismo. Enquanto a fração não estabelecida dos trabalhadores foi sistematicamente silenciada e ocultada através da instrumentalização do racismo, da xenofobia e demais preconceitos sociais. Por fim, será feita uma breve discussão sobre os movimentos de 1968 e as mudanças de espírito que fizeram desmoronar a Era de Ouro e podem comprometer até mesmo as bases do capitalismo.

Na seção 2.4 discutiremos a formação da economia transnacional. Procuraremos demonstrar que esta foi uma forma encontrada pelas grandes burguesias dos países centrais de começar a romper com capitalismo reformado. As grades burguesias dos Estados Unidos, da Europa Ocidental e do Japão começaram a atuar de forma transnacional em busca de força de trabalho mais barata e com menor proteção social. Ao longo da seção, serão descritos os três processos formadores da economia transnacional: o mercado de euromonedas, a nova divisão internacional do trabalho e a empresa transnacional. Também destacaremos a atuação a alta finança estadunidense no sentido de burlar os controles de capitais baseados nas redes de instituições internacionais governamentais instauradas nos Acordos de Bretton Woods.

Na seção 2.5 será discutida a emergência de uma estrutura de classe global formada a partir das instituições internacionais governamentais, da internacionalização da economia e da formação da economia transnacional. Além disso, analisaremos a conformação da classe administrativa global como uma classe *em si e para si*, assim como a sua forma de atuação.

Na seção 2.6 discutiremos a desarticulação da hegemonia estadunidense. Mostraremos como a Guerra do Vietnã e a Guerra do Yom Kipur e seus desdobramentos afetaram a hegemonia estadunidense. Além disso, analisaremos como os choques do petróleo e a nova onda mundial de revoluções entre 1974 e 1979 favoreceram a União Soviética, causando a Segunda Guerra Fria. Por fim, discutiremos os vários reveses sofridos por Washington, levando o *establishment* político dos Estados Unidos a cogitar uma nova aliança com a alta finança estadunidense.

Finalmente, no terceiro capítulo serão discutidos os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria propriamente ditos. Na seção 3.1, discutiremos os vínculos estabelecidos entre o governo dos Estados Unidos e a alta finança global, além das suas conseqüências imediatas como o fim do *New Deal*, a volta de *Wall Street* ao comando das finanças globais e as pressões para a abertura comercial e financeira. Além disso,

abordaremos a volta dos adeptos da Guerra Fria ao poder no governo Reagan e as suas consequências para o desfecho da Segunda Guerra Fria e a desintegração da União Soviética.

Na seção 3.2 serão discutidas as extraordinárias transformações sociais da Era de Ouro do capitalismo com foco nos impactos causados entre os trabalhadores. Abordaremos a quebra da unidade da classe trabalhadora ocasionada pela prosperidade da Era de Ouro, responsável pela destruição da pobreza e coletividade características dos trabalhadores no final do século XVIII. Também será abordado o alargamento das fissuras entre os diferentes setores da classe trabalhadora surgidas com o fim do período do pleno emprego e o combate travado contra os trabalhadores a partir da década de 1980.

Na seção 3.3 discutiremos a atuação global das grandes burguesias mundiais por meio da consolidação da economia transnacional viabilizada pelas tecnologias da terceira revolução industrial. Abordaremos as novas estratégias das empresas transnacionais e as suas consequências.

Na seção 3.4 será analisado como a classe hegemônica estadunidense estabeleceu vínculos com as demais classes sociais na ordem mundial do pós-Guerra Fria. Além disso, discutiremos os vínculos estabelecidos entre as grandes burguesias globais por meio do processo de interpenetração patrimonial. Por fim, abordaremos os percalços enfrentados pela classe hegemônica estadunidense com a crise econômica iniciada em 2007.

Na seção 3.5 será feita uma breve análise sobre o surgimento e a evolução da tecnociência a partir da segunda metade do século XX. Discutiremos a instrumentalização da tecnociência pelo grande capital de forma a permitir às grandes burguesias globais se apropriarem das novas possibilidades abertas pela revolução tecnológica. Neste contexto, abordaremos as transformações na ciência e na técnica capazes de exacerbar a transformação dos seres vivos e da natureza em mercadoria a nível molecular.

Enfim, na seção 3.6, será discutida a atuação de Washington no mundo após a desintegração da União Soviética. Os Estados Unidos se tornaram a única superpotência global, buscando reestabelecer a sua hegemonia por meio da aquiescência das classes dominantes da Rússia e da China e estendendo a sua área direta de influência para a Europa Oriental e o Oriente Médio. Também discutiremos a inflexão da atuação dos Estados Unidos após os ataques de 11 de setembro de 2001 e a Revolução dos Assuntos Militares.

Capítulo I - Notas sobre o conceito de hegemonia em Antonio Gramsci

1.1. O materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels¹

O século XIX é conhecido como o século da história e como o século da ciência. As ciências sociais impactaram a maneira de fazer e de pensar a história. Esse diálogo e tensão entre história e ciências sociais foram fundamentais na constituição das idéias de Karl Marx e Friedrich Engels.

Assim como as artes e a filosofia, a história é uma das mais antigas atividades do homem. Sua função primeira é criar a memória social. Desta forma, o modo de se fazer história tem como objetivo final a reconstituição dos acontecimentos. Por conta disso, a história caracteriza-se pelo esforço de tratar de todas as esferas da existência ao mesmo tempo, daí o seu caráter abrangente.

As ciências, por sua vez, sacrificam a totalidade pela precisão. Seu objetivo final é a conceitualização, a explicação. Quanto mais rigoroso o recorte do objeto de cada ciência, mais precisa é a sua conceitualização, mais eficaz é a sua aplicação e, portanto, maior a sua capacidade de interferência no real. As ciências sociais surgiram na passagem do século XVIII para o XIX, com o objetivo de responder às demandas do mundo constituído após a revolução industrial e a revolução francesa. Seguindo a tendência das ciências em geral, cada uma das ciências sociais recortou uma esfera da existência (economia, sociedade, política, cultura) buscando explicar seus respectivos objetos para poder dominá-los racionalmente. Neste contexto, surgiu a economia política com o objetivo de explicar o capitalismo, a produção e distribuição da riqueza. Surgiu a sociologia com o objetivo de explicar as novas formas de sociabilidade diante do surgimento da sociedade urbano-industrial. Também surgiu a ciência política, com o objetivo de explicar o poder, como ele se conforma e se distribui nas sociedades e/ou no sistema de Estados. Por fim, surgiu a antropologia, com o objetivo de explicar os diferentes universos culturais do homem.

Karl Marx e Friedrich Engels viveram exatamente no século no qual as ciências sociais surgiram e começaram a se institucionalizar. Contudo, a visão dos dois autores foi na

¹ A discussão a seguir está baseada em NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA, Rogério Forastieri da. *Introdução: para a historiografia da Nova História*. In: NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA, Rogério Forastieri da (Orgs.). *Nova história em perspectiva*, Volume 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Ver também NOVAIS, Fernando Antônio. *Entrevista*. In: NOVAIS, Fernando Antônio. *Aproximações: ensaios de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

contramão da tendência de se pensar as ciências sociais. A especialização de uma ciência social para cada esfera da existência tem como pressuposto a

(...) *impossibilidade de conceitualização simultânea de todas as esferas da existência*. Ora, atuando no centro do processo – *in the heart of the matter* – Marx parte axiomáticamente do pressuposto *contrário*: todo seu imenso esforço visa *conceituar todas as esferas da existência*, para elaborar *uma* teoria da História.²

Produto da visão de mundo de Karl Marx e Friedrich Engels, o materialismo histórico buscava fundir a história com as ciências sociais. Na visão dos autores a história

(...) ora é vista como *base* para aferição de dados empíricos, ora como *síntese* englobante do conjunto das ciências do homem – e desse modo, a *história total* é vista como objetivo a ser alcançado. Mas nunca se explicita em que realmente consiste tal síntese, nem como se *historicizam* os conceitos.³

O materialismo histórico elaborado por Marx e Engels possui dois conceitos fundamentais: modo de produção e luta de classes⁴. Fernando Novais e Rogério Forastieri definem e articulam os dois conceitos da seguinte forma:

(...) modo de produção *não* é sinônimo de sistema econômico; (...) *modo de produção* tem de ser visto como *critério de periodização* da História, e portanto como *forma* de articulação das várias (de todas) esferas da existência. Noutros termos, são *estruturas* no interior das quais os conceitos operam de forma específica. Tarefa do historiador é identificá-las, diríamos que descobri-las, no curso dos acontecimentos, para reconstituí-las compreensivamente. Ou talvez, analisar e reconstituir segmentos no *interior* dessas estruturas globais. Já se vê, evidentemente, que também a *luta de classes*, que é o conceito fundamental, opera diferentemente no interior dos diversos modos de produção. Em suma: modos de produção definem as estruturas globais dentro das quais o processo histórico se desenrola; luta de classes abre caminho para a compreensão do movimento pelo qual essas estruturas se transformam. O primeiro conceito opera no plano sincrônico; o segundo conduz à diacronia. Estrutura e dinâmica.⁵

Muitos trabalhos historiográficos elaborados a partir do materialismo histórico são vistos como interpretação econômica da história, e acusados, em maior ou menor grau, de trabalhos “economicistas”. Essa visão, de acordo com Fernando Novais e Rogério Forastieri, decorre da confusão entre nível de realidade e esfera da existência. Em cada esfera da existência (economia, sociedade, política, cultura) é possível distinguir os três níveis da realidade: estrutura (longa duração), conjuntura (média duração) e acontecimento (curta

² NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA, Rogério Forastieri da. *Introdução... op. cit.*, p. 46-7.

³ NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA, Rogério Forastieri da. *Introdução... op. cit.*, p. 47.

⁴ Sobre o desenvolvimento do materialismo histórico ao longo das obras de Marx ver MARIUTTI, Eduardo Barros. *Balanco do debate: a transição do feudalismo ao capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 2004, cap. 7.

⁵ NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA, Rogério Forastieri da. *Introdução... op. cit.*, p. 51-2.

duração). Neste sentido, a articulação entre as esferas da existência não pode ser entendida como simples justaposição das instâncias e menos ainda como sua hierarquização causal. O economicismo ocorre quando se toma uma esfera da existência, no caso a economia, colocando-a exclusivamente em nível estrutural.

Marx esclarece em um trecho de *O Capital* o seu entendimento sobre o conceito de modo de produção não como mero sistema econômico, mas como modo de produção da vida, assim como a forma de articulação entre as esferas da existência em diferentes períodos históricos. Segundo o autor

(...) ‘a estrutura econômica da sociedade é a base sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas sociais de consciência’, de que ‘o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral’ – tudo isso seria correto para o mundo atual, onde dominam os interesses materiais, mais não seria válido nem para a Idade Média, onde dominava o catolicismo, nem para Atenas ou Roma, onde dominava a política (...) É claro que a Idade Média não podia viver do catolicismo, assim como o mundo antigo não podia viver da política. Ao contrário, é o modo como eles produziam sua vida que explica por que lá era a política, aqui o catolicismo que desempenhava o papel principal. Além do mais não é preciso grande conhecimento, por exemplo, da história da República romana para saber que a sua história secreta se encontra na história da sociedade fundiária. Por outro lado, Dom Quixote já pagou pelo erro de imaginar que a cavalaria Andante fosse igualmente compatível com todas as formas econômica de sociedade.⁶

Contudo, Marx e Engels não conseguiram chegar ao fim da sistematização dos conceitos com os quais estavam trabalhando. Todavia, a teorização simultânea de todas as esferas da existência, ou seja, “a investigação sobre o critério da *totalidade*: a idéia de que todas as instâncias da sociedade se articulam em uma *totalidade concreta* já está presente na *Ideologia alemã*, embora não se encontre plenamente desenvolvida.”⁷

Também na *Ideologia alemã*, Marx e Engels afirmam que o modo de produção capitalista destrói o isolamento das nações, transformando a história em “história mundial, de modo que, por exemplo, se na Grã-Bretanha é inventada uma máquina que na Índia e na China tira o pão a inúmeros trabalhadores e subverte toda a forma de existência desses impérios, tal invenção torna-se um fato histórico-mundial.”⁸ Neste sentido, o surgimento da grande indústria universalizou a concorrência criando pela primeira vez

⁶ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 157, nota 33.

⁷ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Balanço do debate... op. cit.*, p. 174.

⁸ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 40.

(...) os meios de comunicação e o moderno mercado mundial, submeteu a si o comércio, transformou todo o capital em capital industrial e gerou, com isso, a rápida circulação (o desenvolvimento do sistema monetário) e a centralização dos capitais. Criou pela primeira vez a história mundial, ao tornar toda nação civilizada e cada indivíduo dentro dela dependentes do mundo inteiro para a satisfação de suas necessidades, e suprimiu o anterior caráter exclusivista e natural das nações singulares.⁹

Além da visão do modo de produção capitalista como uma entidade histórico-mundial, também na *Ideologia Alemã* outro importante tema é abordado: a sociedade civil. Para Marx e Engels, a sociedade civil desempenha papel fundamental na história. Nas palavras dos autores, a sociedade civil “é o verdadeiro foco e cenário de toda história, e quão absurda é a concepção histórica anterior que descuidava das relações reais, limitando-se às pomposas ações dos príncipes e dos Estados.”¹⁰ Para os autores, a sociedade civil

(...) abarca o conjunto da vida comercial e industrial de um estágio e, nessa medida, ultrapassa o Estado e a nação, apesar de, por outro lado, ela ter de se afirmar ante o exterior como nacionalidade e se articular no interior como Estado. A palavra sociedade civil [*bürgerliche Gesellschaft*] surgiu no século XVIII, quando as relações de propriedade já haviam se libertado da comunidade antiga e medieval. A sociedade civil, como tal, desenvolve-se somente com a burguesia; com este mesmo nome, no entanto, foi continuamente designada com a organização social que se desenvolve diretamente a partir da produção e do intercâmbio e que constitui em todos os tempos a base do Estado e da restante superestrutura idealista.¹¹

Tendo a sociedade civil como foco e cenário da história, Marx e Engels mostram como uma classe revolucionária e sua ideologia se confrontam com a classe dominante:

(...) toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus determinados fins, a apresentar seu interesse como interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas idéias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas. A classe revolucionária, por já se defrontar desde o início com uma *classe*, surge não como classe, mas sim como representante de toda a sociedade; ela aparece como a massa inteira da sociedade diante de única classe dominante. Ela pode fazer isso porque no início seu interesse realmente ainda coincide com o interesse coletivo de todas as demais classes não dominantes e porque, sob a pressão das condições até então existentes, seu interesse ainda não pôde se desenvolver como interesse particular de uma classe particular. Por isso, sua vitória serve, também, a muitos indivíduos de outras classes que não alcançaram a dominação, mas somente na medida em que essa vitória coloque agora esses indivíduos na condição de se elevar à classe dominante.¹²

⁹ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã... op. cit.*, p. 60.

¹⁰ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã... op. cit.*, p. 39.

¹¹ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã... op. cit.*, p. 74.

¹² MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã... op. cit.*, p. 48-9.

Muitas das concepções de Marx e Engels presentes na *Ideologia Alemã* influenciaram o pensamento de Gramsci. A noção do modo de produção capitalista como uma entidade histórico-mundial e a abordagem da sociedade civil como foco e cenário da história, abarcando as atividades do Estado e da nação de modo a ultrapassar as suas fronteiras aparecem na concepção de hegemonia formulada por Gramsci. Trataremos do conceito de hegemonia a seguir.

1.2. O conceito de hegemonia em Antonio Gramsci

Para Gramsci, a hegemonia é caracterizada pelo compromisso assumido pelas classes dominantes perante os demais grupos sociais. Nas palavras do autor:

O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica.¹³

Segundo Gramsci, o exercício da hegemonia caracteriza-se pela combinação entre força e consenso,

(...) que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações –, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados. Entre o consenso e a força, situa-se a corrupção-fraude (que é características de certas situações de difícil exercício da função hegemônica, apresentando o emprego da força excessivos perigos) isto é, o enfraquecimento e a paralisação do antagonista ou dos antagonistas através da absorção de seus dirigentes, seja veladamente, seja abertamente (em casos de perigo iminente), com o objetivo de lançar a confusão e a desordem nas fileiras adversárias.¹⁴

Neste sentido, Gramsci observa a “dupla perspectiva” apresentada na ação política e estatal, característica correspondente à

(...) natureza dúplice do Centauro Maquiavélico, ferina e humana, da força e do consenso, da autoridade e da hegemonia, da violência e da civilidade, do momento individual e daquele universal (da “Igreja e do “Estado”), da agitação e da

¹³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 49.

¹⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 96-7.

propaganda, da tática e da estratégia, etc. Alguns reduziram a teoria da “dupla perspectiva” a algo mesquinho e banal, ou seja, a nada mais do que duas formas de “imediatricidade” que se sucedem mecanicamente no tempo, com maior ou menor “proximidade”. Ao contrário, pode ocorrer que, quanto mais a primeira “perspectiva” é “imediatíssima”, elementaríssima, tanto mais a segunda deva ser “distante” (não no tempo, mas como relação dialética), complexa, elevada, isto é, pode ocorrer como na vida humana: quanto mais um indivíduo é obrigado a defender a própria existência física imediata, tanto mais afirma e se coloca do ponto de vista de todos os complexos e mais elevados valores da civilização e da humanidade.¹⁵

A idéia de hegemonia formulada por ele possui influências de *O Príncipe* de Maquiavel. Na Itália de seu tempo, Gramsci buscava a construção de uma liderança e de uma base social capaz de se opor ao fascismo. Por isso, chamou à atenção do autor a questão da fundação de um novo Estado através da busca de uma liderança e de uma base social para unificar a Itália:

Enquanto Maquiavel considerava o príncipe individual, Gramsci considerava o príncipe moderno: o partido revolucionário engajado num diálogo constante e produtivo com sua própria base de apoio. Gramsci retirou de Maquiavel a imagem do poder como um centauro, metade homem, metade animal, uma combinação necessária de consentimento e coerção. Enquanto o aspecto consensual do poder está em primeiro plano, a hegemonia prevalece. A coerção está sempre latente, mas só é aplicada em casos marginais, anômalos. A hegemonia é suficiente para garantir o comportamento submisso da maioria das pessoas durante a maior parte do tempo. A conexão com Maquiavel libera o conceito de poder (e o de hegemonia como forma de poder) de um vínculo com determinadas classes sociais históricas e lhe permite uma esfera maior de aplicação às relações de domínio e subordinação (...). Mas isso não separa as relações de poder de sua base social (...), dirigindo sua atenção, ao contrário, para o aprofundamento da consciência dessa base social.¹⁶

Contudo, como determinado grupo social alcança a hegemonia? Como ela é formada? Essa questão aparece quando Gramsci discorre sobre o tema “relações de força”. O autor afirma ser necessário distinguir os diversos momentos das correlações de força e os deferentes graus de cada momento.

O primeiro momento das relações de força está relacionado com as estruturas objetivas da sociedade, suas forças materiais de produção e seus correspondentes agrupamentos sociais que refletem condições necessárias e suficientes para possíveis transformações sociais¹⁷.

¹⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 33-4.

¹⁶ COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método*. In: GILL, Stephen (Org.). *Gramsci: materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 105.

¹⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 40-1.

O segundo momento corresponde às forças políticas, ou seja, o grau de homogeneidade, autoconsciência e organização dos grupos sociais. O primeiro grau corresponde ao econômico-corporativo:

(...) um comerciante sente que *deve* ser solidário com outro comerciante, um fabricante com outro fabricante, etc; mas o comerciante não se sente ainda solidário com o fabricante; isto é, sente-se a unidade homogênea do grupo profissional e o dever de organizá-la, mas não ainda a unidade do grupo social mais amplo.¹⁸

O segundo grau é aquele que

(...) se atinge a consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, mas ainda no campo meramente econômico. Já se põe neste momento a questão do Estado, mas apenas no terreno da obtenção de uma igualdade político-jurídica com os grupos dominantes, já que se reivindica o direito de se participar da legislação e da administração e mesmo de modificá-las, de reformá-las, mas nos quadros fundamentais existentes.¹⁹

O terceiro grau é aquele no qual

(...) se adquire a consciência de que os próprios interesses corporativos, em seu desenvolvimento atual e futuro, superam o círculo corporativo, de grupo meramente econômico, e podem e devem tornar-se os interesses de outros grupos subordinados. Esta é a fase mais estritamente política, que assinala a passagem nítida da estrutura para a esfera das superestruturas complexas; é a fase em que as ideologias geradas anteriormente se transformam em “partido”, entram em confrontação até que uma delas, ou pelo menos uma única combinação delas, tenda a prevalecer, a se impor, a se irradiar por toda área social, determinando, além de unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral, pondo todas as questões em torno das quais ferve a luta num plano não corporativo, mas num plano “universal”, criando assim a hegemonia de um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinados. O Estado é certamente concebido como organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse grupo, mas esse desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de todas as energias “nacionais”, isto é, o grupo dominante é coordenado concretamente com os interesses gerais dos grupos subordinados e a vida estatal é concebida como uma contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (no âmbito da lei) entre os interesses do grupo fundamental e os interesses do grupo subordinado, equilíbrios em que os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até um determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo.²⁰

O terceiro momento é o das “relações de força” corresponde ao campo militar. Ela possui dois graus: o técnico militar e o político militar²¹.

¹⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 41.

¹⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 41.

²⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 41-2.

²¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 43.

O conceito de hegemonia é fundamental para se analisar a conformação particular e a dinâmica do antagonismo de classe em determinada sociedade, podendo ser transposto para se analisar as relações internacionais e a ordem mundial. Desde a segunda metade do século XX, o tema das relações internacionais se tornou um campo próprio de estudos. Seguindo a tendência da formação das ciências sociais, ao final do século XVIII, as relações internacionais se constituíram como uma disciplina própria, chegando a possuir o status de ciência, ao lado da economia, sociologia, antropologia e da própria ciência política, da qual se tornou independente. Segunda a clássica definição de Raymond Aron, o objeto de estudo das relações internacionais é a alternância entre paz e guerra no sistema internacional²². Ao mesmo tempo, o uso do conceito de hegemonia se tornou recorrente para se compreender as relações internacionais. Todavia, o uso deste conceito é feito de maneira muito livre, de forma a perder as suas conexões com os conceitos de modo de produção, luta de classes e de sociedade civil, escapando completamente do sentido atribuído a ele por Gramsci.

1.3. Hegemonia, relações internacionais e ordem mundial

Ao abordar a temática das relações internacionais, Gramsci seguiu a mesma lógica utilizada para a constituição do conceito de hegemonia. Para o autor, tanto a hegemonia quanto as relações internacionais devem ser apreendidas a partir das relações sociais. Assim como Marx e Engels concebem a sociedade civil como o verdadeiro foco e cenário da história, Gramsci acentua o papel das relações sociais fundamentais para a compreensão das relações internacionais. O comunista italiano colocou a questão da seguinte forma:

As relações internacionais precedem ou seguem (logicamente) as relações sociais fundamentais? Indubitavelmente seguem. Toda inovação orgânica na estrutura modifica organicamente as relações absolutas e relativas no campo internacional, através de suas expressões técnico-militares. Até mesmo a posição geográfica de um Estado nacional não precede, mas segue (logicamente) as inovações estruturais, ainda que reagindo sobre elas numa certa medida (exatamente na medida em que as superestruturas reagem sobre a estrutura, a política sobre a economia, etc.). De resto as relações internacionais reagem passiva e ativamente sobre as relações políticas (de hegemonia dos partidos). Quanto mais a vida econômica imediata de uma nação se subordina às relações internacionais, tanto mais um determinado partido representa esta situação e a explora para impedir o domínio dos partidos adversários (recordar o famoso discurso de Nitti sobre a revolução italiana tecnicamente impossível!). Desta série de fatos pode se chegar a conclusão de que, com frequência, o chamado “partido estrangeiro” não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mas precisamente o partido mais nacionalista que, na realidade, mais do que representar as forças vitais do próprio país, representa sua

²² Cf. ARON, Raymond. *Estudos Políticos*. 2ª edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 375 e seguintes.

subordinação e servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas (...)²³.

Ao analisar o terceiro grau do momento corresponde às forças políticas, Gramsci acentua que a correlação de forças internas ao Estado nacional se entrelaçam com as relações internacionais:

Deve-se ainda levar em conta que estas relações internas do Estado-Nação entrelaçam-se com as relações internacionais, criando novas combinações originais e historicamente concretas. Uma ideologia nascida num país mais desenvolvido, difunde-se em países menos desenvolvidos, incidindo no jogo local das combinações (...). Esta relação entre as forças internacionais e forças nacionais torna-se ainda mais complexa por causa da existência, no interior de cada Estado, de várias seções territoriais com estruturas diferentes e diferentes relações de força em todos os graus (...)²⁴

O cientista político canadense Robert Cox formula uma teoria crítica das relações internacionais em oposição às tradicionais teorias das relações internacionais reduzidas ao que o próprio autor chama de “teorias de resolução de problemas”, cuja origem remete a leituras estruturalistas do realismo político e do materialismo histórico. Autores clássicos como Hans Morgenthau e Kenneth Waltz estão entre os autores criticados. Em seus trabalhos, Robert Cox concilia as idéias de Gramsci com as idéias da Escola da Frankfurt, especialmente de Max Horkheimer. Apesar de estarem no campo do marxismo, existem algumas incompatibilidades epistemológicas entre as idéias de Gramsci e Horkheimer, deixando a teoria crítica das relações internacionais sujeita a questionamentos. Além disso, o próprio cientista político canadense não se diz um marxista, apesar de ser um tributário das idéias de Marx²⁵. Apesar dos problemas, as idéias de Robert Cox são muito valiosas, particularmente para o estudo dos conceitos de hegemonia e ordem mundial.

Embora não utilize o termo totalidade, Robert Cox analisa o materialismo histórico de Gramsci como um método de se analisar a história de modo a rejeitar o mecanicismo e a interpretação economicista dos fatos. Nas palavras de Cox:

A justaposição e as relações recíprocas das esferas política, ética e ideológica de atividade com a esfera econômica evitam o reducionismo. Isso impede que tudo seja reduzido tanto à economia (economicismo) quanto às idéias (idealismo). No materialismo histórico de Gramsci (que ele tinha o cuidado de distinguir do que chamava de “economicismo histórico”, ou uma interpretação estreitamente

²³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 20.

²⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel... op. cit.*, p. 42-3.

²⁵ Sobre as afirmações de Robert Cox e as incompatibilidades epistemológicas entre o pensamento de Gramsci e de Horkheimer ver PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes. *Gramsci e a teoria crítica das relações internacionais*. Revista Novos Rumos, Vol. 50, nº. 2. Marília, FFC/Unesp-Marília, 2013.

econômica da história), as idéias e as condições materiais andam sempre de mãos dadas, influenciando-se mutuamente, e não podem ser reduzidas umas às outras. As idéias tem de ser compreendidas em relação às circunstâncias materiais, as quais incluem tanto as relações sociais quanto os meios físicos de produção. Superestruturas de ideologias e de organização política moldam o desenvolvimento de ambos os aspectos da produção e são por eles moldadas.²⁶

Para Robert Cox²⁷, Gramsci concebe o Estado e a sociedade civil como uma estrutura sólida. Por isso, Gramsci ampliou a sua definição de Estado nas sociedades as quais alguma classe social havia alcançado a hegemonia. Além do aparato administrativo, executivo e coercitivo, a noção de Estado deve incluir as bases da estrutura política da sociedade civil tais como as instituições religiosas, o sistema educacional, a imprensa e todas as instituições responsáveis por “criar nas pessoas certos tipos de comportamento e expectativas coerentes com a ordem social hegemônica”.

Segundo Robert Cox²⁸, as tradicionais teorias das relações internacionais abordam o Estado e sociedade civil como esferas distintas de atividade humana. Neste sentido, o Estado corresponde às funções de manutenção da paz na sua face interna, defesa frente ao exterior e das condições necessárias para o funcionamento do mercado. A sociedade civil corresponde à esfera formada por indivíduos em uma sociedade regida por contratos e relações de mercado. A política externa é vista como pura expressão dos interesses de Estado.

Seguindo a sua argumentação, Robert Cox²⁹ afirma que o materialismo histórico é capaz de expandir a perspectiva do realismo, concebendo um novo tipo de relação entre Estado e sociedade civil. Os marxistas, assim como os não marxistas, são divididos entre aqueles que abordam o Estado como mera expressão de interesses particulares da sociedade civil e aqueles que abordam o Estado como força autônoma, expressando alguma forma de interesse geral. Este interesse geral, para alguns marxistas, seria o interesse geral do capitalismo tomado como interesse particular dos capitalistas. Gramsci contrasta essa perspectiva que reduz tudo a interesses tecnológicos ou materiais (chamado por Gramsci de economicismo histórico) ao materialismo histórico, cuja conceitualização reconhece a eficácia da ética e da cultura, pensados conjuntamente com a economia, para a ação política. A percepção da recíproca relação entre as esferas da existência no pensamento de Gramsci

²⁶ COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais...* op. cit., p. 111.

²⁷ COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais...* op. cit., p. 104 e 110.

²⁸ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders: beyond international relations theory*. In: Cox, Robert W & Sinclair, Timothy J (Orgs.). *Approaches to world order*. New York: Cambridge University Press, 1996, p. 86.

²⁹ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders...* op. cit., p. 96.

possibilita considerar o complexo Estado/sociedade como a entidade constitutiva da ordem mundial e para explorar a forma histórica particular assumida por este complexo.

A problemática da relação entre Estado e sociedade civil permanece quando o conceito de hegemonia é utilizado no campo das relações internacionais. O Estado é concebido como esfera autônoma da sociedade civil e como ator principal na maior parte das teorias das relações internacionais. Neste sentido, o conceito de hegemonia é utilizado sem qualquer relação com o materialismo histórico, tornando-se sinônimo de dominação e sendo reduzido a relações e ordens entre Estados. Neste sentido, é necessário diferenciar dois significados do conceito de hegemonia. Nas palavras de Robert Cox:

O que continua complicando esse debate é a falta de diferenciação entre os dois significados de “hegemonia”. Um deles, usualmente utilizado na produção teórica de relações internacionais é o domínio de um Estado sobre os outros, a capacidade de o Estado dominante determinar as condições em que as relações interestados serão conduzidas, e também determinar os resultados dessas relações. O outro significado, fundamentado no pensamento de Antonio Gramsci é um caso especial de domínio: ele define a condição de uma sociedade mundial e de um sistema de Estados no qual o Estado dominante e as forças sociais dominantes sustentam a sua posição aderindo a princípios universalizados que são aceitos ou consentidos por um número suficiente de Estados e forças sociais subordinados. Este segundo significado implica liderança intelectual e moral. O forte faz determinadas concessões para obter consentimento do mais fraco.³⁰

A formulação do conceito de hegemonia nos termos do materialismo histórico deve pensar o Estado em conjunto com a sociedade civil. Conforme discutido na seção anterior, o capitalismo se constituiu como um modo de produção global. A sociedade civil, por sua vez, abarca a vida como um todo, ultrapassando as fronteiras do Estado e da nação. Neste sentido, a maneira mais adequada de conceber o conceito de hegemonia é atribuindo a ele as dimensões global e total dos conceitos anteriores:

(...) a hegemonia no plano internacional não é apenas uma ordem entre Estados. É uma ordem no interior de uma economia mundial com um modo de produção dominante que penetra todos os países e se vincula a outros modos de produção subordinados. É também um complexo de relações sociais internacionais que une as classes sociais de diversos países. A hegemonia mundial pode ser definida como uma estrutura social, uma estrutura econômica e uma estrutura política e não pode ser apenas uma dessas estruturas: tem de ser todas as três ao mesmo tempo. Além disso, a hegemonia mundial se expressa em normas, instituições e mecanismos universais que estabelecem regras gerais de comportamento para os Estados e para as forças da sociedade civil que atuam além das fronteiras nacionais – regras que apóiam o modo de produção dominante.³¹

³⁰ COX, Robert W. *Questões estruturais de um governo global: implicações para Europa*. In: GILL, Stephen (Org.). *Gramsci: materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 374.

³¹ COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais... op. cit.*, p. 118-9.

O conceito de ordem mundial é correlato ao conceito de hegemonia. Robert Cox define uma ordem hegemônica mundial da seguinte forma:

O conceito hegemônico de ordem mundial não se baseia apenas na regulação do conflito interestados, mas também numa sociedade civil concebida globalmente, isto é, num modo de produção de extensão global que gera vínculos entre as classes sociais dos países nela incluídos.³²

Neste sentido, é importante diferenciar ordens mundiais hegemônicas de ordens mundiais não hegemônicas. Segundo Cox³³ o período 1848-1875 foi um período de ordem mundial hegemônica, sob liderança britânica. O período 1875-1945 correspondeu a uma ordem mundial não hegemônica. O período 1945-1965 foi um período de ordem mundial hegemônica, sob liderança dos Estados Unidos. Já o período pós 1965 foi um período de ordem mundial não hegemônica.

Enfim, as ideias de Robert Cox acentuam as forças sociais, as formas de Estado e as ordens mundiais para a compreensão da hegemonia e das relações internacionais. Suas idéias superam as tradicionais teorias das relações internacionais centradas nos Estados nacionais. Apesar de algumas restrições, eu creio ser possível utilizar os conceitos do autor canadense e tentar (re) traduzi-las para uma perspectiva da luta de classes para analisar as transformações ocorridas ao longo do século XX e no início do século XXI.

³² COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais... op. cit.*, p. 118.

³³ COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais... op. cit.*, p. 115-9.

Capítulo II – Antagonismo de classes e ordens mundiais no breve século XX

2.1. O colapso da civilização ocidental e a emergência de três projetos políticos

O início do século XX reflete a imagem da civilização ocidental capitalista, liberal e burguesa constituída no longo século XIX:

Tratava-se de uma civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado (...)³⁴

Além disso, a civilização ocidental capitalista foi marcada por um longo período de paz também construída ao longo do século XIX. Nas palavras de Polanyi:

O século XIX produziu um fenômeno sem precedentes nos anais da civilização ocidental, a saber, uma paz que durou cem anos – 1815-1914. Além da Guerra da Crimeia – um acontecimento mais ou menos colonial – A Inglaterra, a França, a Prússia, a Áustria, a Itália e a Rússia, estiveram em guerra uns com os outros apenas durante dezoito meses. Computando as cifras comparativas dos dois séculos anteriores, temos uma média de 67 anos de grandes guerras para cada um. Entretanto, mesmo a mais violenta dentre as conflagrações do século XIX, a Guerra Franco-Prussiana, de 1870-1871, terminou em menos de um ano, e a nação derrotada teve condições de pagar uma soma sem precedentes como indenização de guerra, sem que isso incidisse em qualquer perturbação para as moedas existentes.³⁵

Contudo, por trás desta aparente paz, uma série de transformações estava ocorrendo. No final do século XIX, foram formadas as grandes corporações a partir da fusão do capital bancário com o capital industrial e a união destes com o Estado³⁶, engendrando a simbiose entre a rivalidade intercapitalista com a interestatal, típica do imperialismo³⁷.

Após o triunfo do período hegemônico, a Grã-Bretanha entrou em inexorável decadência durante o período 1873-96. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos e a Alemanha

³⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 16.

³⁵ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 5.

³⁶ Sobre a fusão entre o capital bancário, o capital industrial ver HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro*. Os economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 27, 219, 227 e 283. Sobre a união destes capitais com o Estado ver LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: Fase superior do capitalismo*. 4ª edição, São Paulo: Centauro, 2008, p.42; Ver também HOBBSAWM, Eric. *A Era dos impérios, 1875-1914*. 11ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2007, cap. 13.

³⁷ Cf. MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida. Texto para discussão 240*. Campinas: IE/Unicamp, Junho 2014, p. 11-2.

superaram a Grã-Bretanha na produção de aço entre 1890 e 1895. Enquanto a maior parte dos países sofria com a estagnação, para os Estados Unidos e a Alemanha o período foi marcado por um avanço extraordinário. A Grã-Bretanha deixou de ser a oficina do mundo para se tornar apenas a mais fraca das três maiores potências industriais. Apesar disso, os britânicos continuaram a exercer os papéis de comerciante, exportador e banqueiro do mundo³⁸.

Os desafios dos Estados Unidos e da Alemanha comprometeram a hegemonia da Grã-Bretanha. A supremacia naval britânica foi contestada pelas duas novas potências globais. Além disso, a riqueza, dimensão e recursos dos Estados Unidos minaram a capacidade da Grã-Bretanha de ocupar o centro da economia mundial. Todas essas questões levaram a uma nova disputa pela hegemonia mundial³⁹.

A partir de 1914, a civilização ocidental capitalista entrou em colapso, fato caracterizado por Hobsbawm como a Era da Catástrofe. A Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial assinalaram o fim da civilização ocidental centrada na Europa herdada do século XIX.

Com a Primeira Guerra Mundial inicia-se a Era da Guerra Total. Ao contrário das guerras anteriores, a guerra total tem como especificidade o fato de usar o conjunto das forças produtivas da sociedade e de ser travada em torno de objetivos ilimitados. A rivalidade entre os beligerantes se modelava no crescimento e competição sem limites de suas grandes corporações. Neste sentido, os dois principais oponentes do conflito, a Alemanha e a Grã-Bretanha, travaram uma guerra que só podia ser vencida por inteiro ou perdida por inteiro⁴⁰.

Com a Primeira Guerra Mundial a industrialização da guerra ficou patente. O emprego da grande indústria como suporte às Forças Armadas se generalizou dentre as grandes potências desde o final do século XIX. As novas tecnologias permitiram o surgimento de novos armamentos como aviões, submarinos e tanques blindados. Mas o principal feito da industrialização da guerra foi a capacidade de produzir uma enorme quantidade de armas e munições em larga escala e em série⁴¹.

Uma guerra desta magnitude envolve toda a sociedade dos países beligerantes. A economia passa a ser orientada para a guerra. Os custos do conflito e a alocação de recursos

³⁸ HOBBSAWM, Eric. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Forense, 2013, p. 118-9; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 70.

³⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 59; COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 104.

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 37.

⁴¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social: a luta social em um período de transição*. In: VIEIRA, Rosângela de Lima. *O Brasil, a China e os EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 115-6.

exigem um planejamento cada vez maior. Aos poucos, foi ficando claro aos governos que tamanho empreendimento exige controle sobre a economia e o seu planejamento. A maioria dos cidadãos é mobilizada a participar dos esforços de guerra, seja nos campos de batalha ou na produção de armamentos e insumos. A guerra total impõe enormes tensões à força de trabalho, possibilitando o fortalecimento da classe trabalhadora organizada e trazendo as mulheres para o mundo do trabalho⁴².

O esforço de guerra não recaiu apenas sobre o proletariado industrial. As classes não proprietárias como um todo também foram importantes na gestão da guerra e do Estado. Além disso, a distinção entre combatentes e não combatentes perde a nitidez em uma guerra total. Toda a população se torna não apenas vítima, mas objetivo das operações militares ou político-militares. Isso possibilitou o aumento do poder das classes não proprietárias na luta para que a sua sobrevivência também fosse garantida pelo Estado através de mecanismos de proteção social. As reivindicações das classes não proprietárias geraram protestos e rebeliões populares durante a Primeira Guerra Mundial. A relação entre governantes e governados estava se transformando. A Revolução Russa se tornou rapidamente o foco irradiador destas tensões⁴³. O planejamento econômico imposto pela guerra total aos governos colocou em pauta a seguinte questão: seria possível colocar esse planejamento para a construção de uma sociedade igualitária?

Conforme afirma Hobsbawm, a Revolução Russa de 1917 é filha da Primeira Guerra Mundial. Antes mesmo da Revolução Russa, muitos achavam óbvio que a velha economia e sociedade estavam condenadas. A humanidade estava à espera de uma alternativa. Os partidos socialistas apoiados pela classe trabalhadora estavam em expansão na maioria dos países da Europa. Eles acreditavam na inevitabilidade histórica da sua vitória. A Revolução de Outubro de 1917 pareceu o sinal para os povos se levantarem e substituírem o capitalismo pelo socialismo. A Revolução de Outubro não fora feita para construir o socialismo na Rússia, mas para iniciar uma campanha pela revolução socialista mundial⁴⁴.

Ao mesmo tempo, a Rússia não tinha condições de ser socialista. As condições para esta transformação não estavam presentes em um país camponês, pobre e atrasado. Isto estava claro para Lênin, para os demais marxistas russos e para os marxistas não russos. A Revolução Russa necessariamente tinha de se espalhar para outros lugares. Contudo, o colapso gerado pela Primeira Guerra Mundial tornou provável a revolução mundial. A crise

⁴² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 51-3.

⁴³ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 64-5; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 23-4.

⁴⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 62-3.

política e a inquietação social tomaram a Europa. A pressão do conflito aumentou o sentimento contra a guerra. Em 1916, arrefeceu o impulso nacionalista que levou a maior parte da população a apoiar a guerra. Os partidos políticos dos países beligerantes que tinham apoiado o conflito reverteram a sua posição. Os movimentos trabalhistas organizados também endossaram o movimento contra a guerra. Alguns sindicalistas da Grã-Bretanha e da Alemanha chegaram ao radicalismo. Os trabalhadores da indústria naval da Rússia e da Alemanha transformaram as principais bases navais de seus países em centros da revolução⁴⁵.

Com a Revolução de Outubro de 1917, os desejos de paz e revolução social se fundiram. A maior parte das cartas que camponeses e operários trocavam com as suas famílias dizia que a paz viria da Rússia, da revolução social ou de uma combinação dos dois. A crise política e a inquietação social permaneceram mesmo depois do fim da guerra. A derrota da Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária levaram os seus governantes a perderem seus tronos. Até mesmo os países vencedores da guerra foram atingidos pelo foco revolucionário. Na França, houve um motim naval no Mar Negro que deteve os soldados franceses que partiram para lutar contra os bolcheviques na Guerra Civil Russa. Na Itália, a inquietação social quase levou a uma revolução. Com a Revolução Russa “toda a Europa se tornara um monte de explosivos sociais prontos para ignição”⁴⁶.

A Revolução Russa inspirou homens e mulheres revolucionários, movimentos trabalhistas e socialistas em todo mundo, independentemente de suas ideologias. Empregados da indústria de tabaco em Cuba, a esquerda anarquista na Espanha, nacionalistas no México e na Indonésia, movimentos estudantis em Pequim e em Córdoba, na Argentina, e tosquiadores de ovelha na Austrália. Todos eles, de alguma maneira, se identificaram com a Revolução Russa. A Revolução repercutiu até mesmo nos Estados Unidos. A comunidade finlandesa se converteu em massa ao comunismo, chegando a fazer comícios falando sobre Lênin nos assentamentos mineiros em Minnesota. “Em suma, a Revolução de Outubro foi universalmente reconhecida como um acontecimento que abalou o mundo”⁴⁷

Além disso, a Revolução Russa inspirou outras revoluções. Em janeiro de 1918, uma onda de greves e manifestações pacifistas varreu a Europa Central. No Império Austro-Húngaro, estes movimentos começaram em Viena, se espalharam para Budapeste e para as regiões tchecas da Alemanha, culminando na revolta de marinheiros austro-húngaros no Mar Adriático. Em setembro de 1918, na Bulgária, os soldados camponeses marcharam sobre

⁴⁵ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 64-6.

⁴⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 65-6.

⁴⁷ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 71-3.

Sofia, proclamando uma república, mas foram desarmados com a ajuda do exército alemão. Em novembro de 1918, marinheiros e soldados alemães espalharam a revolução da base naval de Kiel, norte da Alemanha, para todo o país. Até mesmo no Império Otomano os soldados camponeses se inclinaram à revolução⁴⁸.

A publicação dos Catorze Pontos do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, foi a primeira tentativa deliberada das potências ocidentais de bloquear a Revolução Russa. Os Catorze Pontos propunham a autodeterminação dos povos em bases nacionais. Era uma cartada nacionalista com o objetivo de conter o apelo da revolução mundial de Lênin. Seguindo as propostas de Wilson, vários pequenos Estados nacionais surgiram no lugar do Império Austro-Húngaro e do Império Otomano. Esses novos países formariam uma espécie de cinturão de quarentena contra o “vírus vermelho”. A Grã-Bretanha e a França aderiram aos planos de paz nos termos propostos pelos Estados Unidos: era preferível a divisão do centro e do sudeste da Europa em vários novos pequenos Estados nacionais do que os perigos da Revolução Bolchevique mundial⁴⁹.

Contudo, a revolução mundial idealizada pelos bolcheviques não aconteceu. Em grande medida, o impulso revolucionário foi desarmado com a chegada da paz. O estabelecimento de novos pequenos Estados nacionais conforme o proposto por Woodrow Wilson diminuiu o espaço da Revolução Bolchevique. Em 1918, uma república socialista de curta vida foi proclamada na Baviera. Em 1919, uma república soviética foi anunciada em Munique, mesmo período no qual se tentou formar uma república soviética na Hungria. Ambas das revoluções foram brutalmente eliminadas⁵⁰.

Apesar do impacto da Revolução Russa, a Alemanha estava em considerável estabilidade social e política. O movimento operário alemão era forte, mas no fundo, moderado. Mesmo diante das pressões da guerra total, a maior parte dos soldados, marinheiros e operários revolucionários permaneceu moderada. Após a derrota da Alemanha na guerra, o velho regime estava de volta na forma de uma república. Os socialistas, ao não conseguirem a maioria dos votos nas primeiras eleições, não representaram séria ameaça. O mesmo valia para o recém-formado Partido Comunista da Alemanha. Além disso, os líderes comunistas Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram assassinados. Todavia, a decepção com os social-democratas radicalizou os trabalhadores alemães. Muitos deles se tornaram

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 73-4.

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 73; ANDERSON, Perry. *Força e consentimento: aspectos da hegemonia americana. Estudos de sociologia*, Araraquara, v. 15, 2003, p. 8; ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 66.

⁵⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 71, 73-5.

leais aos socialistas independentes. Mas, a partir de 1920, muitos trabalhadores se transferiram para o Partido Comunista da Alemanha, o maior partido comunista fora da Rússia. Apesar das derrotas nas tentativas de se espalhar a Revolução Bolchevique e da onda revolucionária estar baixando, os líderes de Moscou mantiveram a esperança de uma revolução na Alemanha até fins de 1923⁵¹.

Embora a Europa estivesse longe da estabilidade social, a partir de 1920 estava claro que a Revolução Bolchevique não estava nos planos do Ocidente. As esperanças de revolução passaram para a Ásia. Por fim, quando Stalin assumiu o controle do Partido Comunista soviético, os interesses de Estado da União Soviética prevaleceram sobre os interesses da revolução mundial. A partir de então, qualquer revolução só seria tolerada caso não conflitasse com o interesse estratégico da União Soviética e pudesse ser submetida ao seu controle direto. Ainda assim, a União Soviética continuava a ser vista como algo a mais que uma grande potência: sua razão de existir era a emancipação universal e a construção de uma alternativa melhor que a sociedade capitalista. Para tanto, os burocratas soviéticos continuaram a financiar e armar movimentos revolucionários em todo o mundo⁵².

A Crise de 1929 foi mais uma catástrofe que abalou fortemente as instituições políticas da sociedade ocidental, liberal e burguesa constituída ao longo século XIX. Ela destruiu toda a esperança de se restaurar a economia e a sociedade nos moldes do século anterior. Foi uma crise de extraordinária universalidade e profundidade, iniciada com a quebra da bolsa de valores de Nova York. A recessão dos Estados Unidos logo contaminou a Alemanha, grande receptora de capital de curto prazo estadunidense. A Grande Depressão se tornou literalmente global, atingindo praticamente todos os países e as colônias, levando a economia mundial à beira do colapso. A queda generalizada de preços atingiu a indústria de alimentos, matérias primas e produtos industrializados, reduzindo drasticamente a produção como um todo. O comércio mundial multilateral, no qual se acreditava repousar a prosperidade do mundo, caiu para 60%. Cada vez mais os países erguiam barreiras para proteger seus mercados e moedas. Em 1931-2 os países centrais abandonaram o padrão-ouro e a própria Grã-Bretanha abandonou o livre comércio⁵³.

A classe trabalhadora foi duramente afligida pela Grande Depressão. O desemprego atingiu escalas inimagináveis, perdurando por um período jamais visto. Nesta época, eram escassos ou simplesmente não existiam mecanismos de proteção social. O

⁵¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 74-5.

⁵² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 76-8.

⁵³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 95-9 e 111.

desemprego em massa logo se tornou realidade e se mostrou um mal quase tão perverso quanto a guerra. As marchas de fome e as filas de sopa eram imagens comuns neste período. O velho liberalismo baseado na crença da otimização de livres mercados não era mais capaz de resolver os problemas econômicos e sociais. “O velho liberalismo estava morto, ou parecia condenado. Três opções competiam agora pela hegemonia intelectual-política”⁵⁴.

Uma opção política era o comunismo marxista. A União Soviética, que rompera com o capitalismo, parecia imune à Grande Depressão. Enquanto os países capitalistas sofriam com o desemprego e viam as suas economias estagnar ou diminuir o produto industrial, a União Soviética avançava em uma rápida e maciça industrialização, ao menos triplicando a sua produção industrial e sem passar pelo desemprego. O segredo do comunismo soviético parecia ser os seus Planos Quinquenais, inspiradores do planejamento econômico nos países capitalistas⁵⁵.

Outra opção política era um capitalismo reformado através dos vínculos estabelecidos pelas classes dominantes com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas. A Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a responder às necessidades da classe trabalhadora, priorizando as questões sociais em suas políticas de Estado. Os perigos de não levar em consideração as necessidades dos trabalhadores eram as ameaçadoras radicalizações vindas tanto da esquerda quanto da direita. As classes dominantes não deixaram de notar a entrada dos desempregados alemães para o Partido Comunista alemão, que cresceu quase tão rapidamente quanto o Partido Nazista durante a Grande Depressão⁵⁶.

Neste sentido, as classes dominantes e dirigentes abandonaram a sua crença na alocação de recursos pelo livre mercado. Os governos ocidentais iniciaram programas de combate ao desemprego e proteção à classe trabalhadora. Os programas incluíam subsídios à agricultura, garantia de preços mínimos, manutenção de cada vez mais altas barreiras alfandegárias e compra dos excedentes dos agricultores. Os Estados Unidos chegaram a pagá-los para não produzir após 1933. Modernos e abrangentes sistemas previdenciários foram montados na Europa e nos Estados Unidos. Este último, sob o *New Deal* de Roosevelt, foi um dos países pioneiros a tratar da questão previdenciária com a aprovação da Lei de Seguridade

⁵⁴ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 97-9 e 111.

⁵⁵ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 100-1 e 111.

⁵⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 98-9 e 111.

Social de 1935. Foi durante a Grande Depressão que o Estado do Bem-estar Social (*Welfare State*) começou a ser desenvolvido⁵⁷.

Contudo, um capitalismo privado da sua crença na alocação de recursos pelo livre mercado e reformado através dos vínculos estabelecidos com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas era visto pelas classes dominantes como algo temporário. Era uma realidade imposta pelo colapso da civilização ocidental capitalista, liberal e burguesa diante do caos provocado pela Primeira Guerra Mundial, pela Revolução Russa, pela Crise de 1929 e pela Grande Depressão e devido aos fracassos retumbantes do clássico liberalismo de antever e resolver os problemas econômicos e sociais. Havia o sentimento de que, ao término da Grande Depressão, jamais se deveria permitir a volta de tal situação⁵⁸.

A terceira opção política era o fascismo. O seu primeiro movimento ocorreu na Itália, mas não exerceu grande influência internacional até o triunfo de Hitler na Alemanha em 1933. O fascismo era um movimento nacionalista, anticomunista e antiliberal. A sua grande diferença com a relação à direita tradicional reside no fato dos fascistas serem capazes de mobilizar as massas. Os fascistas eram, para usar uma frase se efeito criada por Hobsbawm, revolucionários da contrarrevolução e adotaram uma retórica de volta ao passado e aos valores tradicionais, como sangue e solo, valores que estavam sendo destruídos pela modernidade. Porém, eles não apelaram à Igreja e ao rei: guardiões históricos da ordem conservadora. Apesar de hostil às heranças do Iluminismo e da Revolução Francesa, o fascismo estava empenhado na busca da modernização e do avanço tecnológico. A razão do seu surgimento após a Primeira Guerra Mundial foi o colapso dos velhos regimes e das velhas classes dominantes. Onde as antigas classes dominantes mantiveram a ordem bastou a direita tradicional para a manutenção do poder e o fascismo não foi necessário⁵⁹.

Porém, na Itália e na Alemanha, as condições eram diferentes. Com o colapso das antigas classes dominantes, os mecanismos de manutenção de poder através da direita tradicional não funcionavam mais. Nas palavras de Hobsbawm:

As condições ideais para o triunfo da ultra direita alucinada eram um Estado velho, com seus mecanismos dirigentes não mais funcionando; uma massa de cidadãos desencantados, desorientados e descontentes, não mais sabendo a quem ser leais; fortes movimentos socialistas ameaçando ou parecendo ameaçar com a revolução social, mas não de fato em posição de realizá-la; e uma inclinação do ressentimento

⁵⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 99, 100 e 111; DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. 9ª edição, Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 386.

⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 111.

⁵⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 112, 119, 120-1-2, 129 e 131.

nacionalista contra os tratados de paz de 1918-20. Essas eram as condições sob as quais as velhas elites governantes desamparadas sentiam-se tentadas a recorrer aos ultra radicais, como fizeram os liberais italianos aos fascistas de Mussolini em 1920-2, e os alemães aos nacional-socialistas de Hitler em 1933.⁶⁰

Especificamente na Alemanha, o fascismo sob a bandeira do nacional-socialismo expurgou as velhas elites imperiais. O regime se consolidou através de um programa para as massas contemplando férias, esportes e o carro popular. A hostilidade do fascismo ao livre mercado permitiu a mais rápida e bem-sucedida recuperação da Grande Depressão: a principal realização do nacional-socialismo alemão. O êxito do fascismo teve grande repercussão na Europa, acentuando o colapso das instituições políticas da sociedade ocidental, liberal e burguesa constituída ao longo século XIX⁶¹.

Por fim, o fascismo provocou uma aliança temporária e até mesmo bizarra entre capitalismo e comunismo no combate às potências do Eixo. Assim como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial também foi uma guerra total. Também foi uma guerra sem limites: era uma luta de vida ou morte entre os países envolvidos. O preço da derrota poderia ser a escravização e o extermínio. As perdas são incalculáveis, mas estima-se que a Segunda Guerra Mundial teve um número de mortes, entre civis e militares, quatro vezes maior que a Primeira Guerra Mundial. Além disso, o contraste entre as duas guerras na proporção de vítimas civis é dramático. Na Primeira Guerra Mundial 5% das vítimas eram civis. Na Segunda Guerra Mundial a proporção subiu para 66%⁶².

O mundo saiu de uma longa e terrível guerra em 1945. O campo de batalha abrangeu grande parte da Europa, Sudeste da Ásia, o Extremo Oriente e o norte da África. De um extremo a outro, os países passaram por enorme devastação de humana e material. Havia fome na Europa e na Ásia. Poucos lugares saíram da Segunda Guerra Mundial sem danos. Os Estados Unidos foram o único país importante a sair da guerra com a infra-estrutura e indústria intactas. As indústrias estadunidenses não foram bombardeadas e atingiam níveis de eficiência ainda maiores devido à mobilização e ao planejamento do período da guerra⁶³.

A Europa estava deixando de ser o centro do mundo ao final da Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, as duas guerras mundiais foram muito benéficas para os Estados Unidos. O país já era a maior economia industrial do planeta em 1914, embora ainda não

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 130.

⁶¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 112 e 131.

⁶² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 17 e 50; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 24.

⁶³ WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.183-4.

fosse a economia dominante. O crescimento econômico estadunidense foi extraordinário nas duas guerras mundiais, especialmente na segunda. Em ambas das guerras, o país se beneficiou do fato do seu próprio território não ser o palco principal das batalhas e de serem o principal arsenal dos seus aliados. Além disso, os Estados Unidos foram capazes de organizar e expandir a sua produção como nenhum outro país. A sua economia se tornou preponderante a partir de 1945, respondendo por 40% da produção industrial do mundo⁶⁴.

A União Soviética emergiu dos escombros da Segunda Guerra Mundial como segunda superpotência, embora estivesse com a economia arruinada. Sem dúvida, a sua vitória sobre a Alemanha foi uma realização da Revolução de Outubro de 1917. Basta comparar a sua atuação com a atuação da Rússia czarista da Primeira Guerra Mundial. Ironicamente, a Revolução de Outubro, cujo objetivo era derrotar do capitalismo, acabou por salvar seu antagonista. A União Soviética incentivou o capitalismo a se reformar pelo medo da revolução proletária e foi indispensável na luta contra o Eixo. Depois de sobreviver à grande depressão, ao fascismo e à guerra, o capitalismo tinha de enfrentar o avanço da revolução mundial, que só podia vincular-se com a União Soviética, centro político do movimento comunista mundial. Após a derrota do fascismo, mais uma vez capitalismo e comunismo se prepararam para enfrentar um ao outro como inimigos mortais⁶⁵.

2.2. A constituição da hegemonia estadunidense na primeira fase da Guerra Fria

Os planejadores dos Estados Unidos estabeleceram um pilar estratégico fundamental formado por dois princípios para as relações internacionais desde meados do século XIX. O primeiro princípio é da inviolabilidade territorial, garantida pela “superioridade militar absoluta em forças terrestres no continente norte-americano, amparadas por uma marinha com presença praticamente global”. O segundo princípio estratégico funciona como uma garantia ao primeiro. Consiste em prevenir a formação de uma hegemonia regional na Europa e na Ásia através da “manipulação do equilíbrio de poder e de uma combinação entre coerção e sedução econômica”. Washington seguiu essa estratégia básica desde o século XIX

⁶⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 23 e 55; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 61.

⁶⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 17, 55, 177; WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 186.

até a ordem mundial do pós-Guerra Fria, com variações táticas de acordo com as tensões sociais internas e com as mudanças na ordem mundial⁶⁶.

Embora tivesse forte atuação na América e na Ásia, os Estados Unidos eram uma potência mais regional do que global no século XIX. Mas a Era da Catástrofe, especialmente a destruição das potências da Europa e do Japão durante a Segunda Guerra Mundial, mudaram o panorama. Esses eventos elevaram os Estados Unidos à condição de potência mundial, permitindo às classes dominantes do país vislumbrar um aumento do seu raio de ação. Uma capacidade de atuação global exigiu um reajuste no pilar estratégico fundamental da política estadunidense para objetivos igualmente globais.

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1943 e 1945, Washington estabeleceu as bases do poder global estadunidense a partir de dois objetivos estratégicos integralmente conectados. O primeiro objetivo era tornar o mundo seguro para o capitalismo. Isso significava conter a União Soviética e impedir o avanço da revolução comunista para além da Europa Oriental ou qualquer outro lugar onde os soviéticos não podiam competir pelos espólios da guerra. O segundo objetivo era garantir a primazia incontestável dos Estados Unidos no bloco capitalista. Isso significava estabelecer uma regência militar na Alemanha Ocidental e no Japão e reduzir a Grã-Bretanha à dependência econômica, processo já em andamento com a *Lend and Lease* aprovada no Congresso em 1940 e com o novo empréstimo concedido em 1946⁶⁷.

Durante os últimos anos da Segunda Guerra Mundial começaram planos para a nova ordem mundial. Os planejadores dos Estados Unidos do tempo da guerra encaravam uma vasta expansão das suas exportações como essencial para atingir o pleno emprego no país. A supremacia estadunidense era clara: as políticas para a construção da nova ordem mundial vinham de Washington. Em 1944, os Acordos de Bretton Woods criaram duas instituições internacionais: o Banco Mundial e o FMI. O Banco Mundial (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento) tinha o objetivo de promover o investimento internacional e o FMI tinha o objetivo de manter a estabilidade do câmbio e tratar dos problemas de balanços de pagamentos⁶⁸.

⁶⁶ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA: fundamentos da hegemonia estadunidense no Pós-Guerra Fria*. In: ACIOLY, Luciana; CARDOSO JR., José Celso; MATIJASCIC, Milko (Orgs.). *Trajatórias Recentes de Desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas* – Volume II. Brasília: IPEA, 2009, p. 56-7.

⁶⁷ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento...* *op. cit.*, p. 7-8; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo...* *op. cit.*, p. 74.

⁶⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* *op. cit.*, p. 269-70.

Os Acordos de Bretton Woods criaram um sistema financeiro internacional baseado na paridade cambial fixa entre as moedas dos principais países, ancorando o conjunto destas paridades aos custos de produção. O dólar se tornou a moeda internacional, cujo lastro residiria na paridade fixa ouro-dólar. Com essas medidas, o novo sistema financeiro internacional simplesmente restabelecia o antigo padrão-ouro do século XIX em funcionamento até a Primeira Guerra Mundial. A diferença estava no fato do dólar e do Federal Reserve assumirem o papel da libra e do Banco da Grã-Bretanha. Mas isso estava longe de ser tudo. Os Acordos de Bretton Woods foram muito mais do que acordos técnicos. Houve “uma grande revolução no agente e no modo de “produzir” o dinheiro mundial”⁶⁹.

Nos sistemas financeiros internacionais anteriores, os banqueiros e financistas privados controlavam os grandes circuitos de capital mercantil e usurário, administrando o sistema com o objetivo de obter lucro. Neste sentido, o dinheiro circulante no mundo era um subproduto destas atividades com fins lucrativos. E o mesmo ocorreu no período da hegemonia britânica. A partir do controle das operações centralizadas em Londres, as redes cosmopolitas da alta finança produziam o dinheiro mundial e regulamentavam o sistema financeiro internacional⁷⁰.

Em contraste, no sistema financeiro internacional criado nos Acordos de Bretton Woods, a “produção” do dinheiro mundial foi assumida por uma rede de instituições internacionais governamentais, a princípio o FMI e o Banco Mundial. Essas instituições estavam orientadas para a criação do Bem-estar Social, além da segurança e manutenção do capitalismo. Portanto, não tinham como objetivo a obtenção de lucro na “produção” e administração do dinheiro mundial. Mas na prática, o Federal Reserve dos Estados Unidos, atuando conjuntamente com os bancos centrais dos principais países capitalistas acabaram por ficar responsáveis pela “produção” e administração do dinheiro mundial⁷¹.

O sistema financeiro internacional criado nos Acordos de Bretton Woods foi uma continuação, por outros meios, do rompimento do governo Roosevelt com a alta finança depois da crise de 1929. O governo Roosevelt retirou o controle da liquidez mundial das instituições privadas, sediadas especialmente na City em Londres e em Wall Street em Nova Iorque e transferiu o seu controle e regulamentação para órgãos públicos como o governo dos Estados Unidos e as instituições internacionais governamentais criadas nos Acordos de

⁶⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 287.

⁷⁰ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 72 e 287.

⁷¹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 72 e 287.

Bretton Woods. Neste sentido, o dinheiro mundial se tornou um subproduto da gestão dos Estados nacionais⁷².

Após a Segunda Guerra Mundial, os ocidentais acreditavam que a Era da Catástrofe ainda não estava terminada. O futuro do capitalismo mundial e da sociedade liberal também não estava assegurado. Muitos observadores acreditavam na possibilidade de uma grave crise econômica como ocorrido depois da Primeira Guerra Mundial. Até mesmo nos Estados Unidos era prevista a possibilidade uma grande crise de desemprego e deslocamento industrial como jamais fora visto. Os planos de Washington para o pós-guerra visavam muito mais evitar uma nova Grande Depressão do que uma outra guerra mundial⁷³.

O plano de Washington para a economia mundial após a Segunda Guerra Mundial consistia em uma agressiva diplomacia econômica. Os formuladores de política tinham em mente uma expansão agressiva da economia estadunidense logo ao final da guerra. A economia mundial do pós-guerra seria dominada pelos Estados Unidos e baseada em livres mercados, livre comércio internacional e livre conversão de moedas. Contudo, essas medidas se mostravam inteiramente irrealistas. Os países da Europa Ocidental e o Japão estavam fragilizados e não tinham qualquer perspectiva de aderir ao livre comércio internacional e à livre conversão de moedas devido aos seus crônicos problemas nos balanços de pagamentos e à escassez de dólares⁷⁴.

Ao contrário do pensamento corrente nos Estados Unidos, o principal obstáculo para a constituição do livre comércio internacional não estava no protecionismo dos demais países, mas nas tradicionalmente altas tarifas alfandegárias e no impulso à vasta expansão das exportações da própria economia estadunidense. Mesmo se o país adotasse unilateralmente o livre comércio internacional esses problemas não seriam resolvidos. A extrema concentração de liquidez, capacidade produtiva e poder aquisitivo de todo o mundo nos Estados Unidos constituíram um obstáculo ainda maior ao crescimento econômico mundial do que qualquer restrição imposta pelos demais países à liberalização do comércio internacional. Seria necessário redistribuir de forma mais equânime a liquidez mundial para os demais países comprarem dos Estados Unidos os meios de produção para então poderem ofertar produtos aos consumidores estadunidenses. Contudo, o Congresso dos Estados Unidos se manteve

⁷² ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 72, 287 e 318.

⁷³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 228.

⁷⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 237 e 270; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista: o capital internacional no desenvolvimento capitalista brasileiro (1951-1992)*. Tese (doutorado). Campinas: IE/Unicamp, 2009, p. 12. Ver também WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p.184.

extremamente relutante em abrir mão do controle da sua liquidez para cumprir o objetivo de estimular a retomada do crescimento econômico mundial⁷⁵.

Mas os europeus não estavam inclinados a seguir o receituário estadunidense para salvar o mundo de uma nova catástrofe. Devastada pela Segunda Guerra Mundial, a Europa Ocidental se tornou um campo fértil tanto para a revolução social como para a radicalização de direita. A União Soviética, por sua vez, apareceu fortalecida e prestigiada no cenário mundial. Hobsbawm resume a situação do imediato pós Segunda Guerra Mundial da seguinte forma:

(...) no fim da guerra os países beligerantes, com exceção dos EUA, haviam se tornado um campo de ruínas habitado pelo que pareciam aos americanos povos famintos, desesperados e provavelmente propensos à radicalização, mais que dispostos a ouvir o apelo da revolução social e de políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa, livre comércio e investimento pelo qual os EUA e o mundo iriam ser salvos. Além disso, o sistema internacional pré guerra desmoronara, deixando os EUA diante de uma URSS enormemente fortalecida em amplos trechos da Europa e em outros espaços ainda maiores do mundo não europeu, cujo futuro político parecia bastante incerto – a não ser pelo fato de que qualquer coisa que acontecesse neste mundo explosivo e instável tinha maior probabilidade de enfraquecer o capitalismo e os EUA, e de fortalecer o poder que passara a existir pela e para a revolução.⁷⁶

O caos do imediato Segunda Guerra Mundial destruiu a posição dos políticos moderados da Europa Ocidental. Eles eram assediados pelos comunistas, emergentes da guerra mais fortes do que em qualquer outra época e os maiores partidos políticos e forças eleitorais em muitos países, especialmente na Itália e na França. Neste contexto, o primeiro ministro socialista da França foi a Washington e alertou que provavelmente se vincularia aos comunistas caso não contasse com ajuda econômica. A Europa passou por uma péssima safra e um terrível inverno em 1946, deixando ainda mais delicada a situação dos políticos europeus e dos assessores presidenciais dos Estados Unidos⁷⁷.

A Europa Ocidental era ao mesmo tempo a favor e contra os Estados Unidos. Sem dúvida, Washington era um aliado indispensável na luta contra os comunistas europeus e a União Soviética, mas eram vistos com grande desconfiança. Os políticos da Europa Ocidental sabiam da premissa estadunidense sobre a preeminência da sua economia nos seus planos para o mundo pós Segunda Guerra Mundial. Havia o temor da possibilidade de Washington

⁷⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 286-7; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 270.

⁷⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 228.

⁷⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 228, 235-6, 254 e 278.

colocar a sua supremacia acima de tudo, inclusive dos interesses de seus aliados na Europa Ocidental⁷⁸.

As tremendas tensões na Europa Ocidental fizeram os Estados Unidos mudarem a sua política. As radicalizações de direita, a ascensão dos comunistas e a própria União Soviética se mostravam demasiadamente perigosos. Os acontecimentos dos primeiros anos da Guerra Fria convenceram Washington a adotar uma visão mais ampla dos fatos. Era urgente ajudar a Europa Ocidental e o Japão o mais rápido possível. Neste contexto, em 1947, foi lançado o Plano Marshall: um maciço e gigantesco projeto de reconstrução da Europa Ocidental através injeção líquida de dólares na sua economia⁷⁹.

Mas os Estados Unidos não agiram por altruísmo. Não era mais estrategicamente possível manter a política externa restrita à sua área de segurança mais imediata como na década de 1920. Uma nova crise econômica no Ocidente poderia fortalecer ainda mais a posição da União Soviética e atrair para a sua zona de influência países importantes da Europa. Os formuladores de política de Washington não poderiam tolerar esse cenário. Os Estados Unidos foram forçados a liderar o bloco capitalista. A possibilidade da formação de uma contra hegemonia baseada nos movimentos comunistas europeus ou no poder da União Soviética exigiu uma aliança com a Europa Ocidental⁸⁰.

Mas antes foi necessário vencer a resistência interna de parte da sociedade estadunidense com relação ao envolvimento do país nos assuntos europeus. Com o objetivo de exercer uma hegemonia mundial, a classe dominante estadunidense reforçou o clima de catástrofe caricaturando os soviéticos “como ateus dispostos a produzir o apocalipse” e apelou para “os sentimentos missionários profundamente arraigados” na sociedade estadunidense. A ameaça de um inimigo externo era conveniente. Os discursos direcionados aos fanáticos que viam o país como paladino da liberdade exacerbavam a necessidade de levar ao mundo o modo de vida estadunidense baseado na liberdade contra a tirania soviética. Os discursos direcionados aos mais pragmáticos acentuavam a necessidade do país liderar o bloco capitalista em nome da paz mundial, mas em caso de falha, o bem-estar da própria nação estaria em risco. Esses discursos fizeram o Congresso liberar as verbas para o Plano Marshall, tornando possível Washington liderar os países capitalistas centrais e consolidar a sua

⁷⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 237.

⁷⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 237, 251 e 270; Ver também ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 71-2 e 305.

⁸⁰ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 57 e 62-3.

hegemonia por meio da promoção estabilidade social e da prosperidade das populações desses países⁸¹.

A ajuda econômica dos Estados Unidos foi uma concessão que levou benefícios à Europa Ocidental. Com o Plano Marshall, as classes dominantes da Europa Ocidental conseguiram manter a sua posição e conquistar a aquiescência da classe trabalhadora europeia beneficiando-as com a manutenção e expansão do capitalismo reformado. Foi a forma encontrada de afastar os trabalhadores da revolução social. Neste contexto, as classes dominantes da Europa Ocidental consolidaram os vínculos com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas europeus. Esse pacto social foi capaz de superar o caos do pós Segunda Guerra Mundial e de reconstruir a Europa Ocidental sem a ajuda dos radicais de direita, dos comunistas e da União Soviética. Com o Plano Marshall, a classe hegemônica estadunidense se vinculou com as classes dominantes da Europa Ocidental levando em consideração os próprios interesses e tendências de se reformar o capitalismo e garantiram a aquiescência tanto das classes dominantes quanto da classe trabalhadora da Europa Ocidental à ordem estadunidense.

A classe hegemônica estadunidense conseguiu a aquiescência da classe trabalhadora do seu país também levando em consideração os próprios interesses e tendências de se reformar o capitalismo nos Estados Unidos. O capitalismo reformado se mostrou útil à classe hegemônica estadunidense durante a Grande Depressão porque foi capaz de resolver os problemas econômicos e sociais e superar a crise. Ele também beneficiou a classe trabalhadora estadunidense com os programas de combate ao desemprego e com a criação do sistema de proteção social. Neste sentido, a classe hegemônica estadunidense consolidou os vínculos com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas de seu país mantendo e ampliando a reforma do capitalismo. Essa tendência foi seguida na Europa Ocidental e no Japão. Por fim, a classe trabalhadora dos países centrais passou a ser beneficiada com políticas de pleno emprego, aumento salarial e com a construção do Estado do Bem-estar Social, que foi se tornando cada vez mais abrangente e generoso.

Durante a Grande Depressão, as classes dominantes dos países aliados ocidentais viam o capitalismo reformado como uma medida indesejável e efêmera. Os programas de combate ao desemprego e proteção à classe trabalhadora eram vistos como uma realidade imposta pelo fracasso retumbante do clássico liberalismo de antever e resolver os problemas econômicos e sociais que afligiram o Ocidente com as catástrofes da primeira metade do

⁸¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 57 e 63.

século XX. Contudo, o abandono da crença na alocação de recursos pelo livre mercado e a priorização das questões sociais nas políticas de Estado continuavam a resolver os problemas econômicos e sociais mesmo após a Segunda Guerra Mundial.

Ao mesmo tempo, o capitalismo reformado através dos vínculos estabelecidos pelas classes dominantes dos países centrais com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas continuou a se mostrar eficaz como forma de salvar o capitalismo mundial e a sociedade liberal. Era uma forma de afastar os perigos da revolução social, das radicalizações de direita e da União Soviética. Finalmente, após a da Era da Catástrofe, o capitalismo reformado acabou por se tornar a opção política hegemônica no lugar do clássico liberalismo. Foi um arranjo social que perdurou muito mais do que o desejado e se tornou uma das bases da Era de Ouro do capitalismo.

Mas os benefícios da nascente ordem mundial não foram estendidos para toda a classe trabalhadora. O compromisso de proteção social abrangia a “fração profissional, branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora, à custa da reprodução da fração proletária não qualificada ou semiquificada, feminina, negra, jovem e migrante”⁸². É necessário deixar claro que o “capitalismo é *essencialmente*, um sistema de exploração e, como tal, não pode prescindir da *violência* para se manter em funcionamento”⁸³. Eis os limites da ordem que estava sendo estabelecida. Apesar de reformado, o capitalismo não deixou de ser capitalismo.

A base política dos governos dos países da Europa Ocidental abrangia desde a esquerda social democrata até a direita moderada não fascista, ambas já existentes no período entre guerras. A direita fascista ultranacionalista e a extrema esquerda comunistas foram eliminadas do espectro político. Os partidos ligados à Igreja Católica foram úteis na construção da nascente ordem mundial: eram igualmente anticomunistas e conservadores. Os partidos “democrata-cristãos” tinham ao mesmo tempo uma folha de serviços antifascista e programas sociais não socialistas e tiveram grande importância na política da Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica e Áustria e temporariamente na França⁸⁴.

Com relação à adoção do livre comércio entre os países, o que acabou por se tornar realidade foi o muito mais modesto Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), criado em 1948. O GATT não passou de um fórum para a negociação bilateral e multilateral de redução das barreiras ao livre comércio internacional. O ritmo da liberalização foi deixado

⁸² BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 17.

⁸³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 1.

⁸⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 236 e 276-7.

a cargo dos governos nacionais e podia ser realizado através de barganhas periódicas entre os países⁸⁵.

Em 1949, os Estados Unidos lançaram o complemento bélico do Plano Marshall: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), formalizando a aliança militar anti-soviética. Contudo, em uma análise realística dos Estados Unidos, tanto a efetiva recuperação econômica da Europa Ocidental quanto a defesa contra a União Soviética tinham de se basear na força econômica e no rearmamento da Alemanha Ocidental. A situação desagradou a França, deixando como única opção o entrelaçamento da sua própria economia com a da Alemanha Ocidental de modo a impossibilitar uma nova guerra entre os dois antigos inimigos. A partir desta parceria, nasceu a Comunidade Européia do Carvão e do Aço, em 1950, transformada em “Comunidade Econômica Européia”, em 1957, com a adesão da Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo. O objetivo era integrar as economias e até certo ponto, os sistemas jurídicos dos países membros para consolidar uma alternativa ao plano dos Estados Unidos de integração européia⁸⁶.

Apesar de sair da Segunda Guerra Mundial muito prestigiada e com status de superpotência mundial, a União Soviética provavelmente não era expansionista ou agressiva. Conforme determinado nas conferências de cúpula realizadas entre 1943 e 1945, não havia qualquer plano de expansão do comunismo para além das áreas já ocupadas pelo exército vermelho. Além disso, as tropas soviéticas, a sua maior vantagem militar, foram desmobilizadas quase tão rapidamente quanto as tropas estadunidenses, reduzindo a “força do Exército Vermelho de um pico de quase 12 milhões, em 1945, para 3 milhões em fins de 1948”⁸⁷

Os soviéticos saíram exauridos da guerra e estavam com a economia arruinada. Moscou desconfiava de uma população, em grande parte fora da Rússia, nitidamente não comprometida com o regime e, durante anos, lidou com guerrilhas na Ucrânia e em outras regiões. Os Estados Unidos não precisariam de muito para transformar a União Soviética em um cliente da sua economia. Os planejadores soviéticos não tinham dúvidas sobre a continuidade da existência do capitalismo por um longo tempo sob a hegemonia dos Estados Unidos, cuja riqueza e poder, enormemente aumentados com a guerra, eram óbvios demais. A União Soviética precisava de toda ajuda que pudesse receber e não pretendia rivalizar

⁸⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 286; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 269.

⁸⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 236-8.

⁸⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 229.

justamente com os únicos capazes de ajudá-la. Por isso, a sua postura não poderia ser ofensiva, mas defensiva⁸⁸.

Apesar disso, surgiu uma política de confronto. Na verdade, é compreensível o rompimento da aliança da época da guerra. Coalizões menos heterogêneas foram desfeitas depois de outras guerras. E talvez houvesse confronto mesmo se as diferenças ideológicas não existissem. Os Estados Unidos sabiam da situação precária e insegura das regiões Ocidental e Central da Europa e do futuro em aberto da maior parte da Ásia. A União Soviética estava diante do poder mundial estadunidense e sabia da precariedade e insegurança da sua posição. A melhor estratégia para se defender e explorar a vasta, porém frágil nova posição de superpotência mundial era recusar qualquer tipo de pressão dos Estados Unidos⁸⁹.

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha tinham oferecido concessões territoriais à União Soviética nas conferências de cúpula realizadas entre 1943 e 1945, período no qual o esforço de guerra soviético foi fundamental para derrotar a Alemanha e até mesmo o Japão. Especialmente na Conferência de Yalta, em 1945, foram combinadas as zonas de influência da União Soviética, particularmente sobre a Europa Oriental. Porém, quando a guerra terminou, os Estados Unidos tentaram reabrir as negociações sobre as concessões territoriais. Os soviéticos estariam dispostos a recuar de posições nas fronteiras com o Irã e a Turquia combinados em 1945-6. Mas qualquer tentativa de reabrir as concessões feitas na Conferência de Yalta foi respondida com recusas diretas. Além disso, ainda com a guerra em curso, a União Soviética tinha aproveitado o contexto favorável para fazer um pedido de empréstimo aos Estados Unidos. Washington não estava disposto a concedê-la, alegando ter perdido o pedido de empréstimo, mas chegou a oferecer exatamente a extremamente necessária ajuda econômica à Moscou em troca das concessões territoriais negociadas na Conferência de Yalta. Mas os soviéticos não iriam bancar esse luxo⁹⁰. Hobsbawm resume a situação dos primeiros anos da Guerra Fria da seguinte forma:

Em suma, enquanto os EUA se preocupavam com o perigo de uma possível supremacia mundial soviética num dado momento futuro, Moscou se preocupava com a hegemonia de fato dos EUA, então exercida sobre todas as partes do mundo não ocupadas pelo Exército Vermelho. Não seria preciso muito para transformar a exausta e empobrecida URSS numa região cliente da economia americana, mais forte na época que todo o resto do mundo junto. A intransigência era a tática lógica. Que pagassem para ver o blefe de Moscou.⁹¹

⁸⁸ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 230-1.

⁸⁹ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 229 e 230-1.

⁹⁰ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 231.

⁹¹ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 231.

Diferentemente do período entre guerras ou durante a Segunda Guerra Mundial, quando o objetivo dos planejadores de Washington era conter o comunismo, o objetivo passou a ser remover a União Soviética do mapa quando começou a Guerra Fria. Os chefes do Estado Maior dos Estados Unidos tinham planejado lançar bombas atômicas sobre as vinte principais cidades da União Soviética apenas dez semanas depois do término da guerra. Embora contassem com superioridade militar, os Estados Unidos não tinham aviões adequados para transportar as suas 12 bombas atômicas existentes até então e nem militares capazes de montá-las até dezembro de 1947. Já a União Soviética não tinha armas nucleares⁹².

Mas os ataques nucleares não foram adiados somente pelo fato do exército vermelho ter ocupado metade da Europa e ter consolidado posições estratégicas no continente. O fator decisivo residia na limitação do único meio disponível de lançamento das bombas atômicas ser o ar-terra. Mesmo com apoio de caças, os bombardeiros estadunidenses dificilmente conseguiriam romper a defesa antiaérea soviética, impossibilitando qualquer dano significativo para fazer Moscou abdicar das suas posições⁹³.

A guerra deixou de ser instrumento de política das superpotências quando a União Soviética adquiriu armas nucleares. Os soviéticos desenvolveram a bomba atômica em 1949, quatro anos depois dos estadunidenses. Também desenvolveram a bomba de hidrogênio, em 1953, nove meses depois dos rivais. A destruição mútua inevitável impediria qualquer um dos lados de dar o primeiro passo para a destruição da civilização⁹⁴.

Além da produção de armas nucleares em quantidade e potência cada vez maiores, a corrida armamentista passou a envolver o aperfeiçoamento e a variação dos meios de lançamento. Para garantir a dissuasão, as duas superpotências desenvolveram ampla capacidade de destruição nos três meios de lançamento: “terra-terra (mísseis balísticos armazenados em silos e plataformas móveis); ar-terra (os bombardeiros e caças-bombardeiros); e mar-terra (navios e submarinos)”. Embora custosa, a variação dos meios de lançamento garantia às superpotências uma fonte adicional de segurança. Caso o inimigo conseguisse deter um ou dois tipos de ataque, a dissuasão seria mantida porque em caso de um ataque nuclear, a outra superpotência ainda poderia responder também de forma devastadora. E, com o tempo, seria possível a superpotência em desvantagem burlar ou emular o sistema defensivo do inimigo⁹⁵.

⁹² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 230-231; ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 8.

⁹³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 59.

⁹⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 224 e 227.

⁹⁵ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 58-9.

A dissuasão também era garantida pela dispersão das armas nucleares pelo planeta. Manter o arsenal nuclear concentrado em um mesmo local permitiria à superpotência inimiga deter mais facilmente os armamentos nucleares e realizar um ataque sincronizado capaz de garantir a sua primazia nuclear. Por isso, era necessária a também custosa movimentação do arsenal nuclear pelos três vetores de lançamento. A dissuasão e a dispersão das armas nucleares também movimentavam os serviços de inteligência e espionagem dos Estados Unidos e da União Soviética. A corrida armamentista evitava um ataque militar envolvendo armas nucleares devido ao seu devastador poder de destruição. Contudo, ela colocava as duas superpotências em um dilema de segurança. As medidas tomadas por um lado para aumentar o seu poder de ataque, defesa ou retaliação eram percebidas pelo inimigo como provocação ou ameaça. Esse clima colocou as duas superpotências em uma espiral crescente de gastos militares e desafios cada vez maiores na transposição de limites tecnológicos⁹⁶.

Para garantir a dissuasão nuclear, os Estados Unidos reformularam profundamente a marinha e a aeronáutica na década de 1950. Contudo, o poderio nuclear foi complementado por armamentos convencionais, que continuavam a ser decisivos. Neste sentido, as Forças Armadas estadunidenses foram modeladas de forma a deter exércitos associados a uma sólida base industrial, como a Alemanha e o Japão da Segunda Guerra Mundial, e exércitos capazes de manipular armas nucleares, como a União Soviética⁹⁷. Para garantir o cumprimento destes objetivos, Washington tomou as seguintes medidas:

(...) além de consolidar bases militares independentes ou vinculadas à OTAN nos pontos estratégicos da Eurásia, foi necessário construir um sistema de satélites capaz de cumprir duas funções básicas i) garantir uma rede de comunicação instantânea em escala planetária, capaz de coordenar as forças armadas em qualquer teatro de operações, ii) vigiar as tropas e as bases militares de *todos* os principais rivais, com vistas a evitar um ataque surpresa capaz de neutralizar o poder de contragolpe por parte dos EUA. Esse sistema de vigilância operava em sincronia com meios de lançamentos variados (mar, terra e ar), que envolviam mísseis balísticos intercontinentais e, posteriormente, mísseis cruzado. Outra peça decisiva – e intensamente utilizada pelos EUA – são os porta-aviões, que possibilitam o apoio aéreo a operações em terra ou próximas à costa em zonas onde os EUA não possuem aliados ou bases próprias.⁹⁸

A corrida armamentista tornou improvável o ataque iminente e as duas superpotências aceitaram a distribuição desigual de poder. Hobsbawm resume da seguinte forma:

⁹⁶ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 59-60.

⁹⁷ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 117.

⁹⁸ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 117.

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência - a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra - e não tentava ampliá-la com o uso da força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética.⁹⁹

Poucos anos depois da Segunda Guerra Mundial, a situação internacional se tornou razoavelmente estável. Os Estados Unidos e a União Soviética aceitaram a divisão desigual do mundo e se esforçavam totalmente para resolver as disputas por áreas de influência de modo que o conflito direto entre as suas forças armadas não levassem a uma guerra. Apesar da retórica apocalíptica da Guerra Fria, as duas superpotências acreditavam na possibilidade de coexistência pacífica a longo prazo. As superpotências confiavam na moderação uma da outra nas situações críticas, mesmo em momentos nos quais se encontravam à beira de uma guerra ou mesmo participando dela¹⁰⁰.

Neste sentido, quando os Estados Unidos entraram oficialmente na Guerra da Coreia (1950-3) e a União Soviética não entrou, Washington sabia que pelo menos 150 aviões supostamente chineses eram na verdade aviões russos pilotados por soviéticos. Mas tudo foi mantido em segredo, porque se supunha que Moscou também não queria uma guerra. O presidente Harry Truman chegou a demitir o general Douglas MacArthur quando este levou a sua ambição militar longe demais. Ao mesmo tempo, apesar dos apelos, Washington não reagiu quando os soviéticos enviaram tanques para controlar uma séria revolta operária na Alemanha Oriental em 1953. A intervenção da União Soviética na revolução húngara de 1956 sem qualquer reação dos Estados Unidos confirmou que os países ocidentais não interviriam na região de domínio soviético. No mesmo ano de 1956, os soviéticos forçaram a retirada das tropas britânicas e francesas de Suez¹⁰¹. Essa retirada deixou bem clara a posição da União Soviética como superpotência mundial e a nova condição da Grã-Bretanha e da França como potências de segunda ordem.

A não ser pela questão de Berlim Ocidental, as áreas de influência das duas superpotências na Europa já estavam delimitadas desde as conferências de cúpula realizadas

⁹⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 224.

¹⁰⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 225.

¹⁰¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 225-7.

no período 1943-45 entre os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha. No Japão, os Estados Unidos estabeleceram uma ocupação unilateral, excluindo não só a União Soviética, mas qualquer outro país aliado na guerra contra o Eixo. Mas não era possível prever ou negociar a futura orientação dos novos países em processo de descolonização surgidos com o desmantelamento dos antigos impérios coloniais. A competição entre os Estados Unidos e a União Soviética passou a ser por apoio e influência nos países da África e da Ásia, as regiões de maior atrito e onde acabou ocorrendo conflitos armados entre as duas superpotências¹⁰².

A Segunda Guerra Mundial detonou movimentos revolucionários de libertação nacional por todo o mundo não ocidental. Todavia, poucos anos depois da guerra ficou claro que a maior parte dos recém-criados Estados oriundos dos antigos impérios coloniais embora não simpatizasse com os Estados Unidos e com os seus aliados também permaneceu fora do campo da União Soviética. A maioria dos novos países da África e da Ásia era anticomunista na política interna e não alinhada a qualquer bloco internacional na política externa. Neste sentido, o comunismo não expandiu significativamente entre a Revolução Chinesa de 1949 e a década de 1970¹⁰³. Para conseguir a aquiescência dos países recém-criados, a classe hegemônica estadunidense se propôs a criar uma ordem mundial mais abrangente e inclusiva que a ordem mundial do livre comércio sob a hegemonia britânica.

Durante a hegemonia britânica (1848-1875), a potência hegemônica e seus aliados, clientes e seguidores levavam em consideração os interesses apenas das classes proprietárias dos Estados reconhecidos como amigos e civilizados, como os países da Europa e as antigas colônias da América recém emancipadas. Os direitos e interesses dos cidadãos proprietários dos países Ocidentais eram colocados acima dos direitos de governo dos governantes e dos direitos à vida das massas não proprietárias. As classes desprovidas de bens dos países Ocidentais eram efetivamente excluídas da ordem britânica. Os povos não ocidentais não eram reconhecidos como comunidades nacionais e foram privados do direito de autodeterminação, estando sujeitos à dominação colonial ou imperial durante a ordem britânica¹⁰⁴.

Uma fração da elite estadunidense soube como levar em consideração os interesses das classes não proprietárias e dos povos não ocidentais. Como resposta à proposta

¹⁰² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 224-5; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império*. In: TAVARES, Maria da Conceição & FIORI, José Luís (Orgs.). *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 106.

¹⁰³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 225; ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX...* op. cit., p. 65.

¹⁰⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX...* op. cit., p. 63-4.

universal de revolução mundial da União Soviética, os Estados Unidos retomaram a cartada nacionalista de Woodrow Wilson: a autodeterminação dos povos. Depois da Segunda Guerra Mundial, a nascente ordem estadunidense concedeu a todos os povos o direito a autodeterminação. Todos os povos podiam se constituir como nação e se tornarem membros plenos do sistema interestatal com participação igualitária na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas. Além disso, tornou-se objetivo fundamental dos membros do sistema interestatal a garantia de subsistência de todos os cidadãos¹⁰⁵.

Os benefícios levados às classes não proprietárias e aos povos não ocidentais foram concessões fundamentais para a constituição da classe hegemônica estadunidense como classe da hegemônica mundial. Ainda assim, os países da África, Ásia e América Latina visivelmente não tinham o mesmo poder dos países centrais. Além disso, o capitalismo reformado não foi estendido às classes trabalhadoras fora dos países centrais. O capitalismo reformado (que, em sua gênese, já excluía grande parte da classe trabalhadora) e, posteriormente a Era de Ouro, foram fenômenos exclusivos da América do Norte, Europa Ocidental e Japão. Apesar de mais abrangente e inclusiva, a ordem estadunidense não deixou de apoiar o capitalismo: um modo de produção baseado na expropriação, violência e na desigualdade.

A partir do final da década de 1950 as tensões da Guerra Fria se afrouxaram, entrando em um período tradicionalmente chamado pelos diplomatas da velha guarda de *détente*. Esse movimento teve início quando as idéias de Krushev de reforma e coexistência pacífica dominaram as relações internacionais. Mas a *détente* teve de sobreviver a algumas tensões. Os países comunistas tiveram maior crescimento econômico do que os países capitalistas na década de 1950. Além disso, a União Soviética demonstrou superioridade tecnológica com relação aos Estados Unidos no plano aeroespacial com o triunfo dos satélites e astronautas soviéticos. Também neste período a China rompeu com a União Soviética, acusando-a de amolecer diante do capitalismo. Ao mesmo tempo, a aceleração dos processos de descolonização e as revoluções em países do Terceiro Mundo pareciam favorecer os soviéticos¹⁰⁶. A construção do Muro de Berlim e, especialmente a crise dos mísseis de Cuba fizeram a *détente* ter de sobreviver a um período extraordinariamente tenso.

A questão da divisão de Berlim permaneceu indefinida desde o final da Segunda Guerra Mundial. Contudo, naquele período a União Soviética não estava preparada para lutar pela questão e aceitou relutantemente uma Berlim Ocidental enclausurada dentro da

¹⁰⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 66.

¹⁰⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 239-40.

Alemanha Oriental. Todavia, em 1961, os soviéticos responderam à questão com a construção do Muro de Berlim, fechando a última fronteira indefinida entre as superpotências na Europa¹⁰⁷.

Uma revolução autóctone tomou o poder em Cuba, em 1959. Aos poucos, a lógica da Guerra Fria empurrou o país para o socialismo devido à sua ideologia social-revolucionária, a sua capacidade de fazer guerrilhas e ao apaixonado anticomunismo dos Estados Unidos. Essa situação levou os rebeldes latino-americanos antiimperialistas a ver Marx com mais bondade. Além disso, a única organização ao lado da revolução capaz de proporcionar uma forma de governar para Fidel Castro era o Partido Comunista Cubano, o único partido comunista de massas além do chileno. Porém, em março de 1960, muito antes dos cubanos decidirem se eram ou não socialistas, Washington decidiu tratá-los como tal, autorizando a CIA a providenciar a derrubada do governo. Em 1961, tropas estadunidenses deram apoio a uma invasão de exilados na Baía dos Porcos. Mas a invasão fracassou. O governo de Fidel Castro oficialmente se declarou comunista e a União Soviética colocou o país sob sua proteção. Os Estados Unidos tiveram de aceitar uma revolução socialista em Cuba, mas isolaram e bloquearam o país, tornando-o cada vez mais dependente da União Soviética¹⁰⁸.

Os soviéticos decidiram colocar mísseis em Cuba com o objetivo de contrabalancear os mísseis estadunidenses já instalados na Turquia. Os Estados Unidos tentaram impedir a instalação dos mísseis com a ameaça de começar uma guerra. Neste contexto, estourou a crise dos mísseis de Cuba, em 1962, colocando o mundo à beira de uma guerra nuclear. Contudo, mais uma vez os acordos tácitos de se evitar um confronto direto foram mantidos. As duas superpotências confiaram na moderação uma da outra e trabalharam de forma a “impedir que gestos belicosos fossem interpretados como medidas efetivas para a guerra”. Por fim, as negociações levaram a União Soviética a desistir de instalar os mísseis em Cuba enquanto os Estados Unidos retiraram os mísseis da Turquia¹⁰⁹.

Enfim, todos esses momentos de tensões resultaram na manutenção da relativa estabilidade do sistema internacional e em um acordo tácito entre as superpotências para não assustar uma à outra. Além disso, os Estados Unidos e União Soviética tomaram medidas significativas para controlar e limitar as armas nucleares nas décadas de 1960 e 1970. A

¹⁰⁷ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 224-5 e 240.

¹⁰⁸ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 240, 423-4 e 427.

¹⁰⁹ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 225-7.

estabilidade da ordem mundial permaneceu até meados da década de 1970, quando um período generalizado de crises viria a começar¹¹⁰.

2.3. A Era de Ouro do capitalismo

Os trinta anos seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial foram marcados por um espantoso progresso material. O crescimento da economia mundial foi explosivo: entre 1950 e 1970, a produção de manufaturas quadruplicou e o comércio mundial aumentou em dez vezes. A produção agrícola também aumentou muito, embora não de forma tão espetacular. A princípio, o surto de crescimento econômico era praticamente global, independentemente do regime econômico. Os países socialistas levaram vantagem, crescendo com maior rapidez na década de 1950. Mas a maioria da população mundial não viu toda a riqueza gerada, apesar de tamanho crescimento econômico¹¹¹.

Os países da Europa e o Japão tinham como prioridade máxima se recuperar da guerra. Para os países não comunistas, a recuperação econômica também foi encarada como uma maneira de deixar para trás o medo da revolução social e do avanço do comunismo. Atualmente, é possível afirmar que a Era de Ouro do capitalismo foi um fenômeno exclusivo dos países centrais e, mesmo nestes países, os benefícios de tamanho crescimento demoraram algum tempo para se tornarem concretos para a população em geral. Os benefícios sociais só foram percebidos na Grã-Bretanha em meados da década de 1950. O pleno emprego só se tornou realidade na Europa Ocidental na década de 1960¹¹².

A Era de Ouro do capitalismo trouxe extraordinárias, profundas e irreversíveis transformações. Os problemas da Era da Catástrofe pareciam ter desaparecido. Mas como explicar o extraordinário e inesperado triunfo deste modo de produção que esteve à beira da ruína no período entre guerras¹¹³? A Era de Ouro pode ser explicada por três fatores: o dispêndio dos governos, especialmente dos Estados Unidos, nas empresas militares para sustentar a Guerra Fria, a internacionalização da economia e a reforma do capitalismo.

O crescimento econômico da Era de Ouro esteve ancorado não em políticas econômicas deliberadamente orquestradas pelos governos dos países centrais ou comunistas. Na verdade, a

¹¹⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 225 e 240.

¹¹¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 255 e 257.

¹¹² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 254-5.

¹¹³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 18 e 262-3.

expansão do capitalismo derivou do *novo padrão* de dispêndio, produção e organização militar que marcou a Guerra Fria: uma corrida armamentista virtualmente incessante, que impulsionou a pesquisa em novas tecnologias e favoreceu a criação de novas formas de articulação entre a Universidade, as Empresas Privadas e os Laboratórios e centros de pesquisas militares, gerando um estímulo adicional – e cada vez imperativo – à inovação”.¹¹⁴

Sob o discurso apocalíptico da Guerra Fria, os Estados Unidos e a União Soviética viram-se comprometidos com uma insana corrida armamentista cujo objetivo, no limite, era a destruição mútua. As próprias profissões dos generais e intelectuais dedicados a pensar a guerra nuclear exigiam a não percepção de tamanha insanidade. A crescente concentração de homens e recursos para viver em função da preparação para a guerra foi chamada pelo presidente Dwight Eisenhower de “complexo industrial-militar”. A produção de armamentos nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial e mesmo em tempos de paz alcançou um nível extraordinário, sem qualquer precedente na história moderna¹¹⁵.

Nos Estados Unidos, o objetivo do complexo industrial-militar era desenvolver tecnologia de ponta para vencer a União Soviética na Guerra Fria e garantir a superioridade tecnológica estadunidense no mundo. Para tanto, Washington criou uma rede descentralizada e coordenada de instituições de pesquisa e comunidades tecnológicas para expandir a fronteira científica e acelerar o desenvolvimento tecnológico. Portanto, embora sob grande influência das Forças Armadas, a pesquisa científica do complexo industrial-militar não ficou restringida aos recursos militares destinados à pesquisa e desenvolvimento e à encomenda de armamentos¹¹⁶. Alguns resultados eram nítidos já na Era de Ouro do capitalismo. O complexo militar industrial criou

(...) as inovações básicas em todas as novas indústrias baseadas na ciência (aeroespacial, computadores, equipamentos de telecomunicação) e manteve a liderança em muitas indústrias baseadas em fornecedores especializados (tais como máquinas de controle numérico e outros bens de capital) indústrias que, ao lado da farmacêutica, dos serviços de empresas e dos bancos, formam os principais setores da alta tecnologia.¹¹⁷

O complexo industrial-militar estadunidense tinha uma singularidade que o distinguia de qualquer programa científico dos outros países. A sua estrutura permitiu repassar

¹¹⁴ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 10.

¹¹⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 233; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 156.

¹¹⁶ MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar*. In: FIORI, José Luís (Org.). *O Poder Americano*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 225-6. Ver também MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 64, nota 14.

¹¹⁷ MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano... op. cit.*, p. 240.

as tecnologias de origem militar para o uso civil, garantindo a difusão dos novos padrões para muitas empresas emergentes:

Devido ao papel protagonista dos laboratórios acadêmicos, a rede descentralizada de pesquisadores e a motivação dos principais formuladores de política tecnológica, a difusão comercial da tecnologia militar se deu através de firmas emergentes. Instituições como a DARPA ou a NASA, por exemplo, assumiram aqui a função de *venture capitalist*. Cientistas e engenheiros usaram seus conhecimentos acumulados nos laboratórios públicos para criar novas empresas explorando as novas tecnologias. O Laboratório Eletrônico Lincoln do MIT (...) viabilizou a criação de dezenas de novas companhias de alta tecnologia que se beneficiaram dos contratos e do conhecimento prévio dos engenheiros do laboratório. (...) os estudantes que criaram novas tecnologias no Vale do Silício foram majoritariamente treinados em Stanford, e foram criados e apoiados por contratos militares.¹¹⁸

Além deste processo de aprendizagem, a transferência direta das tecnologias para as grandes empresas se tornou principal forma de difusão das novas tecnologias de ponta de origem militar para uso civil. Nas palavras de Medeiros:

Tecnologias de fronteira com memória magnética e circuitos eletrônicos foram diretamente passadas do Lincoln para a IBM. A influência do projeto SAGE na construção de sistemas de reservas na aviação civil é outro exemplo importante. Histórias semelhantes repetem-se na AT&T em sistemas de comunicação de informações e em muitas grandes empresas em setores baseados em ciência.¹¹⁹

Os complexos industrial-militar das duas superpotências eram estimulados pelos seus respectivos governos a trabalhar com a sua capacidade máxima. Os dois lados agiram como se uma guerra estivesse para começar durante os quarenta anos da Guerra Fria. Com o excedente da produção, os governos das duas superpotências atraíam e armavam aliados e clientes e lucravam com exportações de armamentos. Enquanto isso, ambos dos governos guardavam para si os armamentos mais modernos e mantinham o monopólio das armas nucleares¹²⁰.

Os Estados Unidos insistiam que a aliança militar anti-soviética deveria estar permanentemente vinculada à Washington devido à dependência tecnológica e militar da Europa Ocidental. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos eram sistematicamente contra o desenvolvimento uma indústria militar independente por parte dos países europeus. A França se recusava a aceitar uma aliança duradoura com os Estados Unidos, um dos motivos de

¹¹⁸ MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano... op. cit.*, p. 240-1.

¹¹⁹ MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano... op. cit.*, p. 241.

¹²⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 233; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 156.

tensões entre os dois governos. Os franceses desenvolveram uma indústria militar de alta tecnologia independente, conseguindo o seu próprio arsenal nuclear na década de 1960. A Grã-Bretanha conseguiu as suas próprias bombas atômicas dos Estados Unidos, curiosamente com o objetivo de diminuir a sua dependência da superpotência hegemônica. A China montou um arsenal nuclear independente na década de 1960. Israel, África do Sul e a Índia conseguiram construir armas nucleares nas décadas seguintes¹²¹.

Nos Estados Unidos, onde o dispêndio do setor público era quase inexistente antes da Primeira Guerra Mundial, os gastos governamentais chegaram a um quarto do Produto Nacional Bruto na década de 1960. Cerca de metade deste dispêndio representava gastos militares¹²². Mas o dispêndio militar não comprometeu a economia estadunidense. Ao contrário, o orçamento de defesa foi um dos meios utilizados por Washington para reabilitar e, quando necessário, exercer controle sobre as empresas estadunidenses desde o início da Guerra Fria¹²³.

A definição das doutrinas militares e a alocação dos seus gastos são importantes formas de controle do governo dos Estados Unidos sobre a sua economia nacional. Elas são causa e conseqüência de divisões políticas em torno da política de segurança nacional e respondem por anseios da sociedade estadunidense. O governo Truman teve preferência por armamentos tradicionais para fornecer material bélico e selar pactos militares com a Europa Ocidental e com o Japão e para lutar na Guerra da Coreia. Essa política beneficiou as empresas do Nordeste. O governo Eisenhower optou por uma estratégia menos dispendiosa, enfatizando forças estratégicas e armas nucleares. Essa política tendeu a beneficiar as empresas do Oeste e do Sul¹²⁴.

O espantoso crescimento econômico da Era de Ouro do capitalismo foi baseado na mais avançada pesquisa científica oriunda do complexo industrial-militar, cuja aplicação na indústria e na agricultura se concretizou em poucos anos. As demandas de alta tecnologia da indústria militar prepararam o desenvolvimento de vários produtos revolucionários posteriormente repassados para as indústrias civis. Produtos como a energia nuclear, os primeiros computadores digitais, transistores, circuitos integrados, internet, fibra óptica e os lasers são invenções da indústria militar. Tecnologias de guerra como o radar e o motor a jato prepararam terreno para a indústria de eletroeletrônicos e para as tecnologias de informação.

¹²¹ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 157; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 233.

¹²² DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo... op. cit.*, p. 387.

¹²³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 57-8.

¹²⁴ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 58, nota 5.

Além disso, as demandas da economia de guerra impulsionaram o aperfeiçoamento científico da automação, ou seja, o uso de controles mecânicos e eletrônicos nos processos industriais. Embora estivesse em fase inicial, a automação industrial promoveu ganhos de produtividade, impulsionando o crescimento econômico¹²⁵.

A arquitetura do complexo industrial-militar-acadêmico se mostrou um recurso decisivo dos Estados Unidos para suportar a corrida armamentista contra a União Soviética. O dispêndio dos Estados Unidos com a indústria militar foi amortizado através do repasse das tecnologias desenvolvidas pelos militares para as indústrias voltadas para o uso civil. A inflexibilidade da política e da economia da União Soviética não permitia qualquer tipo de arranjo parecido. Como os soviéticos não tinham como amortizar seu dispêndio com a indústria militar, a corrida armamentista foi se tornando um peso cada vez maior. O desenvolvimento da ciência articula à pesquisa e desenvolvimento da indústria militar se constituiu em um dos alicerces da terceira revolução industrial.

A internacionalização da economia é iniciada com a penetração em massa das empresas estadunidenses na Europa Ocidental a partir da primeira metade da década de 1950. Os Estados Unidos renegociaram a continuidade do Plano Marshall com os governos da Europa Ocidental, obtendo “como contrapartida a penetração da corporação americana, sobretudo, do setor de bens de consumo na Europa Ocidental, atrelando-se aos setores de bens de capital europeus, principalmente alemães”¹²⁶.

A forma da atuação das suas grandes empresas constitui umas das particularidades da hegemonia estadunidense. Não foi o comércio, mas o investimento direto estrangeiro um dos aspectos centrais na ajuda para a reconstrução da economia da Europa Ocidental devastada pela Segunda Guerra Mundial. As grandes empresas estadunidenses mostraram uma tendência a internalizar e administrar uma parcela expressiva e crescente do comércio internacional através das transações intrafirmas. Isto, na prática, transferiu o controle de setores substanciais das economias de outros países para cidadãos estadunidenses¹²⁷.

A expansão das empresas estadunidenses foi ao mesmo tempo um meio e um efeito na consolidação do poder mundial dos Estados Unidos. Conjuntamente à posição do

¹²⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 259 e 260; DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo...* op. cit., p. 390; MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano...* op. cit., p. 225. Ver também COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado e a Reorganização da Economia Mundial no Pós-Guerra*. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga & COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaios sobre a crise – Volume I*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 18-9.

¹²⁶ CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista...* op. cit., p. 12.

¹²⁷ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX...* op. cit., p. 73; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista...* op. cit., p. 11.

dólar como moeda mundial e com a supremacia nuclear, a empresa multinacional se tornou uma das pedras angulares da hegemonia estadunidense. Esses três fundamentos do poder estadunidense interagiam e se reforçavam mutuamente. Após a Segunda Guerra Mundial, a supremacia político-militar dos Estados Unidos foi condição para o predomínio das empresas estadunidenses na economia mundial. Ao mesmo tempo, a expansão das empresas estadunidenses se tornou um sustentáculo da posição política e militar dos Estados Unidos no mundo¹²⁸.

As grandes empresas européias formaram alianças para enfrentar o grande capital estadunidense. Com o objetivo de solidificar as suas posições dentro da Europa Ocidental, algumas grandes empresas européias, especialmente dos países formadores do Mercado Comum Europeu, consolidaram associações e fusões, inclusive entre empresas de diferentes nacionalidades. Com a recuperação da Europa Ocidental, as grandes empresas européias responderam aos Estados Unidos penetrando nos países periféricos, especialmente na América Latina, na segunda metade da década de 1950. A América Latina se tornou local de confronto entre os capitais dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos com a penetração das empresas estadunidenses no subcontinente também na segunda metade da década de 1950. Além disso, as empresas européias responderam às empresas estadunidenses através da exportação de produtos para o mercado interno dos Estados Unidos. Por fim, as empresas européias penetraram em território estadunidense no final da década de 1970¹²⁹.

O Japão teve um destino diferente. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o principal objetivo dos Estados Unidos era dismantelar o poderio militar japonês, sem grandes preocupações com a sua recuperação econômica. Mas a eclosão da Guerra Fria mudou completamente o cenário. O Japão poderia ser importante para a contenção do comunismo na Ásia. Os Estados Unidos injetaram capital no país, mas Tóquio ergueu agressivas barreiras alfandegárias à importação de produtos estadunidenses. O desenvolvimento econômico do Japão ganhou impulso quando o país serviu de base industrial estadunidense durante a Guerra da Coreia (1950-3). Além disso, os Estados Unidos integraram de forma separada a economia

¹²⁸ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 316.

¹²⁹ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho*. Contexto, nº2, março 1977, p. 67; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 12-3; COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado... op. cit.*, p. 19-20; ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 314-5. Ver também HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 273.

do Japão com as economias das suas antigas colônias, especialmente a Coreia do Sul e Formosa ao longo da década de 1950¹³⁰.

A política do governo dos Estados Unidos com relação ao Japão gerou conflitos na relação de complementaridade entre o poder de Washington e a expansão das empresas estadunidenses. O governo dos Estados Unidos excluiu investimentos das empresas estadunidenses no território japonês. As empresas estadunidenses interessadas em penetrar neste mercado foram forçadas a apenas fornecerem as suas tecnologias, sob licença, às empresas japonesas. Além disso, as empresas japonesas obtiveram acesso privilegiado ao mercado estadunidense. O governo japonês estimulou novamente os seus conglomerados nacionais, incentivando uma rápida concentração de capitais em seu território com o objetivo de fechar o mercado nacional à penetração de empresas estrangeiras. Se qualquer outro país tivesse feito o mesmo, seria colocada na lista dos inimigos do mundo livre. Mas o Japão tinha um enorme valor estratégico devido à sua proximidade das operações militares dos Estados Unidos e como contenção da China¹³¹. O objetivo geral de Washington era, além de preservar a sua influência em uma zona estratégica vital, transformar o seu antigo rival em uma vitrine do capitalismo na Ásia.

Durante a década de 1960, os Estados Unidos começaram a centralizar as redes de comércio do Extremo Oriente no Japão. O objetivo era incentivar a Coreia do Sul e Formosa a se abrirem ao investimento japonês e superar os ressentimentos do passado colonialista do país. Além disso, as exportações japonesas para os Estados Unidos aumentaram enormemente quando a potência hegemônica passava por crises fiscais e restrições financeiras. O Japão se tornou o intermediário entre o alto poder aquisitivo dos estadunidenses e a força de trabalho barata dos asiáticos¹³².

A economia japonesa ganhou novo impulso com as encomendas dos Estados Unidos agora para a Guerra do Vietnã a partir de 1965. O governo de Washington financiou a duplicação da produção de manufaturas do Japão, cuja economia chegou ao pico do crescimento econômico com 16% ao ano entre 1966 e 1970¹³³.

O investimento direto estrangeiro das empresas japonesas cresceu rapidamente a partir de meados da década de 1950, tornando-se explosivo durante a década de 1970¹³⁴. O

¹³⁰ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 352 e 354; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 12; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 270.

¹³¹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 316-7 e 354; COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 67.

¹³² ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 354-5.

¹³³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 271-2.

¹³⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 359.

capital japonês já estava presente em algumas regiões da América e da Europa antes da Segunda Guerra Mundial. Mas foi a partir de meados da década de 1950 que as empresas japonesas penetraram maciçamente nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e até mesmo na América do Sul.

Neste período, a internacionalização da economia foi caracterizada pela reprodução das filiais das empresas multinacionais como uma unidade produtiva nos países hospedeiros de forma similar à sua matriz no país de origem. As filiais mantiveram a estrutura fordista, departamental e com múltiplas divisões como a matriz diante da impossibilidade de integrar as plantas produtivas de diversos países em um processo mais global de produção. Neste sentido, embora mantivessem o gerenciamento financeiro e os centros de P&D nos países de origem, as empresas multinacionais deslocaram estruturas produtivas de forma a fixar suas plantas no espaço nacional do país receptor, criando vínculos locais¹³⁵. Esse padrão foi mantido até a década de 1970.

A rede de empresas afiliadas das empresas multinacionais cresceu extraordinariamente após a Segunda Guerra Mundial. Neste sentido, a internacionalização da economia começou a alterar as tradicionais formas de comércio internacional por meio da produção direta nos países estrangeiros e através da criação de circuitos internacionais de comércio entre as matrizes e filiais das empresas transnacionais. Crescentemente, o tradicional comércio internacional, baseado na exportação e importação de produtos finais, deixou de ser a forma dominante de distribuição internacional da produção industrial¹³⁶. Neste contexto, o comércio internacional foi retomado, mas em bases diferentes do livre comércio através exportações e importações articulados nos Acordos de Bretton Woods.

A internacionalização do grande capital dos países centrais foi caracterizada por um crescente processo de interpenetração¹³⁷, ou seja, ocorreu um entrelaçamento do patrimônio¹³⁸ das burguesias estadunidense, européia e japonesa. Isso possibilitou crescente convergência de interesses por parte das grandes burguesias dos países centrais.

O Estado nacional foi internacionalizado após a Segunda Guerra Mundial. A ordem estadunidense foi mais institucionalizada do que a ordem britânica. Instituições como o Banco Mundial e o FMI e as instituições vinculadas a Organização das Nações Unidas tinham a função de conciliar as pressões sociais internas dos países com as demandas da economia

¹³⁵ CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista...* op. cit., p. 16-7.

¹³⁶ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho...* op. cit., p. 65-6.

¹³⁷ COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado...* op. cit., p. 10.

¹³⁸ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA...* op. cit., p.68, nota 20.

internacional. Para cumprir tais tarefas, os Estados deram precedência a organismos estatais ligados às instituições internacionais governamentais com o objetivo de concatenar as suas políticas internas com as políticas destas instituições e com o grande capital¹³⁹. A internacionalização da economia e o entrelaçamento das classes proprietárias aprofundaram a internacionalização do Estado nacional.

A reestruturação e reforma do capitalismo produziu uma “economia mista” capaz de permitir aos governos planejar e administrar a economia. Além disso, os governos assumiram compromisso com o pleno emprego e, em menor medida, com a redução da desigualdade econômica. O compromisso político abrangia seguridade social e previdenciária. Isso aumentou enormemente a demanda e proporcionou o surgimento de um mercado de bens de luxo que passaram a ser considerados como bens de necessidade básica para as massas. De fato, as pessoas pobres gastam a maior parte de suas rendas com itens essenciais. Porém, se o poder público prover ou baratear a maior parte destes itens, a renda das pessoas pobres se torna disponível para outras despesas. Desta forma, o capitalismo foi “reformado a ponto de ficar irreconhecível” através de “uma espécie de casamento entre liberalismo econômico e democracia social (ou, em termos americanos, política do *New Deal* rooseveltiano), com substanciais empréstimos da URSS, que fora pioneira na idéia do planejamento econômico.”¹⁴⁰

Ainda assim, esse casamento continuou a ser condenado por crentes no *laissez-faire* como o economista austríaco Friedrich von Hayek. Eles mantinham a crença na qual a liberdade de mercado significava liberdade dos indivíduos e condenavam as políticas do capitalismo reformado mesmo quando a mistura entre mercados e governos sustentava a Era de Ouro e enterrava a Era da Catástrofe. Mas eles não foram ouvidos entre 1940 e 1970. Só voltariam à cena nas décadas de crise¹⁴¹.

As experiências da Era da Catástrofe já tinham mostrado as necessidades de reformar o capitalismo aos homens do primeiro escalão da vida pública. Os riscos de não fazê-lo poderiam ser fatais. Eles acabaram de combater a Alemanha nazista, filha da Grande Depressão e estavam enfrentando o avanço do comunismo e do poder soviético para o Ocidente sobre os países cuja economia capitalista não mais funcionava. Os formuladores de decisão tinham em mente que o fracasso irrestrito livre mercado causou a Grande Depressão. Portanto, ele deveria ser substituído ou funcionar dentro do planejamento público da

¹³⁹ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 107-8.

¹⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 264-5.

¹⁴¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 266.

economia. Os formuladores de decisão não deveriam permitir o retorno do desemprego em massa por questões sociais e políticas¹⁴².

Enfim, o retorno ao livre mercado e ao *laissez-faire* estava fora de questão para autoridades, políticos e até mesmo para muitos empresários. O cumprimento de objetivos políticos de absoluta prioridade como o pleno emprego, a contenção do comunismo e a recuperação de economias capitalistas arruinadas justificavam a presença de um Estado cada vez mais forte. Todos estavam dispostos a atingir aqueles objetivos, mesmo se fosse necessário o controle do governo e a cooperação dos movimentos trabalhistas organizados, desde que não fossem comunistas. Era quase consensual a idéia de que a livre empresa “precisava ser salva de si mesmo para sobreviver”¹⁴³.

A Era de Ouro do capitalismo era uma construção política bastante incomum. Conforme discutido na seção anterior, logo após a Segunda Guerra Mundial foi formado um consenso político entre a esquerda social democrata e a direita moderada não fascista, enquanto a direita fascista e a esquerda comunista foram eliminadas do espectro político. Além disso, a Era de Ouro também se baseou em um

(...) consenso tácito ou explícito entre patrões e organizações trabalhistas para manter as reivindicações dos trabalhadores dentro dos limites que não afetassem os lucros, e as perspectivas futuras de lucros suficientemente altos para justificar os enormes investimentos sem os quais o espetacular crescimento da produtividade da mão de obra da Era de Ouro não poderia ter ocorrido. (...). *De facto*, o arranjo era triangular, com os governos, formal ou informalmente, presidindo as negociações institucionalizadas entre o capital e trabalho, agora habitualmente descritos, pelo menos na Alemanha, como ‘parceiros sociais’ (...) ¹⁴⁴

Neste sentido, a ordem mundial estabelecida trazia benefícios para os governos, capitalistas e uma fração da classe trabalhadora. Nas palavras de Hobsbawm:

Os patrões, que pouco se incomodavam com altos salários num longo *boom* de altos lucros, apreciavam a previsibilidade que tornava mais fácil o planejamento. A mão de obra recebia salários que subiam regularmente e benefícios extras, e um Estado previdenciário sempre mais abrangente e generoso. O governo conseguia estabilidade política, partidos comunistas fracos (exceto na Itália), e condições previsíveis para a administração macroeconômica que todos os Estados então praticavam. E as economias dos países capitalistas industrializados se deram esplendidamente bem, no mínimo porque pela primeira vez (fora dos EUA e talvez da Australásia) passava a existir uma economia de consumo de massa com base no pleno emprego e rendas reais em crescimento constante, escorada pela seguridade social, por sua vez paga pelas crescentes rendas públicas. Na verdade, nos eufóricos

¹⁴² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 266-7.

¹⁴³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 267-8.

¹⁴⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 276-7.

anos 60 alguns governos incautos chegaram a garantir aos desempregados – poucos então – 80% de seus antigos salários.¹⁴⁵

De fato, a maior parte da humanidade continuava pobre, mas mudaram as perspectivas de parte da classe trabalhadora dos países centrais. Na década de 1960, não havia desemprego em massa na Europa Ocidental e no Japão, embora não estivesse completamente eliminado nos Estados Unidos. Os trabalhadores viram os seus salários crescer anualmente, quase automaticamente. Bens e serviços restritos a minorias, antigamente de luxo, estavam ao seu alcance. Eles esperavam comprar carros e passar férias nas praias do exterior. O padrão de conforto desejado pelos trabalhadores passou a incluir a geladeira, máquina de lavar roupas e o telefone. E havia um Estado previdenciário universal protegendo-os da doença e da velhice. Em suma, era “possível o cidadão médio desses países conseguir viver como só os muito ricos tinham vivido no tempo de seus pais (...)”¹⁴⁶.

Os avanços sociais foram substantivos nos Estados Unidos. Washington tinha o objetivo de incorporar a classe trabalhadora no Estado do Bem-estar Social e na plena participação política. O padrão das relações entre a grande burguesia e os trabalhadores sindicalizados foi estabelecido após uma conciliação durante a grande greve da General Motors em 1945. Os trabalhadores contaram com consideráveis aumentos salariais durante os vinte e cinco anos seguintes, mas em contrapartida, assumiram o compromisso de não fazer greves. Além disso, o governo dos Estados Unidos decidiu acabar com a discriminação e a segregação racial no país. Legalizada desde o final da Guerra Civil, a segregação racial foi declarada inconstitucional em 1954¹⁴⁷.

Como seria possível convocar os trabalhadores para o comunismo diante de tamanhos benefícios? Os partidos socialistas e os movimentos trabalhistas não comunistas, muito destacados na Europa Ocidental depois da Segunda Guerra Mundial, se enquadraram prontamente no capitalismo reformado. Afinal, eles não tinham política própria. Ao contrário, os comunistas tinham como projeto político adquirir poder e depois seguir o modelo da União Soviética¹⁴⁸.

Contudo, é necessário esclarecer os limites da ordem estabelecida. Os benefícios da Era de Ouro não foram estendidos à toda classe trabalhadora. Conforme já comentado anteriormente, apenas a fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada dos

¹⁴⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 277.

¹⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 259 e 262-3.

¹⁴⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 189.

¹⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 262 e 267. Ver também ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 80.

trabalhadores foi beneficiada diretamente. Desde o início do capitalismo reformado, a fração da classe trabalhadora não qualificada, semiquificada, feminina, negra, jovem e migrante permaneceu à margem da ordem. Apesar de reformado e reestruturado, o capitalismo é, desde a sua gênese, um modo de produção baseado na expropriação, violência e desigualdade.

As classes dominantes dos países centrais dissolveram a radicalização dos trabalhadores levando os benefícios do capitalismo reformado àquela fração da classe trabalhadora. Mas os trabalhadores precários foram sistematicamente silenciados e ocultados por meio da instrumentalização do racismo, da xenofobia e demais preconceitos sociais, ficando encarregados dos trabalhos mais degradantes e permanecendo à margem dos direitos dos trabalhadores formais¹⁴⁹. As desigualdades sociais aumentaram e surgiram novas barreiras sociais durante a Era de Ouro. Nas palavras de Mariutti:

Neste período os extremamente ricos – a alta burguesia – *aumentaram* os seus privilégios e o *alcance* das suas fortunas. A pequena burguesia e os trabalhadores qualificados gestaram novas barreiras sociais para conter os desfavorecidos e, desse modo, melhoraram a sua posição social relativa. Logo, a cidadania fordista era extremamente *limitada* e calcada na remodelação dos privilégios antigos e na criação de novos, geralmente cristalizados nos novos espaços de sociabilidade criados nas escolas e universidades mais destacadas, nas profissões mais prestigiosas e ao seu redor, só acessíveis aos que puderam combinar, desde a mais tenra infância, o lazer com a educação de alta qualidade. Além disso, boa parte da competência dos trabalhadores qualificados – especialmente com a entrada das mulheres na faixa mais nobre do mercado de trabalho – dependia indiretamente dos serviços recrutados entre os imigrantes e demais marginalizados, que realizavam a baixo custo parte de seus afazeres, liberando o *tempo* usado para aprimorar as suas competências técnicas e, de forma menos visível, para cristalizar, no ambiente familiar e nos espaços de conveniência que frequentam, as barreiras não-econômicas que segregam os precários e ajudam a ocultar a dominação de classe.¹⁵⁰

Ainda assim, não é possível encarar os benefícios concedidos pelas classes dominantes aos trabalhadores estabelecidos como parte de qualquer projeto de emancipação da humanidade. A Era da Catástrofe já tinha mostrado a exacerbação da inerente violência do capitalismo. O próprio discurso civilizador da burguesia já tinha desaparecido. Os benefícios levados à fração estabelecida da classe trabalhadora podem ser entendidos como um mecanismo de revolução passiva, na qual esses trabalhadores foram cooptados. O capitalismo reformado foi a forma encontrada pelas classes dominantes de salvar o capitalismo, afastando os trabalhadores dos comunistas europeus e da União Soviética.

Particularmente na Europa Ocidental, a prosperidade da fração estabelecida da classe trabalhadora pode ser entendida dentro de um contexto mais amplo. O projeto

¹⁴⁹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 15.

¹⁵⁰ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 16.

hegemônico estadunidense articulou diversas sociedades pela pressão financeira, chantagem militar e penetração das grandes empresas. A massificação do consumo e a tendência à homogeneização cultural derivada da difusão do *American way of life* correspondem à esfera cultural deste projeto¹⁵¹. Mesmo todos os benefícios recebidos pela fração estabelecida não eram parte de qualquer projeto emancipador da humanidade. Na verdade, os anseios dos trabalhadores foram amarrados ao consumo conspícuo.

Por fim, os incrementos salariais da classe trabalhadora não devem ser exagerados. De fato, houve um aumento nos salários reais. Porém, os lucros também aumentaram e não ocorreu nenhuma alteração considerável na parcela proporcional das rendas nacionais em favor dos salários. Também não ocorreu qualquer alteração radical na distribuição de renda. Nos Estados Unidos, a renda total dos 30% assalariados mais pobres chegou a declinar em uma comparação com o período entre guerras¹⁵².

Também é necessário destacar outro ponto da Era de Ouro: esse período não representou o amortecimento do capitalismo. As atenções dos homens do primeiro escalão da vida pública estavam concentradas na superfície dos acontecimentos, tais como os arranjos financeiros, as políticas econômicas, os acordos regionais, *etc.*¹⁵³. O capitalismo entendido como mercadorização constante da vida se alargou a uma velocidade nunca antes vista. Na verdade, o mundo passava por transformações estruturais durante a Era de Ouro, impulsionando o capitalismo

(...) com a quase destruição do campesinato, 80% da população mundial foi arrancada das suas formas de vida *paralelas* ou formalmente subsumidas ao mercado. Isto, em conjunto com a urbanização, promoveu a transformação das instituições e formas de sociabilidade mais elementares que, embora vistas pelos cultores da “modernidade” como heranças da “velha sociedade”, eram *funcionais* para atenuar os efeitos destrutivos da sociedade capitalista industrial e, de forma cada vez mais intensa, centrada na miragem do indivíduo egoísta.¹⁵⁴

O centro de gravidade do consenso político mudou para a esquerda na década de 1960. A maior parte dos governos dos países centrais era formada por conservadores moderados na década de 1950. A prosperidade não favorecia a mudança e manteve a esquerda fora do poder. Porém, os velhos senhores responsáveis pela ressurreição do capitalismo haviam abandonado a vida pública, causando certo rejuvenescimento na política dos países centrais. O Estado do Bem-estar Social foi consolidado com a esquerda moderada no poder. A

¹⁵¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 58.

¹⁵² DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo... op. cit.*, p. 390.

¹⁵³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 9.

¹⁵⁴ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 9-10.

seguridade social – manutenção da renda, educação, saúde e previdência – se tornaram a maior parte dos gastos dos governos e empregava a maior parte dos funcionários públicos. Apesar de todos os avanços sociais, explodiu o movimento estudantil em 1968, surpreendendo as pessoas mais velhas¹⁵⁵.

A prosperidade dos Estados Unidos era evidente na década de 1960. A educação superior e o sistema de saúde tiveram enorme expansão. Depois de expurgar a sua ala esquerda, o movimento sindical estadunidense se tornou aceito na estrutura de poder de Washington. Contudo, a integração dos sindicatos no sistema político, o aumento da renda dos trabalhadores qualificados e da classe média e a ilegalidade da segregação racial revelou a existência de outras exclusões. A ação dos excluídos ganhou forma de novas consciências como a consciência negra, a consciência feminina e posteriormente, de outros grupos minoritários¹⁵⁶. Todas as insatisfações com a ordem estabelecida explodiram e se misturaram em 1968. Wallerstein resume da seguinte forma:

Em 1968 todos esses desafios se juntaram num grande cadinho: o ressentimento contra o imperialismo norte-americano; o ressentimento contra o subimperialismo soviético e o conluio com os Estados Unidos; o ressentimento pela incorporação dos movimentos da Velha Esquerda no sistema, que converteu a sua suposta oposição em cumplicidade; ressentimento pela exclusão das minorias e das mulheres (estendidos depois a todo tipo de grupos - deficientes, homossexuais, povos indígenas, etc.). A explosão mundial de 1968 – nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, na Tchecoslováquia e na China, no México e na Índia – continuou durante três anos, mais ou menos, até que suas chamas arrasadoras foram controladas pelas forças de sustentação do sistema internacional. O fogo foi reduzido a brasas, mas antes disso danificou gravemente os esteios ideológicos da Grande Paz Americana. O fim desta paz era agora apenas questão de tempo.¹⁵⁷

O capitalismo reformado dependia de um equilíbrio na coordenação entre o crescimento da economia e da produtividade, da capacidade dos trabalhadores comprarem produtos e de aumento salarial de forma a manter a estabilidade dos lucros. Os salários tinham de subir para manter o crescimento econômico, mas não poderiam reduzir os lucros. Qualquer desequilíbrio na coordenação destes fatores comprometeria o arranjo triangular. Mas o equilíbrio de todos os arranjos do capitalismo reformado começou a mostrar sinais de desgaste na própria década de 1960. Era um sinal de que a Era de Ouro não tinha como durar¹⁵⁸.

¹⁵⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 277-9.

¹⁵⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 189 e 192.

¹⁵⁷ WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 192.

¹⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 279.

Estava se extinguido o grande reservatório de força de trabalho oriunda da migração interna responsável por sustentar o grande crescimento industrial. A produtividade da força de trabalho também começava a diminuir em muitos países. Uma nova geração se tornou adulta depois da Era da Catástrofe. Não era parte da sua experiência de vida o desemprego em massa, a insegurança social e a grande flutuação de preços. A nova geração estava acostumada com o pleno emprego e inflação moderada. Mas o cenário na Europa Ocidental era de escassez de força de trabalho e grandes esforços dos capitalistas para conter os salários. Ao mesmo tempo, as rebeliões estudantis na França e na Itália estavam baseadas na descoberta de que os regulares aumentos negociados pelos sindicatos eram muito menores do que se poderia arrancar dos capitalistas. Houve uma impressionante mudança de espírito nas negociações salariais após 1968, causando impacto não apenas no funcionamento do capitalismo reformado, mas da Era de Ouro como um todo. A explosão dos movimentos estudantis, por sua vez, foi um aviso para os que pensavam ter resolvido ao menos parte dos problemas do Ocidente¹⁵⁹.

Enfim, o capitalismo reformado não tinha qualquer projeto de emancipação da humanidade. O seu único projeto civilizador era converter a humanidade ao mundo das mercadorias. E isso foi concretizado com enorme sucesso. Os vínculos estabelecidos pelas classes dominantes com a social democracia de movimentos trabalhistas não comunistas no período entre guerras não poderiam ser duradouros. A Grande Depressão tinha obrigado os governos ocidentais a responderem às necessidades da classe trabalhadora sob o perigo da sua radicalização para o fascismo ou o comunismo. Mesmo no período entre guerras, as classes dominantes viam o capitalismo reformado como temporário e necessário apenas durante as crises da década de 1930, período no qual as soluções do liberalismo clássico não mais funcionavam. Para as classes dominantes, assim que os problemas sociais terminassem esse vínculo político jamais deveria voltar a acontecer.

Porém, o capitalismo reformado acabou por se tornar a solução efetiva contra o avanço dos comunistas na Europa Ocidental e da União Soviética. Mas logo ficaram claros os seus limites. Apesar de reformado a ponto de ficar irreconhecível, o capitalismo nunca deixou de ser capitalismo: um modo de produção baseado na expropriação, violência e desigualdade. Mas a mudança do estado de espírito da nova geração após 1968, especialmente com relação às negociações salariais, deu mais um motivo para a burguesia começar a romper definitivamente com a reforma social. As grades burguesias dos Estados Unidos, Europa

¹⁵⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 279-80.

Ocidental e Japão¹⁶⁰ começaram a atuar de forma transnacional em busca de força de trabalho mais barata e com menor proteção social. De maneira embrionária, as grandes burguesias dos países centrais começaram a se desvincular, ao menos parcialmente, de seus Estados de origem ou qualquer outro Estado, passando a operar como grandes capitalistas globais. A Era de Ouro do capitalismo era um dos pilares da hegemonia estadunidense. E ao final da década de 1960 não apenas a Era de Ouro, mas toda a ordem estadunidense entrou em crise.

A hegemonia estadunidense começou a se desarticular entre 1968 e 1973. As crises se manifestavam em todas as esferas da existência social. Na esfera social, a insatisfação levou a radicalização dos movimentos trabalhistas, estudantis e das minorias. O espírito de colaboração do pós Segunda Guerra Mundial foi rompido. Os trabalhadores fizeram greves nos Estados Unidos e na Europa Ocidental e o movimento sindical voltou à sua origem radical, conseguindo conquistas salariais. Na esfera econômica, o crescimento da Era de Ouro chegava ao fim e o Federal Reserve tinha dificuldades em manter os Acordos de Bretton Woods diante da difícil tarefa de regulamentar o dinheiro mundial. Na esfera militar, o exército dos Estados Unidos enfrentava dificuldades cada vez maiores na Guerra do Vietnã. Na esfera ideológica, a cruzada anticomunista de Washington começou a perder legitimidade tanto nos Estados Unidos quanto no exterior¹⁶¹. Veremos todas essas transformações nas próximas seções.

2.4. A formação da economia transnacional/mundial¹⁶²

Conforme discutido anteriormente, a economia mundial foi caracterizada por um processo de internacionalização por meio da interpenetração do grande capital dos países centrais durante as décadas de 1950 e 1960.

Contudo, a economia mundial era mais internacional do que propriamente transnacional durante o a Era de Ouro do capitalismo. O comércio internacional cresceu constantemente durante o período. Apesar disso, a maior parte da produção dos países centrais era realizada em seus mercados internos. “No auge da Era de Ouro, os EUA exportaram

¹⁶⁰ As motivações da atuação transnacional da burguesia japonesa respondem a uma série de particularidades. Sobre essas questões ver ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 356-7.

¹⁶¹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 310. FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 107-9.

¹⁶² Luciano Coutinho entende o deslocamento das indústrias para a periferia na década de 1970 como uma continuidade do processo de internacionalização. Em nossa opinião, a análise de Eric Hobsbawm sobre o período é mais frutífera: a internacionalização da economia é uma forma de transnacionalização da economia na década de 1970. Apesar disso, acreditamos ser possível aproveitar as idéias de Luciano Coutinho dentro da perspectiva de Eric Hobsbawm.

apenas um pouco menos de 8% de seu PIB, e, mais surpreendentemente, o Japão, tão voltado para a exportação, só um pouco mais¹⁶³. Contudo, uma economia de caráter transnacional começou a se formar em meados da década de 1960:

(...) começou a surgir, sobretudo a partir da década de 1960, uma economia cada vez mais *transnacional*, ou seja, um sistema de atividades econômicas para as quais os territórios e fronteiras de Estados não constituem o esquema operatório básico, mas apenas fatores complicadores. No caso extremo, passa a existir uma “economia mundial” que na verdade não tem base ou fronteiras determináveis, e que estabelece, ou antes impõe, limites ao que mesmo as economias de Estados muito grandes e poderosos podem fazer. Em dado momento do início da década de 1970, uma economia transnacional assim tornou-se uma força global efetiva. E continuou a crescer, no mínimo mais rapidamente que antes, durante as Décadas de Crise após 1973. Na verdade, seu surgimento criou em grande parte os problemas dessas décadas. Claro que foi acompanhada por uma crescente *internacionalização*. Entre 1965 e 1990, a porcentagem do produto mundial destinados às exportações iria quadruplicar.¹⁶⁴

A nascente economia transnacional apresenta três características. Nas palavras de Hobsbawm:

Três aspectos dessa transnacionalização foram particularmente óbvios: as empresas transnacionais (muitas vezes conhecidas como “multinacionais”), a nova divisão internacional do trabalho e o aumento de financiamento *offshore* (externo). Este último foi não só uma das primeiras formas de transnacionalismo a desenvolver-se, mas também uma das que demonstraram mais vividamente a maneira como a economia capitalista escapava do controle nacional ou de qualquer outro.¹⁶⁵

O termo *offshore* refere-se à prática de se registrar a sede legal de uma empresa em um paraíso fiscal, permitindo aos empresários evitar o pagamento de impostos, encargos trabalhistas ou qualquer tipo de restrição existente em seu país de origem. A essência da prática do *offshore* consiste em combinar de maneira conveniente e complexa um grande número de brechas nas legislações dos paraísos fiscais e transformá-las em uma estrutura empresarial viável, mas não regulamentada. A partir dessa estrutura, os empresários podiam fazer operações não regulamentadas e mantê-las fora do balanço de suas empresas¹⁶⁶.

A Guerra Fria originou um embrionário mercado de depósitos em dólar na década de 1950. Os países comunistas mantinham dólares com o objetivo de fazer comércio com os países ocidentais, mas evitavam depositar essas divisas no sistema bancário estadunidense temendo o seu congelamento por parte de Washington. Então, os países comunistas

¹⁶³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 271-2.

¹⁶⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 272.

¹⁶⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 272.

¹⁶⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 272.

começaram a depositar as suas divisas em bancos europeus, especialmente em Londres, os quais, a princípio, depositavam novamente essas divisas em bancos estadunidenses. Porém, os bancos londrinos logo perceberam as vantagens de se manter esses dólares¹⁶⁷.

Os dólares depositados em bancos estadunidenses e não repatriados, sobretudo para evitar as restrições da legislação bancária dos Estados Unidos, e os dólares depositados em bancos não estadunidenses foram transformados em um instrumento financeiro negociável a partir da invenção da euromoeda, sobretudo dos eurodólares. Com um pouco de engenhosidade, o antigo centro financeiro mundial, a *City* de Londres, foi transformado em um grande centro *offshore* global na década de 1960. O próprio governo da Grã-Bretanha autorizou o funcionamento deste mercado interbancário paralelo e autônomo. Os dólares em livre circulação se tornaram a fundação de um mercado global, sobretudo de empréstimos de curto prazo, capazes de escapar de qualquer controle¹⁶⁸.

Contudo, os países comunistas depositavam pequenas quantidades de dólares nos bancos europeus. O mercado de euromoedas jamais teria se transformado em um poder paralelo na economia mundial não fosse a penetração em grande escala das corporações estadunidenses na Europa Ocidental a partir da segunda metade da década de 1950. As grandes empresas estadunidenses estavam entre os maiores depositantes no mercado monetário de Nova Iorque. Neste sentido, os bancos de Nova Iorque entraram prontamente no mercado de euromoedas para evitar grandes perdas de depósitos das grandes empresas estadunidenses. Além disso, eles aproveitaram a prática do *offshore* para operarem com maior liberdade e custos mais baixos, fugindo dos baixos lucros e das regulações bancárias dos Estados Unidos. Em 1961, os bancos estadunidenses já controlavam 50% dos negócios em euromoedas¹⁶⁹.

Os grandes bancos e as grandes empresas, especialmente dos Estados Unidos, desenvolveram uma estrutura organizacional cuja operação violava os controles estabelecidos nos Acordos de Bretton Woods. Eles burlavam o sistema de bancos centrais dos principais países capitalistas responsáveis pela produção e regulamentação do dinheiro mundial e pela manutenção da paridade cambial fixa. Apesar dos problemas, o desenvolvimento do mercado de euromoedas acabou por contribuir com os objetivos de Washington. A princípio, o mercado de euromoedas fortaleceu o papel do dólar como moeda mundial e favoreceu a

¹⁶⁷ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 311.

¹⁶⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 273; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 90.

¹⁶⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 311; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 90.

expansão das empresas estadunidenses, tornando-as financeiramente auto-suficientes. A situação permaneceu favorável enquanto os Estados Unidos mantinham o sistema financeiro internacional em funcionamento por meio das suas grandes reservas de ouro e do superávit no balanço de pagamentos. Todavia, anos mais tarde, a expansão tanto das empresas estadunidenses como do mercado de euromonedas viria a entrar em contradição com as bases do poder do governo dos Estados Unidos¹⁷⁰.

Os próprios dispêndios do governo dos Estados Unidos contribuíram para um aumento substancial desse mercado. Uma enorme quantidade de dólares fluiu para fora do país durante a década de 1960 devido aos seus gastos militares e sociais. Washington tinha de financiar os déficits gerados pelos grandes custos de suas atividades militares globais, especialmente após 1965 com a Guerra do Vietnã, além de financiar o Estado do Bem-estar Social: o mais ambicioso programa social da sua história¹⁷¹.

Desde o início, o mercado de euromonedas cresceu com extraordinária velocidade. Diferentemente dos bancos regulamentados pelas instituições públicas internacionais articuladas pelos Acordos de Bretton Woods, os bancos que trabalham com essas moedas eram capazes de burlar qualquer tipo de regulação, especialmente os depósitos compulsórios nos Bancos Centrais em seus países de origem. Neste sentido, os chamados eurobancos tinham a possibilidade operar em condições excepcionalmente vantajosas, oferecendo aos clientes taxas de captação mais atraentes e trabalhando com uma margem mais estreita entre as taxas de captação e empréstimo¹⁷².

As próprias autoridades monetárias dos Estados Unidos e da Europa Ocidental acabaram por ajudar involuntariamente o desenvolvimento do mercado de euromonedas quando introduziram várias barreiras ao livre movimento de capitais ao longo da década de 1960¹⁷³.

Os problemas começaram a aparecer em 1963, quando as dívidas dos Estados Unidos com instituições públicas e privadas no exterior começaram a pressionar as suas decrescentes reservas em ouro. Com o objetivo de resolver o problema, o governo Kennedy impôs restrições aos empréstimos e investimentos do país no exterior. Na realidade, os dólares das empresas estadunidenses mantidos em bancos estrangeiros já ameaçavam ultrapassar as reservas de ouro do governo dos Estados Unidos no final da década de 1950. E as reservas de

¹⁷⁰ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 311.

¹⁷¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 238 e 273.

¹⁷² COUTINHO, Luciano. *Percalços e Problemas da Economia Mundial Capitalista*. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga & COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaios sobre a crise – Volume I*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 48.

¹⁷³ COUTINHO, Luciano. *Percalços e Problemas da Economia Mundial Capitalista... op. cit.*, p. 48.

ouro de Washington começaram a ficar menores até mesmo do que o valor devido às autoridades monetárias e governos de outros países por volta de 1963¹⁷⁴.

Contudo, as tentativas de Washington de impor regulamentações mais rigorosas aos empréstimos e investimentos dos Estados Unidos no exterior tiveram um efeito adverso. Os bancos estadunidenses responsáveis por empréstimos e financiamentos internacionais em dólares deslocaram as suas atividades de Nova Iorque para a Europa. Neste sentido, as operações bancárias em dólares feitas no exterior, antes sujeitas às regulamentações dos órgãos do governo estadunidense, simplesmente saíram do alcance da sua jurisdição. Como resultado, um imenso volume de dólares sem regulamentação de qualquer autoridade monetária ligada às instituições internacionais governamentais ou mesmo de qualquer país se acumulou no mercado de eurodólares¹⁷⁵.

Ao mesmo tempo, os clientes do mercado de euromonedas cresciam continuamente. Os principais demandantes dos seus recursos eram as grandes empresas transnacionais, bancos e empresas nacionais, governos e outras entidades públicas de quase todos os países. De outro lado, os principais aplicadores no mercado de euromonedas eram as grandes empresas transnacionais, instituições oficiais e bancos centrais de países com balanço de pagamentos superavitário. Os Bancos Centrais e as demais instituições financeiras governamentais de quase todos os países, inclusive da Europa, depositavam as suas divisas no mercado de euromonedas de forma direta ou indireta. Os mecanismos de criação de crédito permitiram ao circuito financeiro privado global de euromonedas constituir vida própria¹⁷⁶.

O poder de Washington e a expansão das grandes empresas estadunidenses se consolidaram mutuamente durante as décadas de 1950. Porém, a situação mudou a partir de meados da década de 1960. Conforme já foi adiantado, a atuação das grandes empresas estadunidenses entrou em contradição com as bases do poder do governo dos Estados Unidos. O controle da liquidez mundial retornou dos órgãos públicos, em Washington, para a iniciativa privada, em Nova Iorque e Londres. O movimento teve início com o deslocamento das grandes empresas e dos grandes bancos estadunidenses para ocupar a Europa Ocidental e se concretizou com a imposição do governo dos Estados Unidos de regulamentações mais rigorosas aos movimentos de capitais. Londres recuperou a sua posição de centro financeiro

¹⁷⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 312.

¹⁷⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 312-3.

¹⁷⁶ COUTINHO, Luciano. *Percalços e Problemas da Economia Mundial Capitalista... op. cit.*, p. 48-9.

mundial, embora seus negócios estivessem baseados no dólar e os principais protagonistas fossem os bancos estadunidenses e seus clientes¹⁷⁷.

O valor e a estabilidade do dólar eram garantidos pela sua ligação com determinada quantidade de ouro, garantida pelos lingotes do Fort Knox que continham três quartos das reservas de ouro do mundo ao final da Segunda Guerra Mundial. Durante a maior parte da década de 1960, a estabilidade do dólar e do sistema financeiro internacional criado nos Acordos de Bretton Woods sobreviveu não devido às reservas de ouro dos Estados Unidos, mas devido à pressão da potência hegemônica para que os bancos centrais da Europa Ocidental não trocassem seus dólares por ouro. Todos os governos, inclusive o estadunidense, se tornaram vítimas dos crescentes fluxos de capitais em busca de lucros rápidos e perderam o controle de suas taxas de câmbio e do dinheiro circulante no mundo¹⁷⁸.

Tudo isso fez desmoronar o sistema financeiro internacional baseado no padrão dólar-ouro. Os países da Europa Ocidental, especialmente a França, preferiram trocar o potencialmente desvalorizado dólar pelos sólidos lingotes de ouro. A demanda pelo ouro do Fort Knox fez aumentar o valor do metal precioso, tornando difícil a manutenção da sua paridade fixa com o dólar. Diante disso, o governo dos Estados Unidos abandonou unilateralmente a paridade fixa ouro-dólar em agosto de 1971. A partir de então, o sistema financeiro intencional passou a operar com um padrão dólar-papel¹⁷⁹.

Esses percalços coincidiram com o enfraquecimento da predominância econômica dos Estados Unidos. A disparidade entre o esmagador poder político/militar exercido pelos Estados Unidos sobre a Europa Ocidental e o Japão e o enfraquecimento da predominância econômica começou a crescer já no final da década de 1960. As economias dos países da Europa Ocidental e do Japão ficaram muito fortes, acumularam superávits e ganharam relevância mundial, enquanto os Estados Unidos acumulavam um enorme déficit no balanço de pagamentos¹⁸⁰. Além dos problemas com o sistema financeiro internacional, os Estados Unidos enfrentavam crises políticas, militares e ideológicas já no início da década de 1970. A Guerra do Vietnã estava dividindo e desmoralizando os Estados Unidos e isolando-os politicamente. Todos esses fatores enfraqueceram o dólar como moeda mundial.

¹⁷⁷ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 311, 316, 318-9.

¹⁷⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX... op. cit.*, p. 238-9 e 273.

¹⁷⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 239 e 273; COUTINHO, Luciano. *Percalços e Problemas da Economia Mundial Capitalista... op. cit.*, p. 52. Ver também ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 310 e 319.

¹⁸⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 238; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 13. Ver também WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 190 e 193.

A iminente desvalorização do dólar somou-se aos grandes ataques especulativos que acabaram por favorecer moedas consideradas fortes: o marco alemão e o yen japonês. Após difícil negociação, os países centrais estabeleceram paridades provisórias entre as suas moedas ainda em 1971. Mesmo assim, o sistema financeiro internacional permaneceu instável. O avanço do sistema financeiro privado internacional, sem controle das instituições internacionais e governamentais de caráter público constituídas nos Acordos de Bretton Woods, agravou as turbulências sobre as novas paridades, pressionando por novas desvalorizações do dólar. A onda generalizada de especulações continuamente realimentadas pelos déficits estadunidenses acabou por levar a uma nova desvalorização do dólar. Por fim, os países centrais alinharam novamente as paridades entre as suas moedas. Contudo, as paridades fixas foram abandonadas e os países centrais introduziram taxas flutuantes de câmbio em 1973¹⁸¹.

Ao abandonarem as paridades fixas entre as moedas, o Federal Reserve dos Estados Unidos e os bancos centrais dos principais países capitalistas reconheceram a derrota na luta contra os fluxos privados de capitais de curto prazo não controlados pelas instituições oriundas dos Acordos de Bretton Woods. A partir de então, os bancos e as empresas que operavam no mercado de euromonedas passaram a controlar diretamente os mecanismos de formação de preços das moedas dos principais países¹⁸².

O mercado de euromonedas continuou a crescer de forma espetacular. O seu volume aumentou de cerca de 14 bilhões de dólares, em 1964, para cerca de 160 bilhões de dólares em 1973, chegando a quase 500 bilhões de dólares em 1978. Dois fatores contribuíram para esse espantoso crescimento: a reciclagem dos títulos de dívida pública estadunidense e, especialmente, a reciclagem dos lucros dos grandes produtores de petróleo após o choque dos preços de 1973¹⁸³.

As empresas transnacionais também aumentaram sua captação de recursos no mercado de euromonedas durante a década de 1970. As empresas oligopolistas mundiais cresceram a taxas bastante elevadas e mantiveram um equilíbrio financeiro relativamente estável durante a Era de Ouro do capitalismo. Contudo, elas perderam a estabilidade financeira com o declínio das taxas de crescimento ao longo da década de 1970. A extraordinária expansão do mercado financeiro privado global permitiu a ampliação das

¹⁸¹ COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado... op. cit.*, p. 10 e 11; ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 308.

¹⁸² ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 310.

¹⁸³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 273; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 90-1. Ver também ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 308 e 334.

margens de endividamento das empresas transnacionais. As subsidiárias e afiliadas das empresas transnacionais se tornaram os maiores usuários do mercado de euromoedas, aproveitando a rápida ampliação da sua liquidez para remeter lucros, defender-se de pressões inflacionárias, fortalecer o capital de giro, fomentar as exportações, etc.¹⁸⁴

Os países periféricos não exportadores de petróleo também recorreram com mais intensidade a esse mercado na década de 1970 para financiar seus déficits no balanço de pagamentos. Esses países passaram por um enorme desequilíbrio nas contas públicas com choque dos preços de petróleo em 1973. Tiveram de importar petróleo a um valor três vezes maior e importar bens de produção dos países centrais a preços constantemente mais altos. Além disso, a recessão da economia mundial durante toda a década de 1970 penalizou as suas exportações tanto nos termos de troca, em franca deterioração, como no volume exportado¹⁸⁵.

O rápido desenvolvimento das operações de empréstimos e financiamentos do circuito privado do mercado de euromoedas contribuiu para desestabilizar de vez o sistema financeiro internacional acordado em Bretton Woods. As finanças privadas se tornaram uma força autônoma e global, escapando do controle das instituições internacionais governamentais e dos Bancos Centrais nacionais. O crescimento do fluxo de capitais privados reduziu consideravelmente a efetividade das políticas econômicas em geral e das políticas monetárias em particular dos países europeus. A conexão entre os sistemas de crédito internos dos países com o circuito privado transnacional do mercado de euromoedas condicionava fortemente, chegando a tornar estéril a implantação de políticas monetárias e creditícias nacionais. Isso tornou muito complexa e ineficiente a operação de políticas monetárias nacionais. Além disso, as operações no mercado de euromoedas ampliaram enormemente a volatilidade cambial e as ondas especulativas em commodities, ouro, etc.¹⁸⁶

Uma nova divisão internacional do trabalho iniciou-se ao final na década de 1960. As revoluções nos transportes e nas comunicações permitiram às burguesias dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão transferirem suas empresas para os países periféricos. Essas novas empresas passaram a abastecer tanto os crescentes mercados dos países periféricos quanto o mercado mundial. Estes mercados eram atendidos tanto pela exportação de produtos finais inteiramente produzidos pelas empresas nos países periféricos como por produtos

¹⁸⁴ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho...* op. cit., p. 70-1; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista...* op. cit., p. 15.

¹⁸⁵ COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado...* op. cit., p. 15; COUTINHO, Luciano. *Percalços e Problemas da Economia Mundial Capitalista...* op. cit., p. 50.

¹⁸⁶ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho...* op. cit., p. 49 e 55.

fabricados através da integração de plantas produtivas em uma economia que estava se tornando predominantemente transnacional¹⁸⁷.

As subsidiárias e afiliadas das empresas transnacionais se proliferaram geometricamente nos países periféricos, possibilitando às grandes burguesias mundiais escaparem das restrições impostas pelo crescimento moderado nos países centrais e expropriar capital a altas taxas de crescimento naqueles mercados ainda não saturados. Esse crescimento das empresas transnacionais foi baseado na concentração relativa nos novos mercados onde passaram a operar e na centralização crescente de capitais. Em escala global, os grandes capitalistas mundiais passaram a ocupar um espaço crescente nos países periféricos por meio da criação e ocupação de setores industriais ou através da aquisição e controle de empresas já existentes nestes países¹⁸⁸.

Os grandes burgueses globais descentralizaram em escala mundial os meios de produção para cumprir o objetivo de penetrar e ocupar os países estrangeiros. Mas a propriedade destes meios de produção permaneceu cada vez mais centralizada em cerca de quinhentas ou seiscentas gigantescas empresas globais (cerca de trezentas empresas estadunidenses e duzentas empresas europeias e japonesas)¹⁸⁹.

O comércio internacional deixou de ser a forma dominante da distribuição da produção industrial capitalista. O seu volume global foi superado pelas vendas totais das quinhentas maiores empresas transnacionais em 1973. A descentralização geográfica da produção industrial superou as formas tradicionais de comércio internacional de duas maneiras. A primeira foi a substituição do tradicional comércio internacional realizado através das exportações e importações pela produção direta nos países estrangeiros. A segunda maneira consistiu na criação de novos circuitos internacionais de comércio, especialmente em bens de capital e insumos, entre as matrizes e filiais das empresas transnacionais sob a forma de transação intra-empresa que não passam diretamente pelos Estados nacionais¹⁹⁰.

A economia mundial passou a ser crescentemente articulada, integrada e projetada à escala global através de formas avançadas de divisão técnica do trabalho dentro das empresas transnacionais. Progressivamente, a antiga divisão do trabalho entre as nações cedeu lugar à integração global da produção dentro do conjunto de matrizes e filiais das empresas transnacionais. Os grandes conglomerados globais emergiram “como pólos de internalização

¹⁸⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 274-5.

¹⁸⁸ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 64.

¹⁸⁹ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 64-5.

¹⁹⁰ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 65-6. Ver também: MICHALET, Charles-Albert. *O Capitalismo mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 145-6.

das vantagens comparativas dinâmicas e dos ganhos do comércio internacional, através da divisão planejada do trabalho dentro do seu conjunto de empresas”¹⁹¹.

É natural que as burguesias dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão transferissem as suas empresas dos países centrais, onde a força de trabalho se tornava cada vez mais bem paga e protegida, para os países periféricos, onde a força de trabalho recebia baixa remuneração e havia a possibilidade de explorar mais facilmente a força de trabalho das mulheres e jovens. As burguesias dos países centrais também descobriram que o trabalhador não branco era pelo menos tão qualificado e educado quanto o trabalhador branco, o que atraiu ainda mais as indústrias de tecnologia para os países periféricos¹⁹².

De fato, as empresas transnacionais se instalaram nos países periféricos em busca de força de trabalho mais barata. Mas isso não correspondeu a uma descentralização de processos e estágios produtivos que demandam força de trabalho mais cara para os países periféricos, a partir dos quais os produtos seriam exportados para outros mercados. Na realidade, 95% da produção das filiais das empresas transnacionais se destinava aos próprios mercados locais. Além disso, a descentralização da produção industrial não correspondeu, de maneira geral, a uma significativa descentralização da produção de bens de capital. Os processos produtivos intensivos em tecnologia, engenharia, planejamento e economias de escala permaneceram concentrados nos países centrais. Isso pode ser observado no crescimento da exportação destas categorias de produtos por parte dos países centrais¹⁹³.

Ao mesmo tempo, os baixos salários dos trabalhadores dos países periféricos asseguraram maior rentabilidade para essas empresas. Isso incentivou os grandes capitalistas globais a utilizarem determinadas áreas e sub-ramos específicos das economias dos países periféricos para a montagem de plataformas de exportação. Contudo, essas exportações representavam cerca de 5% da produção transnacional. Neste sentido, os grandes capitalistas mundiais organizaram uma economia mundial capaz de garantir uma “maximização planejada de lucros à escala global”¹⁹⁴.

As empresas multinacionais dos Estados Unidos tinham cerca de 7.500 filiais no exterior em 1950 e passaram a ter mais de 23.000 em 1966, a maioria delas no Ocidente, especialmente na Europa Ocidental. E as empresas de outros países já tinham seguido o movimento das empresas estadunidenses. A novidade estava na abrangência e na forma de atuação, agora transnacional, dessas empresas. A partir de meados da década de 1960, elas

¹⁹¹ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 65.

¹⁹² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 275-6.

¹⁹³ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 65-6.

¹⁹⁴ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 65-6.

passaram a atuar com o objetivo de “internalizar mercados ignorando fronteiras nacionais” de forma a se tornarem “independentes do Estado e seu território”. Na realidade, os dados estatísticos contabilizados como importações e exportações entre os países era na realidade o comércio interno de uma mesma empresa transnacional operando em dezenas de países¹⁹⁵.

No início, as grandes empresas tinham estreitos vínculos com seus países de origem. Contudo, ao final da Era de Ouro do capitalismo, não era possível afirmar com certeza que as empresas transnacionais ainda estivessem identificadas com os interesses de seus países ou governos de origem, exceto as empresas japonesas e algumas militares. E não poderia ser diferente. A acumulação de capital em escala mundial obriga uma empresa transnacional a adotar políticas e estratégias exatamente iguais, calculando lucros, prejuízos e capacidade de barganha com o governo de seu país de origem ou qualquer outro das dezenas de países na qual opera. A partir da formação da economia transnacional/mundial, as empresas transnacionais começaram a se emancipar, ao menos parcialmente, do tradicional Estado-nação¹⁹⁶.

Até então, a contradição entre o caráter social da produção e a apropriação privada dos meios de produção a nível internacional era mediada de forma indireta e disfarçada pelos Estados nacionais. Embora de maneira embrionária e restrita, a expansão das empresas transnacionais trouxe aqueles fenômenos para uma instância mais direta, para o seu próprio interior. Ao mesmo tempo, a expansão das empresas transnacionais criou uma categoria especial de trabalhadores. Apesar de possuírem diferentes nacionalidades e estarem submetidos a diferentes Estados, os trabalhadores das empresas transnacionais ficaram submetidos aos mesmos grupos de capitalistas mundiais. Como resposta, organizações sindicais mundiais foram criadas a partir de determinados sub-ramos de empresas transnacionais, visando à coordenação da luta da classe trabalhadora contra o grande capital mundial¹⁹⁷.

Neste contexto, as funções dos Estados foram redefinidas. A expansão dos grandes oligopólios globais obrigou os homens públicos a conciliar os interesses dos grandes burgueses globais com as políticas econômicas nacionais e com os mecanismos de controle das sociedades nacionais. Além disso, a crescente expansão das empresas transnacionais gerou antagonismos com alguns setores das burguesias locais¹⁹⁸.

¹⁹⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 273-4.

¹⁹⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 274.

¹⁹⁷ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 66.

¹⁹⁸ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 67.

A estrutura organizacional das empresas transnacionais é centralizada nas suas matrizes, a partir das quais se determinam as estratégias globais de expansão. Neste sentido, o processo mundial de concentração e centralização de capitais nas quinhentas ou seiscentas maiores empresas transnacionais originou uma tendência também global de centralização do poder econômico privado. Os horizontes de acumulação do capital se tornaram mundiais e o poder decisório empresarial se polarizou crescentemente nos grandes capitalistas transnacionais. Contudo, a administração das políticas econômicas e a manutenção do controle social continuam sendo atribuições dos Estados nacionais. Diante disso, os Estados nacionais perderam poder diante das grandes empresas transnacionais. As classes dominantes locais tentam conciliar interesses complexos e contraditórios de suas populações com os interesses específicos e globais dos grandes capitalistas mundiais¹⁹⁹.

A formação da economia transnacional pode ser vista como um desdobramento da internacionalização da economia iniciada na década de 1950, apresentando continuidades e rupturas. As continuidades podem ser observadas em casos nos quais as empresas transnacionais continuaram a penetrar nos países estrangeiros através da instalação de unidades produtivas similares à sua matriz no país de origem, se vinculando com produtores locais e mantendo a estrutura multidivisional. As rupturas ocorreram em casos nos quais, embora os vínculos com produtores locais e a estrutura multidivisional fossem mantidos, as empresas transnacionais penetraram nos países estrangeiros não através da instalação de unidades produtiva similares à sua matriz no país de origem, mas por meio da instalação de apenas parte dos processos produtivos, enquanto a maior parte dos processos intensivos em tecnologia, engenharia, planejamento e economias de escala permaneceram concentradas nos países de origem.

Ao longo da década de 1970, essas duas formas de se penetrar nos países estrangeiros se misturaram de variadas maneiras de acordo com os interesses e com as particularidades de cada empresa transnacional e de cada país receptor. De maneira geral, alguns países da América Latina (como o Brasil e o México) e alguns países asiáticos (como a Coreia do Sul e a China após 1976) tenderam para o primeiro caso, enquanto os demais países periféricos tenderam para o segundo caso.

Todavia, a principal ruptura ocorrida na década de 1970 com relação à internacionalização da economia da década de 1950 está na atuação global das burguesias dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão a partir da atuação de suas empresas. De fato, a

¹⁹⁹ COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho... op. cit.*, p. 68.

penetração das empresas transnacionais nos países periféricos tinha como objetivo a conquista dos mercados locais. Contudo, a ruptura com relação às décadas anteriores está no fato dos grandes capitalistas globais deixarem de atuar internacionalmente, utilizando os Estados nos quais possuíam plantas produtivas como unidade produtiva e base das suas operações. As empresas transnacionais passaram a distribuir geograficamente a sua produção transformando o globo em unidade produtiva e base das operações. Elas começaram a atuar lateralmente ou acima dos Estados nacionais de forma que os seus limites territoriais deixaram de ser a base de operação das grandes burguesias globais, tornando-se um fator complicador para a sua atuação mundial. Ainda que de forma embrionária, as empresas transnacionais começaram a se desvincular, ao menos parcialmente, dos Estados nacionais.

A empresa transnacional transformará novamente a sua forma de atuação ao longo da década de 1980. A difusão das tecnologias da terceira revolução industrial e sua aplicação nos processos produtivos transformará radicalmente a estrutura da corporação transnacional. Esse tema será tratado mais adiante.

As burguesias dos países centrais expandiram a acumulação de capital para os países periféricos, conseguindo grandes lucros com a criação de novos mercados e força de trabalho mais barata. Além disso, os mercados *offshore* permitiam entrar nas lucrativas operações do mercado de euromonedas e burlar o pagamento de impostos e encargos trabalhistas através da manutenção das operações fora do balanço da empresa. Embora apenas uma pequena parte da produção dos países periféricos fosse destinada para exportação, as burguesias oriundas dos países centrais começaram a se desvincular dos arranjos do capitalismo reformado responsáveis pela formação de uma classe trabalhadora estabelecida cada vez mais bem remunerada e protegida pelo Estado do Bem-estar Social. Além disso, a atuação dos grandes capitalistas globais, especialmente dos operadores do mercado de euromonedas, destruiu os controles de capitais de curto prazo baseado nas instituições internacionais governamentais oriundas nos Acordos de Bretton Woods em 1944. As próprias empresas e bancos de origem estadunidense privatizaram o sistema financeiro internacional, destruindo mais um fundamento da hegemonia estadunidense.

Enfim, a atuação global dos grandes capitalistas dos países centrais desarticulou a hegemonia estadunidense em todas as esferas: na manutenção do capitalismo reformado e no controle de movimento de capitais de curto prazo a partir de instituições públicas internacionais. Paralelamente, uma série de eventos ao longo da década de 1970 deslegitimou a cruzada contra o comunismo e isolou politicamente os Estados Unidos. Além disso, a União

Soviética se fortaleceu e pareceu ser capaz alterar o equilíbrio de poder estabelecido nos primeiros anos da Guerra Fria. O mundo estava entrando na Segunda Guerra Fria.

2.5. A emergência de uma estrutura de classe transnacional

As instituições internacionais governamentais constituídas pela ordem estadunidense a partir de 1944 tais como o FMI, o Banco Mundial e as instituições vinculadas a Organização das Nações Unidas, além da internacionalização da economia intensificada a partir da década de 1950 iniciaram um processo de internacionalização do Estado. Embora operasse em bases nacionais, a economia e a política dos países centrais passaram a ser concatenadas com a economia mundial a partir de organismos internos às suas próprias estruturas. A internacionalização do Estado foi aprofundada com o acirramento da concorrência entre as grandes burguesias dos países centrais a partir de meados da década de 1960. A economia dos Estados Unidos era preponderante na década 1950. Mas os países da Europa Ocidental e o Japão reagiram a partir de meados da década de 1960, quando as suas burguesias passaram a consolidar posições no mercado mundial.

As empresas da Europa Ocidental reorganizaram as suas operações nos moldes das corporações estadunidenses e passaram a realizar investimentos diretos externos em escala cada vez maior, aumentando maciçamente as exportações para os Estados Unidos em meados da década de 1960. As empresas dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão iniciaram uma intensa transnacionalização, buscando consolidar posições no mercado mundial como um todo ao longo da década de 1970. Também neste período as empresas da Europa Ocidental conseguiram penetrar em território estadunidense. Durante esta década, as empresas de origem estadunidense mais que dobraram o valor acumulado dos investimentos diretos externos. As empresas de origem não estadunidense (majoritariamente da Europa Ocidental e Japão) mais que triplicaram o valor acumulado dos investimentos diretos externos, elevando a sua participação de um total de 48% para 58% entre 1970 e 1978²⁰⁰.

A busca das burguesias dos países centrais por novos espaços de acumulação a nível global formou a economia transnacional. Esse processo intensificou e aprofundou a internacionalização do Estado. Mas não eram apenas as grandes burguesias dos países centrais que estavam atuando de forma global. Uma das conseqüências da formação da economia

²⁰⁰ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 314-5; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 12-3;

transnacional foi a constituição de toda uma estrutura de classe verdadeiramente transnacional.

Como apontou Robert Cox, apesar das tentativas de se formar uma solidariedade internacional dos trabalhadores, as classes sociais sempre existiram dentro de uma formação social definida em termos nacionais. Porém, a formação da economia transnacional permitiu pensar em termos de uma estrutura de classes global, ao lado ou sobreposta às estruturas de classes nacionais. Os membros desta classe transnacional são gestores com funções a nível global, como os executivos das empresas transnacionais e os altos oficiais das instituições internacionais. Além disso, os trabalhadores responsáveis pelo controle do processo de internacionalização (ou transnacionalização) do Estado através de instituições públicas ou privadas dos países, os oficiais responsáveis pelos ministérios ligados às finanças públicas nacionais e os gestores de empresas vinculadas à produção transnacional também fazem parte da classe transnacional²⁰¹.

No topo da emergente estrutura de classes global está a classe administrativa global. Esta classe tem sua própria ideologia, estratégia e instituições de ação coletiva. São uma classe em si e para si. Os lugares privilegiados de organização desta classe são as instituições internacionais como a Comissão Trilateral, O Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e as instituições vinculadas a Organização das Nações Unidas. A partir destas instituições, a classe administrativa global desenvolve um sistema de pensamento e linhas de ação para políticas e por meio delas penetram nos países através do processo de internacionalização do Estado²⁰².

A formação da economia transnacional gerou um processo de diferenciação entre os capitalistas, separando os transnacionais dos nacionais. Estes últimos tendem a se defender do desafio imposto pela economia transnacional com o protecionismo. Mas o protecionismo se torna ponto de disputa entre os próprios capitalistas nacionais. Alguns querem utilizar o Estado como instrumento para a consolidação de uma economia nacional independente. Outros querem utilizar o Estado de forma a aproveitar a oportunidade de ocupar as lacunas deixadas pela economia transnacional por meio de uma relação simbiótica, porém subordinada, com os capitalistas transnacionais²⁰³.

²⁰¹ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 111. Com a vantagem permitida pela retrospectiva, é possível substituir a expressão internacionalização produtiva, utilizada por Robert Cox em seu texto publicado em 1981, pelos termos transnacionalização produtiva ou economia transnacional, nos termos descritos por Eric Hobsbawm.

²⁰² COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 111.

²⁰³ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 111.

A classe trabalhadora também passou por um grande processo de diferenciação. Uma primeira clivagem separou os trabalhadores estabelecidos dos não estabelecidos. Os primeiros possuem qualificação profissional, trabalham em grandes empresas e, por vezes, possuem sindicatos atuantes. Eles conseguem relativa segurança e estabilidade no emprego e têm alguma perspectiva de progredir em suas carreiras. Ao contrário, os trabalhadores não estabelecidos não possuem qualificação profissional, encontram grandes dificuldades de constituir fortes sindicatos e não têm estabilidade no emprego. Geralmente, a maior parte desses trabalhadores é formada por minorias étnicas, imigrantes e mulheres²⁰⁴.

Uma segunda clivagem separou os trabalhadores empregados pelo capital transnacional dos empregados pelo capital nacional. Os trabalhadores estabelecidos de setores vinculados à economia transnacional são potenciais aliados do capital transnacional. Isso não significa ausência de conflito, mas que o capital transnacional tem a possibilidade de resolvê-los de forma isolada dos conflitos envolvendo outros grupos de trabalhadores. É uma maneira de criar um corporativismo empresarial no qual tanto a empresa transnacional como os trabalhadores estabelecidos percebem que ambos de seus interesses se tornam a razão para a continuidade da expansão da economia transnacional²⁰⁵.

Os trabalhadores estabelecidos das empresas de capital nacional, por sua vez, são mais suscetíveis ao protecionismo e a uma forma de corporativismo nacional, ao invés do empresarial. Esses trabalhadores se tornaram defensores do capital nacional, dos empregos e conseguem cargos em instituições cujos interesses estão conectados com o setor industrial nacional. Os trabalhadores não estabelecidos são de grande importância para a expansão da economia transnacional. Sistemas produtivos são feitos para utilizar em proporção crescente a força de trabalho semiquificada e não estabelecida com relação à força de trabalho qualificada e estabelecida. Neste sentido, as empresas transnacionais descentralizam a sua produção dos países centrais para a periferia, onde é possível encontrar força de trabalho barata e não estabelecida²⁰⁶.

Embora formada em meados da década de 1960, a economia transnacional se tornou força global efetiva já na década de 1970. A atuação da classe transnacional, especialmente da classe administrativa global se tornou um complicador para os capitalistas e governos nacionais e até mesmo para a manutenção da hegemonia estadunidense. Neste

²⁰⁴ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 111-2.

²⁰⁵ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 112.

²⁰⁶ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 112.

contexto, existiam dois principais cenários com possibilidade de se concretizar no final da década de 1970.

O primeiro cenário consistia em uma nova hegemonia baseada na estrutura de classe global oriunda da emergente economia transnacional. Para a realização deste cenário, seria necessária a consolidação de dois poderes e tendências relacionadas: a dominância da classe capitalista global sobre os capitalistas nacionais na maior parte dos países e a continuidade da internacionalização (ou transnacionalização) do Estado por meio das instituições transnacionais através da classe administrativa global. A manutenção desta ordem dependeria da coalizão das classes dominantes dos Estados Unidos, Alemanha Ocidental e Japão²⁰⁷.

O segundo cenário consistia em uma ordem mundial não hegemônica na qual os países centrais entrariam em conflito. Para a realização deste cenário, seria necessária a ascensão, em muitos países centrais, de uma coalizão neomercantilista, capaz de criar vínculos entre os setores opostos dos capitalistas transnacionais. Seria uma aliança constituída em bases nacionais entre governos, capitalistas e trabalhadores estabelecidos das empresas nacionais. Eles organizariam as suas próprias estruturas de poder e bem-estar social em bases nacionais, rompendo com os arranjos responsáveis pela emergência dos capitalistas transnacionais. Neste sentido, a economia mundial seria fragmentada e gravitaria em torno das grandes potências e suas esferas de influência²⁰⁸.

Esses cenários foram ficando mais claros à medida que a hegemonia estadunidense e a ordem mundial da Era de Ouro foram se desarticulando ao longo da década de 1970.

2.6. A desarticulação da hegemonia estadunidense

Desde o início, o governo dos Estados Unidos se mostrou incapaz de lidar com os problemas surgidos com o fim dos antigos impérios coloniais. Era difícil acomodar dezenas de nações recém emancipadas nas rígidas estruturas de poder da Guerra-Fria. A autodeterminação dos povos, apadrinhada pelos próprios Estados Unidos na Carta das Nações Unidas, acabou por legitimar a Conferência de Bandung, em 1955, realizada por muitos dos países recém-emancipados, da qual se originou o movimento dos países não alinhados.

²⁰⁷ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 113-4; COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais... op. cit.*, p. 117.

²⁰⁸ COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders... op. cit.*, p. 114; COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais... op. cit.*, p. 117.

Washington não previa que o Terceiro Mundo se tornaria tão turbulento e passou a ver as idéias sobre autonomia do movimento dos países não alinhados como uma ameaça à ordem mundial sob sua hegemonia²⁰⁹. Ao longo da década de 1970, a dificuldade da classe hegemônica estadunidense em subordinar as classes dominantes e as populações em geral dos países periféricos alcançou o seu clímax, chegando a alterar os rumos da Guerra Fria.

A redução da assimetria econômica entre os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental elevou as tensões nas relações internacionais. De um lado, a Grã-Bretanha aceitava a sua condição de potência de segunda ordem e adotava uma política externa de alinhamento automático com os Estados Unidos. Por outro lado, a França queria a retirada das tropas estadunidenses da Europa Ocidental e que o continente deveria seguir o seu próprio caminho liderado por Paris. Desde a década de 1960, os franceses buscavam alternativas ao padrão ouro-dólar, criticando as vantagens que os Acordos de Bretton Woods concediam à Washington e às empresas estadunidenses. As divergências com relações às estratégias da OTAN no campo nuclear foram ainda mais longe. A França não queria ser dependente do arsenal nuclear estadunidense e optou pela construção de suas próprias armas nucleares. Os desentendimentos culminaram com a saída da França das OTAN em 1966²¹⁰.

Seguindo a mesma linha política, a França vetou a candidatura da Grã-Bretanha ao Mercado Comum Europeu e anunciou uma nova ordem européia baseada na aliança franco-alemã. Além disso, Paris iniciou um processo de reaproximação do Ocidente com a China. Em sincronia, franceses e chineses começaram a hostilizar abertamente a política de não proliferação de armas nucleares imposta pelos Estados Unidos e União Soviética. Em 1969, o cenário ficou ainda mais complexo quando novo chanceler da Alemanha Ocidental anunciou uma política de aproximação com os países socialistas²¹¹.

Dois acontecimentos pareceram alterar o equilíbrio de poder estabelecido ainda nos primeiros anos da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. Estes acontecimentos somados a uma nova onda de revoluções surgida em grande parte do globo e atraída pela União Soviética culminaram na chamada Segunda Guerra Fria em meados da década de 1970²¹².

²⁰⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 332; WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 187; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 106.

²¹⁰ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 111; MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 66.

²¹¹ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 111; MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política: características gerais da ordem internacional contemporânea*. In: IPEA. *Desafios para o desenvolvimento brasileiro*. Brasília, 2011, p. 28.

²¹² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 241-2.

O primeiro acontecimento foi a Guerra do Vietnã (1965-75). Os Estados Unidos apoiavam a França nesta guerra desde a década de 1950 e se envolveram de forma mais direta na década de 1960, enquanto os países da Europa Ocidental se dissociaram do conflito de forma conjunta. Mas esse envolvimento se mostrou desastroso: desprestigiou as Forças Armadas estadunidenses e intensificou os conflitos sociais no país. A perda de vidas e o dispêndio militar foram muito altos. O maior envolvimento de Washington na guerra provocou questionamentos desde o início devido à força dos movimentos pacifistas que colocavam em questão a legitimidade desta guerra. A violência do conflito dividiu a sociedade estadunidense e desmoralizou o país, chegando a destruir o presidente Richard Nixon. Após dez anos de batalhas, Washington enviou mais de 500 mil soldados e o seu exército sofreu a primeira grande derrota militar da sua história. A Guerra do Vietnã também mostrou o isolamento dos Estados Unidos: nenhum dos seus aliados europeus mandou qualquer contingente de tropas para lutar ao lado do seu exército²¹³.

Além disso, o empenho de vidas humanas e de dinheiro em uma guerra fracassada, que não ameaçava claramente a segurança nacional dos Estados Unidos, criou uma grande crise na legitimidade ideológica da Guerra Fria. Washington passou a ter sérias dificuldades em convencer a sua população, através do medo, a colocar vidas humanas e dinheiro na cruzada anticomunista. No final da década de 1960 e no início da década de 1970, o governo dos Estados Unidos estava passando pela sua maior crise de legitimidade desde a Guerra Civil do século XIX. Também estava cada vez mais difícil para os Estados Unidos convencer os países aliados de que a expansão do poder estadunidense podia atender aos seus próprios interesses²¹⁴.

O segundo acontecimento que pareceu alterar o equilíbrio de poder entre as duas superpotências foi a Guerra do Yom Kipur em 1973. Foi uma guerra entre Israel, o mais estreito aliado dos Estados Unidos no Oriente Médio, e as forças do Egito e Síria, rearmados pela União Soviética. Duramente pressionado pelas tropas inimigas e com poucos aviões e munição, Israel apelou aos Estados Unidos para mandarem suprimentos. Porém, os aliados europeus, exceto Portugal, se recusaram até mesmo a permitir aos Estados Unidos utilizar as

²¹³ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 109 e 111-2; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 241; MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 53; WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 192.

²¹⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 331-2. WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo... op. cit.*, p. 192.

suas próprias bases em solo europeu para ajudar Israel, mostrando mais uma vez o isolamento estadunidense²¹⁵.

Com o objetivo de impedir qualquer apoio das potências ocidentais a Israel, os países árabes do Oriente Médio, através da OPEP, cortaram o fornecimento de petróleo, ameaçando fazer embargos. A partir de 1973, eles descobriram a sua capacidade de multiplicar o preço do petróleo. O crescimento econômico da Era de Ouro do capitalismo foi duramente afetado porque esteve ancorado, em grande medida, pelo fornecimento de combustível barato. A Europa e o Japão foram muito mais afetados do que os Estados Unidos. Todos os ministérios das Relações Exteriores observaram que Washington nada podia fazer para contornar essa crise. Porém, tudo parecia estar a favor da União Soviética: este novo cenário quadruplicou o valor de mercado das enormes jazidas de petróleo e gás natural descobertas em solo soviético em meados da década de 1960, motivo de muito otimismo para Brejnev²¹⁶.

Esses acontecimentos coincidiram com as crises da economia mundial. O sistema financeiro internacional acordado em Bretton Woods entrou em crise quando os próprios Estados Unidos abandonaram unilateralmente a paridade fixa ouro-dólar em 1971 e quando os países centrais abandonaram as paridades cambiais fixas em 1973. Os Estados Unidos passavam por crises militares, políticas e econômicas ao longo da década de 1970. A hegemonia estadunidense estava perdendo a sua legitimidade e sofria fissuras em todas as esferas da existência social²¹⁷.

A ruptura unilateral dos Acordos de Bretton Woods intensificou a tensão entre os Estados Unidos e os países da Europa Ocidental. Este cenário abriu caminho para a deflagração do choque dos preços do petróleo pelos países membros da OPEP como uma resposta defensiva ao acirramento das rivalidades dos países capitalistas e ao declínio relativo da liderança estadunidense neste bloco²¹⁸.

Sem dúvida, todos esses eventos enfraqueceram os Estados Unidos, enquanto o choque dos preços do petróleo fortaleceu a União Soviética. Mas nada disso alterou o equilíbrio de poder entre as duas superpotências, sempre a favor dos Estados Unidos, nem mesmo alteraram a natureza dos conflitos regionais da Guerra Fria. Contudo, surgiu uma nova

²¹⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 241-2; José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 108.

²¹⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 241-2, 258 e 285; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 108. Ver também ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 334.

²¹⁷ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 331-2; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 241; MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p.66.

²¹⁸ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 53 e 66.

onda mundial de revoluções entre 1974 e 1979. Vários países da África, Ásia e até mesmo da América foram atraídos para a União Soviética e forneceram à esta superpotência bases militares, sobretudo navais, fora de seu núcleo interior de poder, permitindo aos soviéticos uma presença global nos oceanos. Neste sentido, o equilíbrio de poder entre as superpotências poderia ser alterado desfavoravelmente para os Estados Unidos²¹⁹.

A coincidência desta onda mundial de revoluções com as derrotas e o fracasso público estadunidenses no Vietnã e no Oriente Médio, somadas ao otimismo e auto-satisfação da União Soviética de Brejnev na década de 1970 criaram a Segunda Guerra Fria. Nesta fase, os embates entre as superpotências foram travados através de uma extraordinária aceleração da corrida armamentista e de uma combinação entre guerras locais no Terceiro Mundo, nas quais os Estados Unidos lutavam de forma indireta, evitando o empenho das suas próprias forças militares temendo novos fracassos, como o ocorrido no Vietnã²²⁰.

O clima sombrio foi estimulado pela injustificada auto-satisfação dos soviéticos quando o governo de Brejnev iniciou um novo programa militar, elevando os gastos da União Soviética com segurança e defesa a uma taxa de 4% a 5% ao ano, em termos reais, a partir de 1964. Com o novo impulso na corrida armamentista, os soviéticos tiveram a satisfação de afirmar que alcançaram a paridade com os Estados Unidos em lançadores de mísseis em 1971, chegando a uma superioridade de 25% em 1976. Apesar disso, os Estados Unidos continuavam muito superiores no número de ogivas nucleares. Por outro lado, a União Soviética mantinha o esforço sistemático de obter uma marinha com presença global nos oceanos²²¹.

O crescimento explosivo da Era de Ouro do capitalismo e a corrida armamentista pressionaram tremendamente a demanda por produtos primários. As reservas de recursos naturais e humanos dos países periféricos se tornaram cada vez mais estratégicos para os países centrais. As próprias empresas transnacionais dos países centrais tinham se estabelecido de forma a aproveitar os produtos primários dos países periféricos e o poder aquisitivo das populações dos países centrais. Contudo, se os países da periferia, inspirados na Conferência de Bandung, se sentissem livres e comesçassem a exercer a sua plena soberania, utilizando os seus recursos naturais e humanos de acordo com os seus próprios interesses, o

²¹⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 242-3; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 113-4.

²²⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 242.

²²¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 243.

ritmo de crescimento econômico e a corrida armamentista dos países centrais poderiam implodir²²².

Os ideais de plena soberania dos países periféricos, já manifestados na Conferência de Bandung foi uma das inspirações da nova onda de revoluções surgida em grande parte do globo a partir de 1974. A Guerra do Vietnã já havia mostrado um dos exércitos mais poderosos do planeta não ser capaz de dobrar a vontade de um dos povos mais pobres da terra. Os Estados Unidos perderam a sua credibilidade como vigilantes do mundo. Diante deste vácuo de poder, as elites coloniais locais em conluio tácito com a União Soviética e seus aliados agiram de várias formas²²³.

Durante o período da *détente*, o governo dos Estados Unidos, através da articulação de Nixon e Kissinger, obteve dois grandes sucessos. Expulsar os soviéticos do Egito e, especialmente, recrutar de forma informal a China em uma aliança anti-soviética. Porém, a nova onda de revoluções mundiais, todas contra os regimes conservadores apoiados pelos Estados Unidos, permitiu à União Soviética recuperar a iniciativa²²⁴.

A nova onda de revoluções completou a independência das últimas colônias européias na África. Zimbábue, antiga colônia da Grã-Bretanha, se tornou independente. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde, além de se tornarem independentes de Portugal, passaram para o domínio comunista. Uma revolução derrubou o imperador da Etiópia e colocou o país sob influência soviética. Os comunistas também chegaram ao poder em toda a Indochina. Além disso, os soviéticos promoveram guerras com objetivo de remarcar território no sudeste da Ásia e leste da África, levando a sua influência militar à Somália, Benin, Madagascar e Zaire. Todos esses avanços permitiram à União Soviética contar com novas grandes bases militares nos dois lados do Oceano Índico. Os soviéticos também apoiavam movimentos que visavam à derrubada de governos vinculados com os Estados Unidos na Nicarágua e no Ira²²⁵.

O sistemático esforço da União Soviética em constituir uma marinha global, levando os seus submarinos, sua principal força, a todos os oceanos não tinha tão grande significado em termos estratégicos. Tratava-se muito mais de um gesto político, no qual uma superpotência global buscava uma exibição também global da sua bandeira. Porém, o fato da União Soviética deixar de aceitar o seu confinamento regional foi interpretado pelos

²²² ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 332-3.

²²³ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 333.

²²⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 242-3.

²²⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 333; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 243; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 113-4.

estadunidenses adeptos da Guerra Fria como uma clara prova de que a supremacia ocidental poderia acabar. Seria necessária a reafirmação da supremacia ocidental por meio de uma demonstração de força. Essas opiniões eram confirmadas pela crescente confiança do governo de Moscou, levando-o a abandonar a cautela nas relações internacionais do período Krushev²²⁶.

Porém, a histeria de Washington não se baseava em um raciocínio realista. Apesar do desprestígio, os Estados Unidos ainda eram decisivamente mais poderosos do que a União Soviética. Através de esforços incomensuráveis, os soviéticos construíram uma das mais produtivas economias do mundo na década de 1980: produziam o dobro de ferro-gusa, o quántuplo de tratores e 80% mais aço do que os Estados Unidos. Contudo, a economia soviética era inflexível e não se adaptou às nascentes revoluções tecnológicas ligadas ao desenvolvimento dos softwares e à suas crescentes aplicações nos processos produtivos. Não apenas os Estados Unidos, mas o Japão e os países da Europa Ocidental eram superiores à União Soviética em economia e tecnologia²²⁷.

Além disso, não havia qualquer indício ou probabilidade de que a União Soviética quisesse uma guerra ou planejasse um ataque militar contra o Ocidente. Na verdade, as idéias de um ataque militar soviético eram feitas pela própria publicidade de Washington e adeptos ocidentais da Guerra Fria. Esse discurso teve o efeito de convencer os soviéticos da possibilidade de um ataque nuclear vindo do Ocidente. A febre militar e a retórica apocalíptica do *establishment* político dos Estados Unidos vinha das perturbações com as derrotas, impotência e humilhações públicas sofridas ao longo da década de 1970. E os problemas se aprofundaram ainda mais com os escândalos e a renúncia do presidente Richard Nixon em 1974²²⁸.

A crise da década de 1970 se tornava cada vez mais grave para os Estados Unidos. Os fracassos de Washington em recuperar a economia mundial a partir do seu próprio comando ameaçavam provocar uma grave crise de confiança no dólar como moeda global. Se esta crise se concretizasse, as vantagens competitivas acumuladas pelo governo e empresas dos Estados Unidos baseadas na senhoriagem do dólar seriam anuladas. Além disso, uma grave crise do dólar poderia destruir a estrutura de crédito dos Estados Unidos e as redes

²²⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 243.

²²⁷ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 243-4.

²²⁸ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 244.

mundiais de acumulação de capital, pilares fundamentais da riqueza e poder do país. Em 1978, estavam bem claros os sinais de que uma crise desta proporção poderia acontecer²²⁹.

Comparados aos Estados Unidos, os países da Europa Ocidental tinham possibilidades ainda menores de enfrentar os efeitos devastadores de uma provável grande crise de confiança do dólar. Eles mantinham os seus saldos comerciais em dólar, mantendo-se, portanto, atrelados à moeda estadunidense. Contudo, a maior extroversão e a menor dimensão das suas economias tornavam os países da Europa Ocidental vulneráveis às oscilações das taxas de câmbio. Diante da contínua desvalorização da moeda estadunidense, os países-membros da Comunidade Européia criaram o Sistema Monetário Europeu e a Unidade Monetária Européia em 1978. Os dois sistemas entrariam em funcionamento em 1979. A Unidade Monetária Européia consistia apenas em um padrão monetário de valor, mas continha o potencial de construir uma moeda mundial viável, caso a crise do dólar continuasse a se agravar²³⁰.

A possibilidade de o dólar perder a sua função de moeda mundial, seja por um catastrófico colapso do sistema de crédito interno e mundial dos Estados Unidos, seja pelo surgimento uma moeda mundial alternativa, como a Unidade Monetária Européia, foi razão suficiente para Washington começar a tomar medidas para tornar forte a sua moeda. Além disso, existiam outras razões para o governo dos Estados Unidos buscar um acordo com a comunidade cosmopolita de banqueiros, liderada pelos banqueiros estadunidenses responsáveis pelo controle do mercado de euromoedas²³¹.

Uma das razões reside no fato das empresas e bancos transnacionais constituírem um poder global efetivo. A atuação mundial das empresas e bancos transnacionais entra em conflito com o planejamento nacional dos países, tornando ineficazes muitos de seus instrumentos políticos como a capacidade de tributação, controle de crédito e investimentos. As empresas estadunidenses dominavam tanto os ramos financeiros como os ramos não financeiros do capital transnacional. Neste sentido, seria muito proveitoso para o governo dos Estados Unidos descobrir formas de atuar conjuntamente com o capital transnacional estadunidense²³².

Todavia, buscar formas de se vincular com as empresas e bancos transnacionais estadunidenses exigiria de Washington muito mais do que simples mudanças nas políticas monetárias. Desde o governo Roosevelt, a partir de 1933, os princípios da moeda forte foram

²²⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 329.

²³⁰ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 329.

²³¹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 329-330.

²³² ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 330.

abandonados para cumprir o objetivo social de manter o *New Deal* interno e depois na Europa Ocidental. Vincular-se com as altas finanças privadas significaria abandonar quase tudo o que os Estados Unidos representaram por quase meio século não apenas nas questões monetárias, mas nas questões sociais. Esse tipo de rompimento não era fácil. Contudo, as tentativas de Washington em manter o poder por outros meios não obtiveram muito êxito²³³.

Neste cenário, em 1978, o governo dos Estados Unidos estava diante da opção de continuar confrontando a comunidade financeira mundial responsável pelo controle do mercado de euromonedas sediado em Londres ou buscar uma acomodação²³⁴. Os infortúnios do ano seguinte finalmente levaram Washington a uma decisão final.

Os Estados Unidos tentavam lidar com onda de revoluções mundiais atraídas para a União Soviética e com os problemas causados com os choques do petróleo de 1973 confiando na manipulação dos equilíbrios de poder regionais. Porém, tudo terminou em desastre no Oriente Médio, justamente onde o sucesso de Washington era realmente necessário. Os Estados Unidos investiram dinheiro e prestígio no Irã com o objetivo de transformar o país na sua principal alavanca de poder na região. Contudo, em 1979, o regime amistoso do xá foi derrubado pelos nada amistosos aiatolás, acabando com o projeto de poder estadunidense²³⁵.

Assim, as aflições sofridas pelo *establishment* político dos Estados Unidos chegaram ao máximo em 1979. O poder e prestígio do país foram duramente afetados com a Revolução Iraniana e o humilhante episódio dos diplomatas estadunidenses mantidos como reféns. Além disso, ocorreram revoluções comunistas na Nicarágua e em Granada, os países membros da OPEP fizeram o segundo choque dos preços do petróleo e as tropas da União Soviética invadiram o Afeganistão²³⁶.

Todos esses infortúnios trouxeram uma nova crise de confiança no dólar. A histeria dominou a população e o debate privado nos Estados Unidos. No mesmo ano de 1979, as empresas, bancos privados, bancos centrais e outros investidores pararam de aceitar dólares como moeda mundial. Tornou-se clara para Paul Volker a real possibilidade do colapso do

²³³ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 330-1.

²³⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 325.

²³⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 334.

²³⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª edição, São Paulo... *op. cit.*, p. 244; ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 310, 331 e 334; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 113-4.

dólar. A situação caminhava para uma crise financeira e uma pressão para remonetizar o ouro, problema contra o qual os Estados Unidos estavam lutando desde a década de 1960²³⁷.

²³⁷ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX...* *op. cit.*, p. 331 e 334; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* *op. cit.*, p. 243.

Capítulo III – Os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria

3.1. A reconstituição da hegemonia estadunidense e a desintegração da União Soviética

Os reverses do ano de 1979 finalmente convenceram o governo dos Estados Unidos de que era hora de abandonar os confrontos com a alta finança privada, oriundos desde a implantação do *New Deal* a partir de 1933, e de “buscar sua assistência por todos os meios disponíveis, para recuperar a vantagem na luta global pelo poder”. A partir do último ano da presidência de Carter e, especialmente a partir da presidência de Reagan, Washington optou por vincular-se com os bancos e as empresas transnacionais estadunidenses. O governo dos Estados Unidos e a alta finança forjaram uma nova “aliança memorável”²³⁸.

No último ano da presidência de Carter, Washington fez uma brusca mudança nas políticas monetárias efetuadas pelo Federal Reserve, sob a gestão de Paul Volker. Foi apenas um preâmbulo de toda uma série de medidas com o objetivo de restabelecer a confiança no dólar e centralizar novamente a gestão do dinheiro mundial, agora sob controle privado, nos Estados Unidos. A primeira medida foi a elevação da taxa de juros a um patamar bem acima da inflação corrente para competir agressivamente pelo capital circulante mundial²³⁹.

Para impulsionar a desregulamentação financeira, Reagan, que assumiu a presidência em 1980, encontrou respaldo nas forças conservadoras da Grã-Bretanha com Margaret Thatcher, eleita desde 1979, e nas forças conservadoras da Alemanha Ocidental com a eleição de Helmut Kohl em 1982. Estavam definidos os interesses de classe e a ideologia orientadores da reconstituição do poder estadunidense. O *New Deal* estava encerrado e Washington devolveu à *Wall Street* o comando das finanças²⁴⁰.

Para centralizar novamente o capital circulante nos Estados Unidos, a política de juros altos e manutenção do dólar forte de Washington foram complementadas e suplementadas por um grande impulso na desregulamentação financeira, proporcionando às empresas e instituições financeiras estadunidenses ou de qualquer origem uma liberdade de ação praticamente irrestrita nos Estados Unidos. Depois de migrar para Londres e outras praças *offshore* ao redor do mundo, finalmente a elite financeira de Nova Iorque pôde se centralizar novamente em sua própria casa na década de 1980, passando a desfrutar de tanta liberdade de ação quanto em qualquer outro lugar, com a vantagem da proximidade social e

²³⁸ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 325, 331 e 334.

²³⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 327.

²⁴⁰ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 115; MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 29.

política do maior centro de poder mundial. A partir de então, o capital circulante mundial se fixou nos títulos de dívida pública dos Estados Unidos negociados em dólar em *Wall Street*, vistos como os títulos mais seguros do mercado²⁴¹. A centralidade e segurança dos títulos de dívida pública estadunidenses fizeram do dólar uma moeda novamente atraente, permitindo a sua manutenção como moeda mundial.

Os fundamentos da Era de Ouro do capitalismo foram desconstruídos. As políticas do Estado do Bem-estar Social baseadas na negociação entre empresários e trabalhadores sindicalizados, a “economia mista” e a criação de uma burocracia estatal com o objetivo de garantir a seguridade social (manutenção da renda, educação, saúde) e previdenciária foram atacadas. As novas políticas eram determinadas pelos interesses patrimoniais das grandes burguesias globais interligados transnacionalmente pelas redes financeiras sediadas em *Wall Street* e empresas transnacionais²⁴².

Era o início de políticas de desregulamentação financeira e ajustes fiscais nos novos governos conservadores. O Federal Reserve aboliu os controles dos movimentos de capitais de curto prazo. Pouco tempo depois, os governos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha liberaram as taxas de juros. Um vasto processo de desregulamentação monetária e financeira permitiu o surgimento da interconexão global dos mercados de obrigações nos quais os governos lançavam títulos de dívida pública com o objetivo de financiar os seus déficits. E como um efeito dominó, essas políticas passaram a ser adotadas nos demais países centrais, mesmo em governos social-democratas e socialistas. Estavam de volta os ultraliberais, como Hayek e Milton Friedman²⁴³.

O governo Reagan trouxe os adeptos da Guerra Fria novamente ao poder, aprofundando a insanidade da febre militar e a retórica apocalíptica contra a União Soviética. A Segunda Guerra Fria voltou ao radicalismo com a chegada de Reagan ao poder. Washington decidiu agir em quatro frentes. Primeiro, apoiou as forças anticomunistas em todos os lugares do planeta, intervindo em Angola, no Afeganistão, Nicarágua e Etiópia. A segunda medida foi instalar uma nova rede de mísseis MX de médio alcance na Europa. Uma segunda rede de mísseis foi instalada, sob controle da OTAN, com o objetivo de ameaçar a União Soviética e controlar a rebeldia dos aliados europeus. A terceira medida foi implantar o projeto militar da “*Strategic Defense Initiative*”, conhecido como “Guerra nas Estrelas”. A

²⁴¹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 327-8; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 15.

²⁴² MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 29.

²⁴³ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 91 e 115-6;

quarta medida foi o reconhecimento diplomático da China, de acordo com política externa outrora elaborada por Nixon e Kissinger²⁴⁴.

Os Estados Unidos também se voltaram para alvos de menor importância estratégica na primeira metade da década de 1980, completando o redisciplinamento da periferia. Washington se alinhou à Grã-Bretanha na Guerra das Malvinas e impôs um ajuste econômico nos países endividados, especialmente da América Latina. Ao final da década, a superpotência hegemônica armou uma guerra entre Irã e Iraque: seus principais adversários no mundo do fundamentalismo islâmico²⁴⁵.

A União Soviética viu as suas atrofiadas estruturas começarem a desmoronar quando foi desafiada pelos Estados Unidos à nova corrida armamentista na Segunda Guerra Fria. O país não podia mais arcar com esse tipo de dispêndio e com a presença militar global. Diferentemente de Washington, Moscou não contava com um sistema comercial e financeiro capaz de transmitir os custos da corrida armamentista para o uso civil ou para os países aliados²⁴⁶.

A União Soviética tinha entrado na “era da estagnação” em meados da década de 1960, passando por mais duas décadas de crescimento econômico declinante. As camadas educadas e tecnicamente competentes responsáveis pelo funcionamento da economia do país sabiam da necessidade de mudanças drásticas para correção das ineficiências e inflexibilidade. Além disso, os problemas eram agravados pelas exigências do status de superpotência militar da União Soviética, situação impossível de ser mantida por uma economia em declínio. As pressões dos gastos militares sobre a economia do país já tinham aumentado quando as suas forças armadas se envolveram diretamente na Guerra do Afeganistão na década de 1980. E a nova corrida armamentista da Segunda Guerra Fria fez a economia soviética começar a sangrar. O novo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, chegou ao poder em 1985 com o objetivo de mudar a situação do país. Seu objetivo imediato era encerrar o mais cedo possível o confronto da Segunda Guerra Fria. E conseguiu êxito, convencendo os governos do Ocidente de que a União Soviética não tinha intenção de continuar com a insana corrida armamentista²⁴⁷.

²⁴⁴ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 113 e 118-9; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 244.

²⁴⁵ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 119.

²⁴⁶ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 34-5; ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 335.

²⁴⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 461, 463-4; ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 8.

A partir da conferência na Islândia, a Guerra Fria caminhou para o seu desfecho. Hobsbawm descreve os eventos da seguinte forma:

A Guerra Fria acabou quando uma ou ambas superpotências reconheceram o sinistro absurdo da corrida nuclear, e quando uma acreditou na sinceridade do desejo da outra de acabar com a ameaça nuclear. Provavelmente era mais fácil para um líder soviético que para um americano tomar essa iniciativa, porque, ao contrário de Washington, Moscou jamais encarara a Guerra Fria como uma cruzada, talvez porque não precisasse levar em conta uma excitada opinião pública. Por outro lado, exatamente por isso, seria mais difícil para um líder soviético convencer o Ocidente de que falava sério. (...). Para fins práticos, a Guerra Fria terminou nas duas conferências de cúpula de Reykjavik (1986) e Washington (1987).²⁴⁸

Os Estados Unidos e a União Soviética chegaram ao acordo de reduzir em 50% as suas forças estratégicas no prazo de cinco anos e destruir todos os seus mísseis balísticos no prazo de dez anos. O antigo enfrentamento radical foi transformado na possibilidade de uma parceria atômica²⁴⁹.

Mikhail Gorbatchev iniciou a sua campanha para transformar o socialismo soviético com dois *slogans*. A *perestroika*, a reestruturação da economia e da política, e a *glasnost*, a liberdade de imprensa e informação²⁵⁰. Essa combinação acabou por levar a União Soviética ao colapso em 1989 e à desintegração em 1991. Nas palavras de Hobsbawm:

O que levou a União Soviética com rapidez crescente para o precipício foi a combinação de *glasnost*, que equivalia à desintegração da autoridade, com uma *perestroika* que equivalia à destruição dos velhos mecanismos que faziam a economia mundial funcionar, sem oferecer qualquer alternativa; e conseqüentemente o colapso cada vez mais dramático do padrão de vida dos cidadãos. O país avançava para uma política eleitoral pluralista no mesmo momento em que desabou em anarquia econômica: pela primeira vez desde o início do planejamento, a Rússia em 1989 não mais tinha um Plano Quinquenal. (...). Foi uma combinação explosiva, porque solapou as rasas fundações da unidade econômica e política da URSS.²⁵¹

A desintegração econômica acabou por alimentar e adiantar a desintegração política da União Soviética. Sem o Plano Quinquenal e o comando central, a economia nacional desapareceu. Em seu lugar, surgiu uma corrida para auto-proteção, auto-suficiência e trocas laterais por parte das comunidades, territórios ou unidades políticas²⁵².

Como a União Soviética desmoronou pouco antes do fim da era Reagan, os propagandistas estadunidenses logo afirmaram que tudo foi uma obra bem-sucedida dos

²⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 246.

²⁴⁹ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 120.

²⁵⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 461.

²⁵¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 468.

²⁵² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 470. Sobre o colapso e desintegração da União Soviética e o fim do socialismo, ver HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, cap. 16.

Estados Unidos para quebrá-la e destruí-la. Mas colapso da União Soviética não era esperado e nem previsto por Washington. Ao contrário, os seus espões haviam informado, erroneamente, que a União Soviética tinha uma economia capaz de suportar a corrida armamentista com os Estados Unidos por muito tempo. Washington esperava, no máximo, colocar a economia soviética sob pressão²⁵³.

Mas não foi o confronto hostil contra o capitalismo que derrotou o socialismo. Os próprios defeitos do socialismo o fizeram. As perspectivas do socialismo real como alternativa ao capitalismo dependiam também da sua capacidade de competir com a economia capitalista na produção de mercadorias. Porém, já em meados da década de 1960, ficou claro que o socialismo estava ficando para trás. Com as revoluções nas comunicações e na tecnologia da informação ao longo da década de 1970 esse quadro se agravou: a superioridade Ocidental passou a crescer quase exponencialmente²⁵⁴.

As duas superpotências mobilizaram boa parte das suas economias na dispendiosa corrida armamentista. Os Estados Unidos desatinavam 7% do PIB com despesas militares na década de 1980. Mas podiam financiar esse gasto através da emissão de títulos de dívida pública que podiam ser absorvidos pelo bloco capitalista, especialmente pelos países da Europa Ocidental e Japão²⁵⁵. Além disso, o complexo industrial-militar estadunidense era capaz de amortizar o dispêndio do governo com a indústria militar através do repasse das tecnologias desenvolvidas pelos militares para as indústrias voltadas para o uso civil.

Já a União Soviética empenhava cerca de 25% do PIB em gastos militares. E não contava com nenhum mecanismo ou países parceiros para absorver ou amortecer esse dispêndio. Ao contrário, na prática, os seus aliados e dependentes drenavam dezenas de milhões de dólares. No final, os próprios erros dos soviéticos levaram seu país para a derrocada final. No início da década de 1970, os líderes soviéticos decidiram aproveitar o choque dos preços do petróleo e os recursos disponíveis no mercado de euromoedas para reativar a corrida armamentista, ao invés de tentarem reformar a sua economia. A decisão de Brejnev de mergulhar o país num grande programa militar levou a União Soviética à própria falência²⁵⁶. Além de tudo, a União Soviética não possuía um complexo industrial-militar similar ao estadunidense. Devido à inflexibilidade da sua própria política e economia, não haviam mecanismos capazes de amortizar o dispêndio na indústria militar através do repasse das tecnologias desenvolvidas pelos militares para as indústrias voltadas para o uso civil.

²⁵³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 245-6.

²⁵⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 246-8.

²⁵⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 247.

²⁵⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 243 e 247-8.

A Guerra Fria foi formalmente encerrada na conferência de cúpula de Washington, em 1987. Mas quarenta anos de tensões não podiam simplesmente ser suspensos. A máquina de guerra e os serviços de inteligência continuaram funcionando dos dois lados. O colapso da União Soviética a partir de 1989 e a sua dissolução em 1991 tornaram mais fácil de acreditar que o mundo tinha mudado. O fim da Guerra Fria só foi universalmente reconhecido quando a União Soviética deixou de ser uma superpotência ou qualquer tipo de potência. Finalmente, os traumas sofridos pelos Estados Unidos ao longo da década 1970 só foram curados pelo imprevisto e inesperado colapso final do seu grande antagonista, deixando-os como única potência global²⁵⁷.

As políticas de Ronald Reagan claramente tinham o objetivo de apagar as humilhações sofridas pelos Estados Unidos na década de 1970. O seu governo quis demonstrar a inquestionável supremacia e invulnerabilidade do país e o fez com gestos de poderio militar contra alvos de menor importância. As forças armadas estadunidenses invadiram Granada em 1983, realizaram maciços ataques aéreos e navais na Líbia, em 1986 e invadiram o Panamá, em 1989. Foi a forma encontrado pelo presidente dos Estados Unidos de recuperar a auto-estima de seu povo causadas pelas feridas dos acontecimentos da década anterior. A própria guerra do Golfo contra o Iraque, em 1991, pode ser entendida como uma compensação tardia pelos choques dos preços do petróleo em 1973 e 1979²⁵⁸.

Ao mesmo tempo, o projeto de desregulamentação financeira ganhava novo fôlego com a fácil reeleição de Reagan, Thatcher e Kohl, e com a maioria dos governos europeus apoiando as novas diretrizes econômicas, políticas e sociais. O governo da Grã-Bretanha desregulou o seu mercado de capitais em 1986. Washington tentou organizar o livre comércio internacional a partir da Rodada Uruguai e apresentou planos de renegociações de dívidas para os países periféricos. O FMI e o Banco Mundial assumiram novas funções, tornando-se instituições especializadas responsáveis pela administração coordenada das políticas econômicas dos países endividados. O FMI e o Banco Mundial tornaram-se instituições com o dever de intermediar o governo dos Estados Unidos, bancos privados e governos endividados²⁵⁹.

Além disso, as forças ultraconservadoras iniciam um programa de políticas econômicas e reformas institucionais com o objetivo de desregular e abrir as economias dos países periféricos a partir de 1989, especialmente dos países ex-socialistas e da América

²⁵⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 244 e 248.

²⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 244-5; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 119.

²⁵⁹ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 120-1.

Latina. Esses programas ficaram conhecidos como “Consenso de Washington”. Os programas incluíam privatizações do setor público dos países periféricos e concatenação de seus programas de estabilização econômica com a oferta de capital dos bancos e empresas transnacionais. Com o passar dos anos, as elites destes países se submeteram e se ajustaram à nova realidade, começando a competir pelos investimentos estrangeiros por meio de políticas de desregulação econômica e desoneração fiscal cada vez mais agressivas²⁶⁰.

Amparadas pelo governo dos Estados Unidos, as grandes burguesias dos países centrais pressionaram pela abertura comercial e financeira de alguns países do Oriente Médio, do antigo bloco soviético e, especialmente da América Latina. As classes dominantes destes países foram aliciadas por meio de pressões econômicas, chantagens militares e pelas novas fontes de riqueza e consumo conspícuo. A abertura foi comandada por uma lógica patrimonial envolvendo a privatização de empresas públicas e/ou a sua abertura para o capital externo, além da aquisição de empresas privadas. O principal setor de atuação do capital transnacional foi o de serviços e utilidades públicas²⁶¹.

A aliança formada entre o governo dos Estados Unidos e a alta finança privada gerou lucros que superavam todas as expectativas. A recentralização das finanças globais no país gerou quase instantaneamente um aumento do seu poder de compra, algo que o seu poderio militar, agindo sozinho, não conseguiria fazer. As altas taxas de juros e a desregulamentação financeira colocaram os países periféricos de joelhos em pouco tempo, diminuindo drasticamente a demanda pelos seus suprimentos. Entre 1980 e 1988, os preços reais dos produtos exportados por estes países caíram cerca de 40% e os preços do petróleo caíram cerca de 50%²⁶².

Washington iniciou uma das mais espetaculares expansões do endividamento dos Estados Unidos na história. O Partido Republicano venceu as eleições com a promessa de equilibrar o orçamento. Contudo, o governo Reagan transformou o país, antes o maior credor mundial, no principal devedor mundial através de uma série de tomada de empréstimos. Entre 1981 e 1991, tanto o déficit do governo federal quanto o total da dívida pública foram quadruplicados. Em 1992, os pagamentos líquidos de juros chegavam a 15% do orçamento total, tendo partido de 7% em 1973. Esse aumento da dívida pública estadunidense está associado com a escalada da Segunda Guerra Fria contra a União Soviética, especialmente no

²⁶⁰ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 91-2 e 121;

²⁶¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 25 e 31.

²⁶² ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 334-5.

financiamento do “*Strategic Defense Initiative*” e da série de exposições de poderio militar contra os países insurgentes da periferia²⁶³.

O Japão foi um grande aliado na reconstituição do poder estadunidense. Os bancos japoneses seguiram as diretrizes do governo dos Estados Unidos quando este elevou a taxa de juros para competir agressivamente pelo capital circulante mundial. O governo japonês atendeu às solicitações de Washington através do investimento de um gigantesco volume de capital para cobrir os déficits no balanço de pagamentos e o desequilíbrio fiscal interno dos Estados Unidos durante quase toda Era Reagan. Tóquio fez importantes doações de dinheiro em estratégicas ajudas bilaterais dos Estados Unidos com a Turquia, Paquistão, Sudão e Egito²⁶⁴.

Enfim, com a desintegração da União Soviética e o fim dos projetos autônomos dos países periféricos, as classes dominantes dos países centrais passaram a desfrutar de uma belle époque que, em muitos aspectos, lembrava a belle époque vivida pela burguesia da Europa no início do século XX²⁶⁵.

3.2. A quebra da unidade da classe trabalhadora e a vingança do capital contra o trabalho

Conforme dito anteriormente, a Era de Ouro do capitalismo trouxe extraordinária transformação econômica, social e cultural. Trata-se da maior, mais rápida e mais fundamental transformação da história registrada. São mudanças tão profundas quanto irreversíveis²⁶⁶. A crescente expansão do capitalismo provocou o desaparecimento do campesinato, além de transformações substanciais na classe trabalhadora. A massificação da educação e o acesso dos jovens de várias origens sociais à universidade permitiram a universalização da cultura jovem e a constituição dos movimentos estudantis como força social. Além disso, a prosperidade material da Era de Ouro colocou as reivindicações de liberdade em um patamar nunca antes experimentado. É neste contexto que os movimentos feministas e os movimentos estudantis explodiram ao final da década de 1960.

Especialmente nos Estados Unidos e Europa Ocidental, essas transformações sociais resultaram no rompimento do indivíduo com as texturas e convenções sociais, com as redes de parentesco, de comunidade e vizinhança, culminando no triunfo do indivíduo sobre a

²⁶³ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 328.

²⁶⁴ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 364.

²⁶⁵ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX... op. cit.*, p. 335.

²⁶⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 18.

comunidade e a sociedade. As antigas convenções de comportamento perderam suas justificativas ou simplesmente foram derrubadas. A família e as igrejas tradicionais foram as instituições mais severamente solapadas pelo novo individualismo moral²⁶⁷.

A família, além de ser responsável pela reprodução humana, sempre foi um mecanismo de cooperação social. Ela fora essencial na manutenção das comunidades agrárias e das primeiras sociedades industriais. Em parte, isso aconteceu porque o capitalismo sob o domínio do capital mercantil não criou nenhuma estrutura impessoal para funcionar até o período de centralização de capitais responsável pelo surgimento das grandes corporações no final do século XIX. O funcionamento do capitalismo sempre exigiu o poder do Estado ou os laços de parentesco e comunidades, embora esses últimos não estivessem previstos nos mecanismos de mercado e fundamentos dos contratos²⁶⁸.

Neste sentido, os laços de parentesco e a solidariedade de grupos e seus sistemas morais se adaptaram ao capitalismo, constituindo parte essencial deste modo de produção, embora nunca fossem reconhecidos pelos defensores da *sociedade de mercado*. Na verdade, as atividades materialmente recompensadoras, mas fisicamente remotas e de grande insegurança tais como o comércio, o sistema bancário e financeiro internacional foram exercidos com mais êxito por corpos de empresários que tinham laços de parentesco ou solidariedade religiosa. Os judeus, os quacres e os huguenotes são exemplos bem conhecidos. Por isso, o afrouxamento dos laços da família tradicional e de comunidade trouxe sérias consequências²⁶⁹.

Mesmo após a revolução industrial, passando pelo período de centralização de capitais do século XIX até meados do século XX, o capitalismo se assentou em valores que nada tinham a ver com o individualismo associal. Nas palavras de Hobsbawm:

A maneira mais eficaz de construir uma economia industrial baseada na empresa privada era combiná-la com motivações que nada tivessem a ver com a lógica do livre mercado – por exemplo com a ética protestante; com a abstenção da satisfação imediata; com a ética do trabalho árduo; com a noção de dever e confiança familiar; mas decerto não com a antinômica rebelião dos indivíduos.²⁷⁰

Contudo, a desagregação social era contida pela prosperidade da Era de Ouro e pelos cada vez mais abrangentes sistemas públicos de seguridade social. Na verdade, existiam vantagens de se viver em um mundo no qual a família e a comunidade declinavam enquanto

²⁶⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 328-31.

²⁶⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 331.

²⁶⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 331.

²⁷⁰ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 25.

os modernos Estados do Bem-estar Social dos países centrais garantiam minimamente sustento e abrigo. Contingências outrora parte da ordem familiar foram transferidas para o Estado do Bem-estar Social: os cuidados com os bebês e idosos, aposentadorias, habitação, educação, instituições responsáveis pelas pessoas abandonadas, etc. De maneira geral, o provimento público era superior ao que a maioria das famílias era capaz de proporcionar aos seus membros por si próprias. Neste sentido, as instituições públicas também contribuíram para a diminuição da importância dos laços de família, comunidade e parentesco²⁷¹.

Porém os efeitos da dissolução dos antigos valores tradicionais se tornaram dramáticos com o fim do pleno emprego e o desmantelamento do Estado do Bem-estar Social. Com o fim dos sistemas de seguridade social, as pessoas que não conseguiam ganhar a vida por si mesmas foram excluídas da sociedade. As instituições públicas, por sua vez, deixaram de cuidar das pessoas menos favorecidas. Mas não havia mais comunidade para receber e cuidar dos menos favorecidos, não existiam mais laços de parentesco, ninguém mais os conhecia. Cada vez mais, as ruas das grandes cidades do Ocidente se tornaram cheias de mendigos e excluídos. Ao final do século XX não existia mais Estado do Bem-estar Social. Também não existia mais a simbiose dos antigos valores comunitários com a moderna sociedade industrial que fora vital na constituição do capitalismo²⁷². A desintegração social se tornou crescente porque não existiam mais mecanismos e valores que amortecessem a violência inerente ao capitalismo.

Com o afrouxamento da solidariedade e dos laços sociais, também desmoronaram os sistemas morais que lhe conferiam sentido. Assim, as noções de direitos e deveres, pecado e virtude, sacrifícios, consciência, prêmios e castigos não tinham como adaptar-se na emergente linguagem da satisfação imediata dos desejos. As práticas e instituições sociais que outrora ligavam as pessoas, assegurando a cooperação social, foram reduzidas a manifestações das preferências individuais. As antigas práticas e instituições sociais não eram mais aceitas e perderam a capacidade de estruturar a vida social, tornando a sociedade cada vez mais imprevisível e incerta²⁷³.

O desaparecimento do campesinato foi a mais impressionante e de mais longo alcance de todas as transformações sociais da segunda metade do século XX. Trata-se de uma mudança tão profunda quanto irreversível. O terceiro quartel do século XX marcou o fim de um mundo no qual durante sete ou oito milênios, desde a revolução da agricultura na era

²⁷¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 332-3.

²⁷² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 330, 333.

²⁷³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 331-2.

neolítica, a maior parte dos seres humanos vivia diretamente da agricultura, pecuária ou pesca. Até meados do século XX, camponeses e agricultores compunham grande parte da força de trabalho empregada mesmo em países altamente industrializados como os Estados Unidos e a Alemanha. A exceção ficava por conta da Grã-Bretanha e, posteriormente, da Bélgica. Cerca de 80% da população mundial vivia em comunidades orientadas para o valor de uso, permanecendo relativamente isolada do modo de produção capitalista até década de 1950. Mas a situação foi invertida em apenas vinte e cinco anos na grande maioria dos países²⁷⁴.

A situação era praticamente inversa no início do século XXI. Os trabalhadores agrícolas representam 4% da força de trabalho nos países da OCDE, chegando a 2% nos Estados Unidos. Praticamente não existe nenhum país com mais da metade da população formada por agricultores na Europa, América, Ásia ou no mundo islâmico. Mesmo a China, passou de um total de 85% da força de trabalho formada por camponeses em 1950 para cerca de 50% em 2005. As aldeias e campos regidos diretamente de forma não-capitalista de vida permaneceram na África Subsaariana e em alguns países da Ásia com mais de 60% da força de trabalho formada por camponeses como Índia, Bangladesh, Mianmar, Vietnã, Laos e Camboja²⁷⁵.

A maior parte destes camponeses foi transformada em proletários. O capitalismo em crescente expansão durante a Era de Ouro demandou força de trabalho nos Estados Unidos, Europa Ocidental, nos países comunistas e em grande parte dos países periféricos. Os camponeses foram recrutados para trabalhar nas tradicionais indústrias, como operários, ou nas novas indústrias de bens e serviços popularizadas durante a segunda metade do século XX. Os camponeses, agora proletários, tiveram muitas mudanças no seu modo de vida ao passarem do trabalho na terra para o trabalho na indústria e deixando de viver no campo para viver na cidade. Além destas transformações em seu modo de vida, esses homens também viveriam novas mudanças devido às transformações na própria identidade e práticas da classe trabalhadora.

No final do século XVIII e durante o século XIX, populações heterogêneas encaravam como o fato mais importante de suas vidas a realidade extremamente pobre e insegura. Isso conferia unidade à classe trabalhadora e não somente o fato de serem submetidos à venda de sua força de trabalho por salários (pois isso ainda não ocorria com a

²⁷⁴ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX...* op. cit., p. 18 e 283-4; HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo...* op. cit., p.37.

²⁷⁵ HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo...* op. cit., p. 37-8.

maior parte das pessoas classificadas como “trabalhadores”). Os filhos dos operários não esperavam ter qualquer tipo de educação após a idade escolar mínima, geralmente até os catorze anos, e raramente chegavam à universidade. Além disso, a segregação social, o estilo de vida e as limitadas oportunidades de vida separavam os operários da camada dos trabalhadores de escritório, estes com perspectiva de alguma mobilidade social. Mesmo os líderes dos movimentos trabalhistas, embora longe da miséria, tinham um padrão de vida muito abaixo das classes médias. Mobilizados pela causa trabalhadora, muitos operários formaram partidos e movimentos sociais que se transformaram em poderosas forças políticas²⁷⁶.

A coletividade, além de elemento central de suas vidas, era uma característica definidora de identidade da classe trabalhadora. Eles tinham a consciência de que não podiam melhorar as suas vidas pela ação individual, mas apenas pela ação coletiva. Daí a união da classe e o poder dos movimentos e partidos operários. Outro fator que reforçava a coesão dos trabalhadores era o fato das suas vidas terem de ser em grande parte pública, muitas vezes devido à inadequação e precariedade do espaço privado. Assim, a dona de casa partilhava da vida pública na feira, as crianças tinham de brincar nas ruas ou nos parques, os jovens dançavam e faziam corte no espaço externo e os homens adultos confraternizavam em “casas públicas”. Todas as formas de diversão, como as festas e o futebol, assim como os comícios e os passeios de feriado eram feitas no espaço público. Inicialmente, até mesmo o rádio e a televisão foram partilhados de forma coletiva. A coesão da classe trabalhadora atingiu o seu ápice nos países centrais ao final da Segunda Guerra Mundial, mas foi minada durante a Era de Ouro do capitalismo²⁷⁷.

A Era de Ouro produziu uma variedade de bens e serviços para as massas, fazendo surgir novos tipos de empregos e trabalhadores. As tradicionais indústrias de mineração e siderurgia passaram a ter menos trabalhadores do que as novas indústrias ligadas aos bens e serviços que estavam se popularizando, como a indústria de *fast food*, por exemplo. Além disso, com a nova divisão internacional do trabalho iniciada ao final da década de 1960, parte das tradicionais indústrias mineradora, metalúrgica, siderúrgica, naval e têxtil foram maciçamente transferidas para os países periféricos. Isso fez diminuir o peso dos tradicionais operários no número total de trabalhadores nos países centrais. Contudo, esse não foi o motivo do colapso na unidade dos trabalhadores, mas sim as mudanças estruturais no seio da sua própria classe. Os operários foram vítimas das novas tecnologias, especialmente após a

²⁷⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX...* op. cit., p. 299-300.

²⁷⁷ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 300.

década de 1990, quando os novos processos produtivos automatizados podiam facilmente substituir os operários menos qualificados. Além disso, a prosperidade e a privatização da Era de Ouro do capitalismo transformaram o modo de vida dos trabalhadores, causando uma crise de consciência de classe, solapando a sua unidade²⁷⁸.

A combinação de pleno emprego com massificação do consumo característica dos “anos dourados” transformou completamente a vida dos operários nos países centrais. Eles não mais se viam como pobres ao comparar o seu próprio padrão de vida com o de outrora ou com o padrão de vida de seus pais. Além disso, os novos bens e serviços tornaram privativas muitas das atividades antes realizadas no espaço público: a televisão tornava desnecessário ir ao jogo de futebol, o vídeo K7 tomava o lugar do cinema, o telefone substituía as conversas com amigos na praça ou feira. Os próprios sindicalistas e membros de partidos políticos que outrora tinham nas assembléias e reuniões também uma forma de entretenimento, passaram a pensar em outras formas de passar o tempo. Durante a Era de Ouro do capitalismo, alguma riqueza ficou ao alcance da maioria. Os jovens operários podiam gastar com algum luxo como automóveis e alta-costura antes do casamento e as despesas domésticas dominarem seu orçamento. As diversões outrora disponíveis aos milionários se tornaram disponíveis na mais modesta sala de visitas²⁷⁹.

Enfim, a prosperidade e a privatização destruíram a pobreza e a coletividade tão fundamentais na constituição da classe trabalhadora. Hobsbawm resume a questão da seguinte forma:

Em suma, o pleno emprego e uma sociedade de consumo orientados para um verdadeiro mercado de massa colocavam a maior parte da classe operária nos velhos países desenvolvidos, pelo menos durante parte de suas vidas, bem acima do patamar abaixo do qual seus pais, ou eles próprios, tinham vivido outrora, quando se gastava a renda sobretudo com necessidades básicas.²⁸⁰

A vitória de Reagan à presidência dos Estados Unidos representou mais do que uma reação ao suposto aumento de poder da União Soviética e às humilhações sofridas pelos Estados Unidos na década de 1970. Reagan encerrou um extenso período de governos de centro e moderadamente social democratas, já desgastados quando as políticas econômicas e sociais da Era de Ouro começaram a fracassar. E ele não estava sozinho. Outros membros da direita ultraconservadora, comprometidos com uma extrema forma de egoísmo comercial e *laissez-faire* também chegaram ao poder em outros países, destacadamente Margaret Thatcher

²⁷⁸ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 297-9.

²⁷⁹ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, 300-1.

²⁸⁰ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 301.

na Grã-Bretanha, em 1979 e Helmut Kohl na Alemanha Ocidental, em 1982. Para esse grupo político, o capitalismo reformado era uma espécie de subvariedade de socialismo cujo lógico produto final era a União Soviética. Neste sentido, a Segunda Guerra Fria também foi travada no próprio território estadunidense, contra a memória de F. D. Roosevelt, o Estado do Bem-estar Social ou qualquer forma de Estado interventor. Os inimigos da direita ultraconservadora eram tanto o comunismo como o liberalismo²⁸¹.

O Estado do Bem-estar Social esteve ancorado no grande crescimento econômico do período da Era de Ouro, durante as décadas de 1950 e 1960. Com o fim do crescimento econômico e o início das crises a partir de 1973, a direita ultraconservadora começou a questionar viabilidade deste “Estado assistencialista”. O diagnóstico apontava as crises da década de 1970 como crises de governabilidade provocadas pelos excessos das democracias de massa estimuladas pelas políticas de gasto público, em especial de gasto social. Neste sentido, os governos de centro e moderadamente social democrata foram responsabilizados pela inflação, estagnação econômica e aumento das dívidas públicas gerados, em maior ou menor grau, pelo gasto público com seguridade social²⁸².

Como justificativa para retirar o capitalismo da crise, a direita ultraconservadora transformou em políticas de valor universal o equilíbrio fiscal, a desregulamentação dos mercados, a abertura das economias nacionais e a privatização dos serviços públicos. Eles também apontaram a necessidade de diminuir a participação dos trabalhadores nas decisões governamentais e impor disciplina ao mundo do trabalho. Os governos Estados Unidos e da Grã-Bretanha começaram a combater ferozmente muitas paralisações dos trabalhadores e reformaram as legislações trabalhistas, reduzindo os direitos dos sindicatos e a possibilidade de realização de greves. Alguns anos mais tarde, os governos de ambos dos países fizeram ajustes fiscais e na Grã-Bretanha um programa de privatizações foi iniciado na segunda metade da década de 1980²⁸³.

Políticos e ideólogos voltaram ao *laissez-faire* de forma ultra radical, criticando e tentando reduzir as funções sociais do Estado a qualquer preço. Eles argumentam que os serviços prestados pelo poder público são indesejados ou podem ser prestados pelo “mercado” de forma melhor, mais eficiente e mais barata. Neste sentido, o Estado começou a abandonar serviços públicos como os correios, cadeias, escolas, fornecimento de água, serviços de

²⁸¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 245; FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 115.

²⁸² FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 116; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 245.

²⁸³ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 116-7.

policciamento e até mesmo exército para repassá-los a empresas privadas operando com fins lucrativos. Os funcionários públicos são substituídos por trabalhadores com contratos comerciais²⁸⁴.

Com o fim do período do pleno emprego, nas décadas de 1970 e 1980, as fissuras entre os diferentes setores da classe operária se alargaram. Primeiro, as pressões para retirada das políticas de proteção social penalizaram os setores mais fracos da classe trabalhadora. Além disso, os supervisores e trabalhadores qualificados tiveram mais facilidade em se adaptar às novas tecnologias de produção. A situação dos trabalhadores mais qualificados chegava a permitir que eles se beneficiassem com o livre mercado, diferentemente dos trabalhadores menos favorecidos. Assim, quando na Grã-Bretanha de Thatcher a proteção social estatal começou a ser desmantelada e os sindicatos começaram a ser combatidos, 20% dos operários menos qualificados ficaram em situação pior que a dos operários do final do século XIX. Já os 10% dos operários que eram mais qualificados contavam com rendimentos três vezes maiores que os 10% com rendimentos inferiores²⁸⁵.

Quando os partidos e movimentos operários clássicos se formaram, suas políticas, estratégias e mudanças institucionais certamente beneficiavam a cada um dos trabalhadores. Ao final do século XX, a convergência de interesses e percepções no campo da classe trabalhadora não era mais automática. As transformações nos processos produtivos e as fronteiras cada vez maiores entre trabalho braçal e não braçal dissolveram a unidade da classe operária. Na Grã-Bretanha, foi revivida a antiga divisão do período vitoriano entre pobres “respeitáveis” e “não-respeitáveis”. O governo Thatcher dependia do rompimento dos trabalhadores qualificados com o Partido Trabalhista. Isso se tornou possível com a nova realidade da classe trabalhadora. Para os operários qualificados, os seus impostos estavam servindo para subsidiar a subclasse que vivia dos mecanismos de proteção social. Pela primeira vez, os trabalhadores “respeitáveis” e qualificados viram-se como defensores da direita política. A quebra na unidade da classe trabalhadora fez desmoronar o bloco trabalhista. Os partidos e movimentos trabalhistas não mais representavam todos os setores operários²⁸⁶.

Foi o início de uma vingança do capital contra o trabalho. Os trabalhadores e sindicatos foram derrotados, sofrendo reduções salariais, perda de empregos e direitos sociais em todos os países, mesmo naqueles governados pelos partidos socialistas como a Espanha,

²⁸⁴ HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 41 e 105.

²⁸⁵ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 302.

²⁸⁶ HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 302-4.

França, Itália, Grécia e Portugal. Os movimentos trabalhistas foram colocados na defensiva pelos poderes das novas legislações e pelo desemprego produzido pelos ajustes fiscais. Com a desintegração da União Soviética, o espectro do comunismo afastou-se definitivamente da Europa, desfazendo os últimos medos das classes dominantes. Os movimentos trabalhistas chegaram a desaparecer da política da Europa e dos Estados Unidos na década de 1990. O antigo consenso em torno do crescimento econômico, pleno emprego e busca pela redução da desigualdade foram substituídos pelo novo consenso liberal em torno do equilíbrio macroeconômico, competitividade global e eficácia empresarial e individual²⁸⁷.

Durante a Era da Catástrofe, as classes dominantes dos países ocidentais viam o capitalismo reformado como uma medida indesejável e efêmera, necessária apenas enquanto durassem os problemas econômicos e sociais da Grande Depressão. Porém, ao final da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo reformado acabou por se tornar a alternativa política hegemônica, desbancando o clássico liberalismo por quase meio século. Foi a forma encontrada pelas classes dominantes ocidentais de salvar o capitalismo mundial e a sociedade liberal, afastando a classe trabalhadora das radicalizações de direita e da revolução social. Contudo, mesmo o limitado arranjo entre as classes dominantes e a fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora começava a ser solapados pelas burguesias dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão já ao final da década de 1960. As burguesias dos países centrais transferiram parte das suas indústrias dos países de origem, onde a classe trabalhadora era cada vez mais bem remunerada e protegida, para os países periféricos, onde a mão de obra era barata e havia a possibilidade de explorar mais facilmente as mulheres e os jovens.

Finalmente, o capitalismo reformado começou a ser derrubado a partir da década de 1980. A prioridade das questões sociais nas políticas de Estado, antes vistas como forma de resolver os problemas econômicos e sociais, passou a ser duramente combatida com a chegada da direita ultraconservadora ao poder. O clássico liberalismo e sua crença na alocação de recursos pelo livre mercado voltaram a ser o receituário das políticas governamentais depois de meio século. A queda da União Soviética finalmente permitiu às classes dominantes desfazer os últimos vínculos com a fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora. Ao final da década de 1980, a unidade da classe trabalhadora estava quebrada e não existia mais o perigo da revolução social. Os trabalhadores, antes vistos como parceiros sociais passaram a ser alvo de vingança.

²⁸⁷ FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império... op. cit.*, p. 117 e 124.

3.3. A consolidação da economia transnacional/mundial²⁸⁸

A Era de Ouro do capitalismo criou uma economia única, cada vez mais integrada e global. Essa economia passou a operar de modo transnacional, ou seja, sobre as fronteiras dos Estados. Embora só atingisse a plenitude posteriormente, essa foi uma inovação decisiva da Era de Ouro²⁸⁹. Em grande medida, a atuação mundial das burguesias dos países centrais se apoiou na evolução dos transportes e das comunicações nas décadas de 1950 e 1960.

A corrida armamentista da Guerra Fria foi uma das grandes responsáveis por impulsionar a vanguarda da concorrência capitalista “para novas fronteiras: a tecnologia da informação (telemática), robótica, eletroeletrônica, genética, nanotecnologia, química fina e novos materiais”. Neste sentido, o setor de Pesquisa e Desenvolvimento se tornou ainda mais central na estrutura burocrática das empresas²⁹⁰. Os constantes investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento nos Estados Unidos, países da Europa Ocidental e Japão durante a Era de Ouro consolidaram a terceira revolução industrial a partir da década de 1970. A amplitude e o alcance da economia transnacional atingiram um patamar superior com a aplicação das tecnologias do complexo eletrônico nos processos industriais.

As condições técnicas para a constituição do complexo eletrônico estavam presentes desde meados da década de 1970, com a aproximação das indústrias de computadores e periféricos, telecomunicações, parte da indústria de produtos eletrônicos e um segmento da automação industrial desta nascente base tecnológica. Mas a rápida difusão dos bens e serviços do complexo eletrônico só ocorreu na década de 1980. Neste sentido, além da rápida difusão, os bens e serviços do complexo eletrônico tiveram uma rápida redução nos seus preços, gerando grande impacto sobre as estruturas das empresas, mercados financeiros e processos de trabalho²⁹¹. O desenvolvimento da microeletrônica esteve no cerne desta onda de inovações:

²⁸⁸ Eric Hobsbawm não faz nenhuma diferenciação entre a economia transnacional emergente na década de 1970 e economia mundial existente no final do século XX. Luciano Coutinho por sua vez, mostra as diferenças da grande empresa na década de 1970 e a partir da década 1980. Porém, Luciano Coutinho enxerga a chamada globalização a partir da década de 1980 como um aprofundamento da internacionalização existente desde a década de 1950. Na minha opinião, a economia transnacional é aprofundada a partir da década de 1980. Mas não em um movimento de internacionalização como ocorrido na década de 1970, mas a partir das novas formas de atuação da grande empresa diante das novas tecnologias da terceira revolução industrial. É neste sentido que eu tentarei utilizar as idéias dos dois autores.

²⁸⁹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos...* op. cit., p. 19 e 275.

²⁹⁰ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida...* op. cit., p. 11.

²⁹¹ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica: as grandes tendências de mudança*. Economia e Sociedade, Vol. 1, nº. 1 (1). Campinas: IE/Unicamp, 1992, p. 71.

A aplicação (ou criação por meio dela) da microeletrônica de uma base tecnológica comum a uma constelação de produtos e serviços agrupou um conjunto de indústrias, setores e segmentos na forma de um “complexo eletrônico”, densamente intra-articulado pela convergência intrínseca da tecnologia da informação. A formação desse poderoso *cluster* de inovações capazes de penetrar amplamente (uso generalizado), direta ou indiretamente, todos os setores da economia configura a formação de um novo paradigma tecnológico (...) ²⁹²

Uma das principais tendências da expansão do complexo eletrônico foi a formação de alianças tecnológicas entre empresas concorrentes como uma forma de competição. O objetivo destas alianças é dividir os crescentes custos e riscos de P&D, devido aos ciclos de vida cada vez menores dos produtos e processos, além de dividir os custos da luta para impor padrões de mercado. Essas alianças são consolidadas através de acordos de cooperação, projetos conjuntos, consórcios de pesquisa, *joint ventures*, etc. As associações tecnológicas são feitas predominantemente entre empresas concorrentes de mesma origem nacional ou regional, inclusive como forma de enfrentar a concorrência para a conquista de mercados mundiais ²⁹³. Todavia, merece destaque a ocorrência de alianças tecnológicas entre empresas concorrentes de diferentes origens nacionais. Nas palavras de Luciano Coutinho:

Há contudo a ocorrência (visivelmente minoritária, porém significativa) de alianças entre protagonistas de diferentes origens (ou, como alguns autores preferem, alianças *trilaterais*), envolvendo empresas japonesas, européias, americanas. Essas alianças tendem a ocorrer como resultado de duas características: (a) envolvem empresas que operam e concorrem em mercados mundiais, isto é, fazem parte de oligopólios globais; (b) envolvem em geral, empresas fortes em segmentos distintos de mercado e que apresentam alto grau de complementaridade em seus perfis tecnológicos, de tal forma que os benefícios da cooperação tendem a superar os riscos de erosão das bases de mercado de cada protagonista. As parcerias supranacionais mais frequentes na área do complexo eletrônico envolvem as seguintes empresas líderes: ATT, IBM, GTE, Motorola, Siemens, Toshiba, Fujitsu, NTT. ²⁹⁴

Enfim, é necessário destacar que as alianças tecnológicas entre empresas concorrentes como um todo não significa uma tendência indiscriminada para a ampliação da cooperação de forma não competitiva. As alianças tecnológicas possuem caráter pragmático e temporário com o objetivo de conseguir vantagens oriundas da inovação ou imposição de padrões benéficas ao grupo. A aliança tecnologia entre algumas empresas de determinada indústria obriga as empresas rivais a se organizarem de forma semelhante. Portanto, as

²⁹² COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 70.

²⁹³ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 71 e 84-5.

²⁹⁴ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 85-6.

alianças tecnológicas entre empresas concorrentes devem ser vistas como uma forma de intensificação da concorrência oligopolista²⁹⁵.

A aproximação da base técnica do sistema de bens de capital, em especial da indústria de máquinas e equipamentos industriais com a base técnica microeletrônica acabou por fundir esses dois complexos industriais num grande complexo eletrônico-mecatrônico. A revolução tecnológica com base na microeletrônica impôs significativos impactos sobre os processos da produção na indústria. O padrão tecnológico dominante ao longo do século XX foi de base eletromecânica, caracterizada pela automação dedicada, repetitiva e não programável. Esses processos passaram por intensa transformação a partir de meados da década de 1970 e, especialmente na década de 1980. A acelerada difusão de mecanismos digitalizados ou dirigidos por computadores tornou possível programar o processo de automação, substituindo a eletromecânica pela eletrônica. A partir de então, o sistema de máquinas ou partes dele passaram a ser guiados por microprocessadores ou computadores dedicados²⁹⁶.

Como conseqüência, os já rigidamente integrados processos contínuos de produção absorveram intensamente os controladores lógicos programáveis (CLP), sensores e medidores digitais capazes de otimizar os fluxos de produção de forma muito mais eficiente devido aos sistemas computadorizados de controle. Com todos esses recursos foi possível realizar o controle e a automação em tempo real do processo industrial. A rápida difusão das formas de automação e controle na década de 1980 permitiu a emergência dos abrangentes e complexos sistemas integrados de automação flexível na década de 1990²⁹⁷.

Além da automação integrada flexível e da revolução nos processos de trabalho, uma série de mudanças transformaram as estruturas e as estratégias das empresas neste contexto de revolução tecnológica. Luciano Coutinho descreve essas mudanças da seguinte maneira:

A evolução de novas formas flexíveis da produção; a necessidade de garantir e ampliar fatias de mercado através da oferta de bens diferenciados ou “customizados”, a preços cadentes acessíveis às classes médias abastadas, das sociedades desenvolvidas, a possibilidade de montar redes internas computadorizadas para centralizar a gestão, vendas, compras, estoques, produção, se necessário em tempo real; a possibilidade de estabelecer novas relações proveitosas com fornecedores, clientes, prestadores de serviços, institutos de pesquisa, universidades, ou mesmo com concorrentes tradicionais, em certas áreas – tudo isso

²⁹⁵ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 86.

²⁹⁶ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 72.

²⁹⁷ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica ... op. cit.*, p. 72-3.

vem introduzindo modificações relevantes nas estruturas e nas estratégias empresariais.²⁹⁸

O avanço das telecomunicações e seu entrelaçamento com a informática possibilitaram formar redes internas capazes de informar e controlar funções em diferentes níveis. Com esses avanços tecnológicos, as empresas conseguiram reduzir seu tamanho organizacional e os custos de transação entre as suas próprias hierarquias e passaram a gerenciar de forma eficaz a coordenação das suas operações. A informatização das redes internas das empresas viabilizou a prática extensiva de aquisição de produtos e serviços de todos os recursos do mesmo grupo empresarial, especialmente dos conhecimentos das atividades de P&D. Com a evolução da telemática, as empresas transnacionais abandonaram as suas clássicas estruturas multidivisionais, “em busca de novos arranjos *globais*, combinando-se formas de descentralização regional ou por grupos de produtos com centros de serviço globais para finanças, trading, P&D, processamento de dados, transportes”²⁹⁹.

A internalização das inovações da microeletrônica e da telemática permitiu às empresas transnacionais mudarem de estratégia. Foi possível integrar as cadeias produtivas da matriz e das filiais de forma a focar nas etapas mais nobres da produção e garantir maior controle e rentabilidade. As etapas não prioritárias e menos estratégicas da produção passaram a ser terceirizadas para empresas e regiões de menor valor agregado ou força de trabalho mais barata. A empresa transnacional se tornou global e o seu comando central subordina diferentes cadeias produtivas e subcontratadas pelo planeta. Neste sentido, as filiais das empresas transnacionais se desvincularam dos nexos locais com o objetivo de formar um sistema produtivo mundial integrado à matriz e cada vez mais independente das particularidades dos países hospedeiros. A empresa transnacional se fragmentou em várias partes, por diversos países, passando a integrar uma rede única corporativa³⁰⁰.

Em outras palavras, diante deste novo cenário, as grandes empresas passaram a se concentrar nas operações financeiras e na Pesquisa e Desenvolvimento e criaram uma ampla, diversificada e fragmentada rede de produção transnacional baseada na terceirização³⁰¹. Este passou a ser o padrão vigente a partir da década de 1980 e continua se aprimorando até os dias atuais.

Com a desregulamentação financeira e a abertura comercial instaurada ao longo das décadas de 1980 e 1990, as empresas transnacionais adotaram uma estratégia financeira e

²⁹⁸ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 76.

²⁹⁹ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica e tecnológica... op. cit.*, p. 76.

³⁰⁰ CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 16-7.

³⁰¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 15.

tecnológica global amparada por uma administração regional da produção e do comércio. A concorrência entre produtos de tecnologia de ponta ficou concentrada nos países centrais e em mais algumas regiões da Ásia. A produção de recursos naturais, componentes rudimentares e a montagem de produtos de nível tecnológico baixo ou intermediário se concentram nos países periféricos. Esse novo padrão de investimentos e produção consolidou as operações intrafirmas, alterando definitivamente a dinâmica do comércio internacional. Neste sentido, vivemos em uma ordem mundial essencialmente transnacional³⁰².

Além disso, diante das novas tecnologias e da abertura comercial integrando os mercados nacionais, as empresas transnacionais elevaram substancialmente a sua capacidade gerencial. As grandes empresas aprimoraram as cadeias de suprimento e distribuição, promovendo economias de escala e escopo, reduzindo estoques e desperdícios. Essas transformações possibilitaram a aceleração o ciclo de produção e a rápida adaptação às flutuações de mercado e padrões de consumo³⁰³.

Neste contexto, as empresas transnacionais conseguiram concretizar um dos seus objetivos iniciais quando começaram a se deslocar massivamente para os países periféricos: o uso de força de trabalho mais barata destes países para a produção de mercadorias a serem consumidas nos países centrais. Esse objetivo foi parcialmente cumprido na década de 1970. Porém, naquele período, a maior parte das mercadorias produzidas nos países periféricos acabou sendo destinada para os crescentes mercados locais, embora, a força de trabalho incrivelmente barata e desprotegida destes países garantisse lucros extraordinários às empresas transnacionais. Contudo, as tecnologias da terceira revolução industrial viabilizaram a consolidação de uma economia verdadeiramente global, na qual é possível produzir a maior parte das mercadorias nos locais onde a força de trabalho é mais barata e vender para todos os países, inclusive nos mercados de alta renda e no segmento de luxo.

A consolidação da economia transnacional aprofundou a diferenciação entre os capitalistas transnacionais e nacionais. Os capitalistas transnacionais se beneficiam da ordem estabelecida. São capazes de reduzir os seus custos de produção por meio do uso de força de trabalho mais barata dos países periféricos. A economia transnacional gerou um exército de reserva de trabalhadores a nível global, possibilitando aos grandes capitalistas mundiais explorar na periferia força de trabalho com a mesma qualificação da encontrada nos países centrais, mas por uma fração do preço³⁰⁴. Os capitalistas nacionais, por sua vez, continuam

³⁰² MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 30.

³⁰³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 11.

³⁰⁴ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 11-2.

restritos à atuação nacional não têm a mesma alternativa de distribuir a sua produção e explorar força de trabalho a nível global.

A diferenciação entre os trabalhadores estabelecidos e não estabelecidos também foi aprofundada. Trabalhadores com formação superior e profissionais do setor de alta tecnologia têm a possibilidade de conseguir emprego em economias de alta renda. Mas a grande maioria da população não possui alternativa senão integrar o exército global de reserva de trabalhadores. Os trabalhadores dos países centrais sofrem pressões de todos os lados. Os mais qualificados competem com os trabalhadores dos países periféricos de mesma qualificação, mas que recebem uma fração do seu salário. Os trabalhadores sem qualificação dos países centrais concorrem com os imigrantes vindos das grandes zonas globais de pobreza. Além disso, o que restou do Estado do Bem-estar Social dos países centrais têm dificuldades cada vez maiores de proteger o padrão de vida dos seus trabalhadores como um todo³⁰⁵.

A economia transnacional provocou um aumento das desigualdades sociais no interior dos países e entre eles. Esse surto de desigualdade e extrema instabilidade social estão na base das tensões sociais e políticas do início do século XXI. Em busca de melhores condições de vida, uma massa crescente de trabalhadores imigra das regiões mais pobres para as mais ricas do planeta, especialmente para a Europa e os Estados Unidos, intensificando a xenofobia. Para as populações locais, esse crescente fluxo migratório representa uma ameaça à sua identidade cultural e oportunidades de vida, reforçando a longa tradição de hostilidade e resistência aos imigrantes. A desintegração dos laços sociais e morais durante o século XX tornaram a questão da xenofobia ainda mais explosiva, especialmente em regiões onde a cultura é mais homogênea e a população local não está acostumada com fluxos migratórios³⁰⁶.

Enfim, o globo se tornou uma unidade operacional única e as antigas economias nacionais sujeitas às políticas de Estados territoriais nada mais são do que complicadores para as empresas transnacionais³⁰⁷. A empresa transnacional se consolidou, desvinculando-se quase que completamente dos Estados nacionais. As grandes burguesias passaram a efetivamente atuar de forma global na ordem mundial do pós-Guerra Fria.

3.4. O alinhamento das classes sociais

³⁰⁵ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 11-2.

³⁰⁶ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 11, 43 e 91-2.

³⁰⁷ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 24.

A fração de classe hegemônica estadunidense elevada à condição de classe hegemônica da ordem mundial do pós-Guerra Fria é formada basicamente por dois setores da grande burguesia estadunidense: a alta finança atuante a nível global e a burguesia ligada à tecnologia de ponta do complexo industrial-militar. Elas estão vinculadas da seguinte forma:

O financiamento do complexo industrial-militar, fonte da supremacia política dos EUA e mecanismo de *manutenção da liderança industrial em setores de ponta*, depende da centralidade de Wall Street e dos títulos públicos norte-americanos na alta finança internacional. Esta por sua vez, por penetrar no interior das diversas sociedades civis, ajuda a sustentar, de dentro para fora, o *status quo* da política internacional.³⁰⁸

Trata-se de uma conexão entre os interesses econômicos privados de origem estadunidense e o governo dos Estados Unidos. A preponderância militar estadunidense é o pilar fundamental da distribuição de poder na ordem mundial do pós-Guerra Fria e dissuade os países mais relevantes a iniciar qualquer projeto nacional autárquico capaz de questionar a ordem estabelecida. Neste sentido, o poder militar e econômico da classe hegemônica estadunidense é capaz de desestruturar forças sociais nacionalistas ou alianças entre grupos de Estados capazes de atacar o *status quo*³⁰⁹.

Conforme discutido na seção 2.2, os planejadores de Washington operam de maneira a prevenir a formação de uma hegemonia regional na Europa ou Ásia através da “manipulação do equilíbrio de poder e de uma combinação entre coerção e sedução econômica”³¹⁰. Os planejadores de Washington seguem esta estratégia básica desde meados do século XIX, variando as táticas de acordo com as suas tensões internas e com as mudanças das ordens mundiais. Na ordem mundial do pós-Guerra Fria, os expedientes da classe hegemônica estadunidense consistiram em tentar desarticular as tentativas da França em avançar na constituição de um complexo militar-industrial autônomo. Neste mesmo contexto, Washington conseguiu a aquiescência das classes dominantes da Rússia e da China para o domínio estadunidense na nova ordem estabelecida. Veremos as questões referentes sobre a Rússia e a China na seção 3.6.

Conforme discutido no primeiro capítulo, a hegemonia é estabelecida quando a classe hegemônica leva em consideração os interesses e tendências dos grupos sociais sobre os quais a hegemonia será exercida, sem que a força suplante em muito o consenso, parecendo

³⁰⁸ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 62.

³⁰⁹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 71, 72 e 72, nota 26.

³¹⁰ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 57.

apoiada no consenso da maioria. Neste sentido, a classe hegemônica estadunidense conseguiu aquiescência das grandes burguesias transnacionais oriundas dos países centrais simplesmente apoiando a tendência já em curso à consolidação da economia transnacional na década de 1980. Neste contexto, em meio à desintegração da União Soviética, a classe hegemônica estadunidense se desvinculou da fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora dos países centrais. A classe hegemônica estadunidense estabeleceu vínculos com as grandes burguesias transnacionais concedendo benefícios consolidando a abertura comercial e financeira.

As grandes burguesias transnacionais consentiram prontamente com a abertura comercial e financeira e o combate à classe trabalhadora promovidos por Washington. Essas concessões e benefícios fizeram que os grandes burgueses globais aderissem à hegemonia estadunidense na construção da ordem mundial do pós-Guerra Fria. As burguesias transnacionais também conseguiram se desvincular da fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora dos países centrais em meio à desintegração da União Soviética. Além disso, a própria consolidação da economia transnacional permitiu às grandes burguesias mundiais deslocar a produção por diversas partes do mundo, enfraquecendo os já debilitados movimentos trabalhistas e comunistas. Por fim, uma série de fatores veio a consolidar os vínculos entre as grandes burguesias transnacionais na ordem mundial contemporânea, garantindo uma coesão mínima entre essas grandes burguesias de forma a constituir uma classe.

O entrelaçamento entre as grandes burguesias dos países centrais oriundo da internacionalização produtiva da década de 1950; a interconexão global entre os mercados cambiais, financeiros, de valores e títulos de dívida pública, facilitada pela desregulamentação financeira; o investimento das burguesias oriundas de distintos países em títulos da dívida pública dos Estados Unidos e as alianças tecnológicas envolvendo empresas originárias dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão em torno dos oligopólios com produtos e serviços portadores das tecnologias da terceira revolução industrial resultaram em um intenso processo de *interpenetração patrimonial* entre as grandes burguesias dos países centrais. Nas palavras de Luciano Coutinho:

A interpenetração patrimonial entre as economias capitalistas pode ser visualizada pela posição líquida “devedora” do grande capital americano vis-à-vis os seus competidores: isto é, o total de ativos de propriedade americana no resto do mundo é, desde 1986, inferior ao total de ativos sob controle estrangeiro nos EUA. Isso se deve, principalmente, aos pesados influxos de investimentos japoneses e europeus na economia americana. Paralelamente, efetuaram-se significativos investimentos

japoneses na Europa. Essa interpenetração capitalista em grande escala tem funcionado, em larga medida, como fator de aglutinação internacional de interesses das “superburguesias” nacionais – por exemplo, uma “derrocada” do mercado de capitais ou do mercado financeiro norte americano não apenas afeta a burguesia dos EUA mas também impõe perdas significativas para os grandes capitalistas japoneses e europeus que detêm parte não desprezível da propriedade desses ativos naquele país.³¹¹

Neste sentido, a ordem mundial do pós-Guerra-Fria caracteriza-se pela “gestação de uma classe dominante com um caráter *progressivamente* transnacional”³¹². Apesar de não estarem completamente desvinculadas de seus países de origem, as grandes burguesias globais consolidaram vínculos cada vez mais efetivos entre si por meio do processo de interpenetração patrimonial, tornando-se uma classe com algum grau de coesão.

A consolidação da economia transnacional e a abertura comercial e financeira conferem às burguesias mundiais um poder de aliciamento gigantesco. A economia transnacional gera nichos de mercado que podem ser aproveitados pelas burguesias nacionais. Por isso, esses grupos não resistem aos investimentos estrangeiros e lutam por ele tentando se associar, mesmo de forma subordinada, às burguesias transnacionais com o objetivo de se tornarem seus fornecedores na produção transnacional. Além disso, os governos tentam a todo custo atrair investimentos das grandes burguesias globais para gerar empregos em seus países e para conseguir dólares para financiar as contas nacionais³¹³.

Os vínculos transnacionais que unem as essas classes proprietárias são bastante fortes, mas a sua própria existência depende da classe hegemônica estadunidense, ou seja, da simbiose entre o grande capital estadunidense, da preponderância militar de Washington e da estrutura monetária e financeira global centrada no dólar³¹⁴. Neste sentido, diante da classe hegemônica estadunidense “estão entrelaçados os interesses do capital financeiro de distintas origens nacionais”³¹⁵.

A consolidação da economia transnacional teve como consequência a reestruturação das sociedades nacionais e o aprofundamento, senão a consolidação, da estrutura de classes global. Neste contexto, podemos dizer que a ordem mundial do pós-Guerra Fria é “dirigida por uma classe transnacional de administradores que consiste em

³¹¹ COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica... op. cit.*, p. 81-2.

³¹² MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 70.

³¹³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 70-1

³¹⁴ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 70, nota 22, 71.

³¹⁵ BRAGA, José Carlos & CINTRA, Marcos Macedo. *Finanças Dolarizadas e Capital financeiro: exasperação sob controle americano*. In: FIORI, José Luís (Org.). *O Poder Americano*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 254.

diversas frações (norte-americana, européia, japonesa)”³¹⁶. Além dos vínculos estabelecidos com a classe dominante transnacional, a classe hegemônica estadunidense vinculou-se com a classe administrativa global. Os administradores globais já constituíam uma classe em si e para si na década de 1960. Eles tinham sua própria ideologia, estratégia e agiam especialmente por meio das instituições internacionais governamentais. Esses administradores globais não se identificam com os seus países de origem ou os países nos quais atuam. Sob a liderança da classe hegemônica estadunidense, os administradores mundiais ajudam a promover a abertura comercial e financeira e o aprofundamento da economia transnacional. Eles continuam responsáveis pela concatenação das demandas internas dos países nos quais atuam com as pressões externas, mas o fazem em um contexto de economia não mais internacional, mas sim mundial.

Contudo, de forma alguma a nova ordem estabelecida está baseada na dissolução do Estado nacional. A ordem mundial do pós-Guerra Fria tem como pilar a preponderância militar dos Estados Unidos e o dólar. Além disso, apesar de alguma resistência inicial, as classes dominantes de grande parte dos países se associaram à classe hegemônica mundial e às “redes plutocráticas incrustadas nas sociedades dos países desenvolvidos” e participam ativamente da abertura comercial e desregulamentação financeira³¹⁷.

A classe dominante transnacional, os trabalhadores extremamente qualificados e até mesmo parte de seus serviços mais destacados se tornaram mais um pilar conservador das sociedades nas quais eles penetram. A ordem mundial do pós-Guerra Fria produziu uma

(...) *tendência crescente à diversificação do consumo* que *redefiniu* o papel de boa parte da classe média, convertendo-a em estafetas de luxo, destinados a prover, de forma resignada e subserviente, as extravagâncias dos muito ricos. Não é de se estranhar, portanto, por que a reação conservadora teve tanto sucesso. Os interesses da classe proprietária transnacional se mesclam aos de seus serviços mais destacados em pontos muito precisos: *i*) a concentração de renda mediada pelo consumo conspícuo, base de toda esta forma de sociabilidade; *ii*) a desregulamentação financeira; *iii*) um sistema fiscal baseado no deslocamento dos impostos da cúpula da base da sociedade; *iv*) a contenção da inflação e a “disciplina” fiscal do Estado; e *v*) privatização seletiva: a esfera privada investe nas atividades sob domínio público mais lucrativas e transfere o ônus das atividades menos rentáveis para o Estado.³¹⁸

Nas últimas décadas ficou claro a emergência da China como potência global e a sua articulação com os Estados Unidos. A China se tornou grande receptora de investimento direto estrangeiro das empresas transnacionais dos países centrais, especialmente das

³¹⁶ COX, Robert W. *Questões estruturais de um governo global... op. cit.*, p. 369.

³¹⁷ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 30, nota 6.

³¹⁸ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 71.

empresas de origem estadunidense. O país se tornou o elo final de toda uma cadeia produtiva na Ásia cujos destinos finais das exportações são os próprios países centrais, em especial, os Estados Unidos. O baixo custo da força de trabalho chinesa permitiu baratear os produtos finais, reduzindo a inflação e estimulando o consumismo nos Estados Unidos. Com os dólares oriundos deste enorme saldo comercial, a burguesia chinesa se tornou a maior compradora de títulos de dívida pública estadunidense desde meados da década de 1990, financiando o déficit em nas finanças públicas da potência hegemônica. Ao mesmo tempo, as empresas transnacionais chinesas expandem as suas operações comprando terras, fazendas e mineradoras nos países periféricos e ampliam seu controle sobre recursos naturais³¹⁹.

Contudo, a articulação sino-estadunidense traz consigo muitas contradições. As finanças públicas dos Estados Unidos são pressionadas pelo déficit comercial gerado pelas importações de produtos. A sociedade estadunidense sofre com a perda de empregos e a precarização do trabalho devido à fuga das grandes empresas para a Ásia. A princípio, a relação com os Estados Unidos parece conferir muito poder à China devido ao acesso ao mercado estadunidense e controle sobre grande parte das economias asiáticas exportadoras de *commodities* para o seu mercado interno. Porém, a China é dependente do mercado consumidor dos Estados Unidos e dos serviços dos bancos de origem estadunidense para administrar as suas reservas em dólar³²⁰. Além disso, o crescimento econômico e, em certa medida, a Pesquisa & Desenvolvimento da China está atrelada às empresas transnacionais oriundos dos países centrais.

Mas a grande burguesia de origem estadunidense é a maior beneficiada pela ordem estabelecida. As suas empresas transnacionais produzem na China utilizando grandes economias de escala e força de trabalho ultra explorada. Depois exportam seus produtos para o mundo todo, em especial para os próprios Estados Unidos, auferindo grandes lucros. Além disso, a grande burguesia de origem estadunidense consegue escapar das tributações em ambos dos países e deposita os seus lucros nas praças *offshore*³²¹.

Todavia, a crise econômica iniciada em 2007 começou a abalar os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria. Mas a alta finança dos países centrais está conseguindo se salvar da crise por meio da pilhagem sistêmica do setor público. De forma autoritária, os problemas causados pela iniciativa privada estão sendo impostos à população. Neste sentido, fica bem claro que a chamada globalização nada mais é que uma etapa do imperialismo no

³¹⁹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 32; CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista... op. cit.*, p. 16.

³²⁰ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 32.

³²¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política... op. cit.*, p. 32, nota 8.

pós-Guerra Fria. O poder e a arbitrariedade do Estado são ampliados em escala transnacional em uma relação entre a preponderância dos Estados Unidos e as outras grandes potências para administrar preservar o capital global³²².

A despeito do discurso sobre o Estado mínimo ou a não intervenção do Estado na economia, ou ainda de um Estado enfraquecido pelos poderes transnacionais, fica cada vez mais evidente que o Estado continua a ter papel fundamental no capitalismo contemporâneo. Ellen Wood resume a questão da seguinte forma:

Aqui, a alegação não é que o poder do capital em condições de “globalização” tenha fugido ao controle estatal e tornado o Estado territorial cada vez mais irrelevante. Pelo contrário, meu argumento é que o Estado é hoje mais essencial do que nunca para o capital, mesmo – ou especialmente – na sua forma global. A forma política da globalização não é um Estado global, mas um sistema global de Estados múltiplos, e a forma específica do novo imperialismo vem da relação complexa e contraditória entre o poder econômico expansivo do capital e o alcance mais limitado da força extraeconômica que o sustenta.³²³

Na mesma linha de argumentação, Sampaio Júnior afirma que o Estado está mais forte do que nunca para defender os interesses do grande capital, em detrimento das suas funções de atender as necessidades da população. Nas palavras do autor:

Quando é para defender e impulsionar os interesses do grande capital, o poder estatal se revela mais forte do que nunca. O que ficou definitivamente comprometido é o caráter público do Estado, sua atuação em função de interesses que, de que alguma forma, contemplem as necessidades do conjunto da população.³²⁴

Além dos problemas econômicos, a nova ordem estadunidense está sendo contestada internamente por uma ampla e heterogênea camada de descontentes e externamente pelo aumento do poderio militar da Rússia e da China. Este será o tema da seção 3.6. Antes disso, é válido analisar mais um fundamento da ordem mundial do pós-Guerra Fria. Sob hegemonia estadunidense, as grandes burguesias mundiais levaram a um impressionante patamar a transformação do homem e da natureza em mercadoria. Esta é a discussão da próxima seção.

³²² MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 119, 122 e 130; MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 12.

³²³ WOOD, Ellen. *O império do Capital*. 1ª edição, São Paulo: Boitempo, 2014, p.18.

³²⁴ SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda. *Apresentação: Por que voltar a Lênin?: imperialismo, barbárie e revolução*. In: LENIN, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE/Unicamp, 2011, p. 9-10;

3.5. A exacerbação da mercadorização da vida

Karl Marx demonstra que o modo de produção capitalista tem como condição fundamental a formação de duas classes. Uma constituída pelos detentores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência e outra constituída por aqueles que não tem nada a vender a não ser o seu trabalho. Quando o capitalismo se instaura, ela amplia cada vez mais essas condições e passa a transformar o dinheiro, a mercadoria, os meios de produção e os meios de sobrevivência em capital³²⁵.

Rosa Luxemburg argumenta que até o início da segunda década do século XX, a área onde o modo de produção capitalista era dominante abrangia apenas uma fração do planeta Terra. Restringia-se à Europa, grande parte da América do Norte e pequenas faixas territoriais de outros continentes. Porém, os meios de produção necessários para a produção capitalista não ficam restritos às áreas dominadas por este modo de produção. É necessária a “utilização ilimitada de todas as matérias e condições que a natureza e a terra põem a sua disposição. Nesse sentido e em função de sua natureza e de sua forma de existência, o capital não admite nenhuma limitação”³²⁶.

Além disso, Rosa Luxemburg afirma que desde a sua forma primitiva, em meio ao feudalismo, a evolução do capitalismo sempre dependeu dos modos de produção não capitalistas. O capitalismo “necessita de camadas sociais não capitalistas como mercado, para colocar a sua mais valia; delas necessita como fontes de aquisição de seus meios de produção e como reservatório de força de trabalho para seu sistema salarial”³²⁷. Neste sentido,

O capital não pode existir sem contar com a presença dos meios de produção de toda parte; para o desenvolvimento pleno de seu movimento de acumulação ele necessita de todas as riquezas naturais e da força de trabalho de todas as regiões do globo. Uma vez que de fato e em sua maioria estas se encontram ligadas às formas de produção pré-capitalistas – que constituem o meio histórico de acumulação do capital -, daí resulta a tendência incontida do capital de apossar-se de todas as terras e sociedades.³²⁸

Karl Polanyi, em um diálogo com o marxismo, mostra que as formações sociais não capitalistas não são estruturadas por relações sociais articuladas pelo mercado. E quando

³²⁵ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro I...* op. cit., p. 786

³²⁶ LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo.* Volume II. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 23.

³²⁷ LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital...* op. cit., p. 31.

³²⁸ LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital...* op. cit., p. 28-9.

os mercados locais surgiram, eles foram cercados por uma série de salvaguardas cujo objetivo era proteger a sociedade. Existiam rituais e cerimônias capazes de garantir o funcionamento do mercado dentro de limites estreitos. Além disso, existiam limitações no comércio realizado entre o campo e a cidade e os mercados de longa e curta distância operavam separadamente. Contudo, as políticas mercantilistas dos nascentes Estados liberaram o mercado destas restrições colocadas pelos poderes locais. Por fim, com a evolução da grande indústria, três elementos nunca antes transformados em mercadoria passam a estar disponíveis no mercado: o trabalho, a terra e o dinheiro³²⁹.

Eric Hobsbawm, conforme discutido na seção 3.2, afirma que cerca de 80% da população mundial vivia em comunidades relativamente isoladas do modo de produção capitalista até década de 1950. Mas os vinte e cinco anos seguintes reverteram essa situação. Apenas na África Subsaariana e em alguns países da Ásia ainda a maior parte da força de trabalho é formada por camponeses no início do século XXI. Neste sentido, a grande maioria das terras, dos recursos naturais e da humanidade está submetida ao capital.

Todavia, a enorme ampliação da mercadorização da vida ocorrida durante a Era de Ouro do capitalismo veio a atingir um novo patamar no final do século XX. A centralidade das tecnologias da informação merece cuidadosa análise nas transformações em curso ainda em meados do século XX. Nas palavras de Laymert:

Minha hipótese, portanto, é que para perceber o mundo que está sendo construído não basta compreender a plena incorporação da cultura ao sistema de mercado. Mais importante do que a transformação desta em mercadoria parece ser a “virada cibernética”, que selou a aliança entre o capital e a ciência e a tecnologia, e conferiu à tecnociência a função de motor de uma acumulação que vai tomar todo o mundo existente como matéria-prima à disposição do trabalho tecnocientífico.³³⁰

A “virada cibernética” começou a operar na ciência e tecnologia desde o final da Segunda Guerra Mundial. Neste período, a especialização científica começava a se consolidar, impedindo a comunicação entre as diversas áreas do conhecimento devido às diferentes linguagens de cada área. Contudo, à contramão desta forte tendência, a cibernética foi resultado de equipes formadas por cientistas de diversas especialidades tentando compreender a linguagem uns dos outros. Como resultado, a cibernética surgiu como um campo de reflexão do todo, ou seja, uma tentativa de instituição de uma síntese. Neste sentido,

³²⁹ POLANYI, Karl. *A grande transformação... op. cit.*, p. 65-71, 78 e 81.

³³⁰ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética*. In: SANTOS, Laymert Garcia dos e outros. *Revolução tecnológica, internet e socialismo*. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2003, p. 10-1.

foi elaborada uma linguagem comum para além das diversas especializações científicas: surgia o conceito de informação, válido para os campos da física, biologia e tecnologia³³¹.

A partir de então, com a evolução das pesquisas “ficaram evidentes as reciprocidades informacionais entre diferentes organismos e entre organismos e técnica”³³². Além disso, os cientistas também observaram que

as ciências das comunicações e a biologia moderna compartilham o mesmo ímpeto de traduzir o mundo num problema de codificação, de buscar uma linguagem comum na qual desapareça qualquer resistência ao controle instrumental e na qual toda heterogeneidade possa ser submetida a decomposição, recomposição, investimento e troca.³³³

Neste contexto, o mundo passou a ser subdividido por fronteiras permeáveis à informação. A natureza se torna natureza-informação, estando disponível aos processos de recuperação, processamento e armazenamento. Portanto, a “virada cibernética” transforma o mundo num inesgotável banco de dados. A tecnociência permite ao homem dominar irrestritamente a natureza e até mesmo a própria natureza humana por meio da informação³³⁴.

Finalmente, na ordem mundial do pós-Guerra Fria, um novo patamar da mercadorização da vida ocorre em um contexto no qual o grande capital tenta se apropriar das novas possibilidades e criações apresentadas pela revolução tecnológica. Por toda parte

(...) e sempre que possível, o capitalismo de ponta passa a interessar-se mais pelo controle dos processos do que dos produtos, mais pelas potências virtualidades e performances do que pelas coisas mesmas. O capital, e antes de tudo o capital financeiro, começa a deslocar-se para o campo do virtual, voltando-se para uma economia futura cujo comportamento é analisado por meio de simulações cada vez mais complexas. Tal tendência não se limita porém ao mercado financeiro; em muitos outros setores a prospecção passa a preponderar.³³⁵

Os grandes capitalistas estão empenhados em se apropriar das novas possibilidades abertas pela evolução tecnológica. Seguindo o raciocínio de Laymert:

Ora, é possível compreender todo esse deslocamento por meio da importância ascendente da informação, tal como é aqui entendida. Com efeito, como germe que atualiza a potência do virtual, ela é o operador da passagem de uma dimensão da realidade para outra, se lembrarmos que a dimensão atual da realidade é a dimensão do existente, ao passo que a dimensão virtual é a do que existe enquanto potência. Assim, é a informação que permite ao capital global e a tecnociência passarem da

³³¹ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 12-3.

³³² SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 14.

³³³ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 14.

³³⁴ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 14-5 e 17.

³³⁵ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 17-8.

dimensão atual da realidade para a sua dimensão virtual. Agora se torna possível investir sobre toda criação, inclusive criação da vida. Sabemos que por meio da privatização das telecomunicações, da colonização das redes e do próximo loteamento do campo eletromagnético, o capital global busca controlar o acesso e a exploração do ciberespaço; mas nos esquecemos que a ambição maior da nova economia é assenhorear-se da dimensão virtual da realidade, e não apenas da dimensão da realidade virtual, do ciberespaço, como tem sido observado.³³⁶

Desta forma, os grandes capitalistas se preparam para a apropriação do futuro:

Se tivermos em mente que a dimensão virtual da realidade começa a ser mais importante em termos econômicos do que a sua dimensão atual, teremos uma idéia melhor do sentido da corrida tecnológica. Aliado à tecnociência, o capitalismo tem a ambição de apropriar-se do futuro.³³⁷

Neste sentido, a capacidade de transformar a vida em mercadoria atingiu um nível de intensidade e violência talvez inimagináveis. Definitivamente, a natureza, a nível molecular, está sendo apropriada pelas grandes corporações, tornando-se uma das novas fronteiras de acumulação. Laymert formula o problema da seguinte forma:

Levando a instrumentalização ao extremo, a virada cibernética permite que a tecnociência considere tudo o que existe ou existiu como matéria-prima a ser processada por uma tecnologia que lhe agrega valor. Tal possibilidade abriu para a apropriação capitalista um horizonte e um campo de atuação insuspeitos: o plano molecular do finito ilimitado, no qual, lembrando Deleuze, um número finito de componentes produz uma diversidade praticamente ilimitada de combinações. Se o mundo é um banco de dados, a atividade valorizada é aquela que nele garimpa informações passíveis de serem introduzidas em novas configurações e apresentadas como inovações.³³⁸

Assim, os grandes capitalistas globais e a tecnociência encontraram uma formulação jurídica capaz de assegurar o acesso e o controle da informação tanto no plano molecular no qual ela se encontra quanto no mercado mundial onde a informação será explorada depois de reprogramada. Os sistemas de propriedade intelectual foram a saída jurídica encontrada. O regime de patentes que protegia a propriedade de artefatos e máquinas no século XIX foram transferidos para o plano molecular no final do século XX. Muito mais do que garantir o monopólio temporário a nível molecular, os direitos de propriedade intelectual agora “consagram a dessacralização total da vida, ao legitimarem a apropriação, a exploração e a monopolização de seus componentes”³³⁹.

³³⁶ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 18.

³³⁷ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 18.

³³⁸ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 18-9.

³³⁹ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 19.

Os desdobramentos destas novas formas de apropriação são impressionantes. Ainda nas primeiras décadas do século XX, o ser vivo, de natureza vegetal ou animal, era considerado uma totalidade não apropriável. O homem podia ser senhor da natureza, mas não era seu possuidor ou proprietário. Porém, a avanço da tecnociência e a transferência das patentes a nível molecular criaram condições jurídicas que permitem patentear os seres vivos. Com a transformação da vida e da natureza em mercadoria a nível molecular se torna possível patentear até mesmo as informações genéticas³⁴⁰.

Enquanto ainda não estão definidas as formas de acesso dos recursos genéticos das comunidades tradicionais e povos indígenas, os grandes capitalistas mundiais já se adiantaram em proteger pelo regime de propriedade intelectual todo esse patrimônio genético, mesmo ainda sem saber as suas futuras aplicações. Nas palavras de Laymert:

É interessante notar que enquanto se arrastam ao longo dos anos as iniciativas jurídicas para proteger o acesso aos recursos genéticos e ao conhecimento, às inovações e práticas das comunidades tradicionais e das populações indígenas a eles associados, o acesso às inovações tecnocientíficas já se encontra mundialmente protegido pelo regime de propriedade intelectual, tal como podemos ler nos acordos GATT-Trips, da Organização mundial de Comércio [OMC]. Trips protege o valor informacional dos produtos e processos manipulados pela biotecnologia e pela tecnologia da informação; mas não pode proteger outros valores, como os valores de uso modernos e tradicionais, e nem o valor da vida, porque eles não cabem no sistema.³⁴¹

Enfim, as transformações na ciência e na técnica levaram a uma exacerbação da mercadorização da vida. A transformação da ênfase da propriedade intelectual sobre o regime de propriedade merece grande atenção. Os seres vivos e a natureza como um todo passam a ser reduzidos à forma mercadoria à nível molecular e o aparato técnico e jurídico corrobora para a legitimação de tudo isso. Laymert coloca a questão nos seguintes termos:

Passa despercebido o caráter intrinsecamente predatório de uma cultura e de uma sociedade que começam a considerar legítimas e justas tanto a redução dos seres vivos à condição de matéria-prima sem valor quanto a pretensão do biotecnólogo de reivindicar para sua atividade “inventiva” a exclusividade de geração de valor. Passa despercebida a desqualificação sumária do “trabalho” da natureza e de todo tipo de trabalho humano, em todas as culturas e sociedades, exceto o trabalho tecnocientífico.³⁴²

A exacerbação da transformação dos seres vivos e da natureza em mercadoria é um dos fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria. A abertura desta nova fronteira

³⁴⁰ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 19-21.

³⁴¹ SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 21

³⁴² SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética... op. cit.*, p. 21.

na acumulação de capital foi viabilizada pela articulação das grandes burguesias globais com as instituições internacionais governamentais sob hegemonia estadunidense.

3.6. A atuação dos Estados Unidos no mundo pós-Guerra Fria

A desintegração da União Soviética e o colapso da Rússia não eliminaram completamente a capacidade militar do país. Porém, a Rússia deixou de ter a atuação global do período no qual era uma superpotência. A atuação internacional do país ficou circunscrita à Europa e Ásia³⁴³.

Washington perseguiu dois objetivos básicos durante a Guerra Fria: tornar o mundo seguro para o capitalismo e garantir a primazia incontestável dos Estados Unidos no bloco capitalista. Mas o nó que atava esses dois objetivos se tornou mais frouxo com a desintegração da União Soviética. Não era mais possível integrar os dois objetivos dentro de uma mesma lógica com o fim da Guerra Fria. A primazia dos Estados Unidos deixou de ser requisito automático para a segurança do capitalismo quando o perigo comunista desapareceu. Havia a possibilidade das rivalidades entre os países ressurgir. Os países da Europa e Ásia poderiam cogitar uma política orientada pela elevação da sua autonomia frente aos Estados Unidos, situação impensável na época do “perigo comunista”³⁴⁴.

A ordem mundial do pós-Guerra Fria apresenta mais um aspecto. Além da ausência de um grande antagonista capaz de formar um consentimento em torno do domínio dos Estados Unidos, a sua própria capacidade de coerção foi elevada de forma abrupta. Com a desintegração da União Soviética não havia nenhum país capaz de contrabalancear o poder militar da única superpotência, mesmo em armamentos convencionais. Esse aumento da capacidade de coerção tornou remota a possibilidade de sofrer reverses como a perda de áreas de influência na África ou derrotas no Vietnã conforme ocorrido na década de 1970. Todas essas mudanças transformaram a atuação dos Estados Unidos no mundo³⁴⁵.

O abrupto aumento da capacidade de coerção dos Estados Unidos acabou por configurar uma recomposição entre o pólo força e o pólo consentimento da sua hegemonia na ordem mundial do pós-Guerra Fria. Mas esse desequilíbrio a favor da força foi completamente mascarado pelos conflitos militares da década de 1990. O Iraque invadiu o Kuwait, ameaçando a formação de preços do petróleo e a estabilidade política dos países do

³⁴³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 60.

³⁴⁴ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 7-9.

³⁴⁵ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 9; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 157.

Oriente Médio. Os Estados Unidos foram capazes de montar rapidamente e liderar vasta coalizão com os outros integrantes do G-7 e países árabes aliados para libertar o Kuwait. Washington mostrou habilidade ao conseguir amplo apoio da ONU para a campanha militar no Oriente Médio. Com o enfraquecimento da União Soviética, o conselho de Segurança da ONU poderia ser transformado em um instrumento para as iniciativas da única superpotência. O alcance do consenso estadunidense parecia ser maior do que nunca³⁴⁶.

Mas o estabelecimento de um consenso tão amplo foi conquistado de forma especial. Segundo Gramsci, entre a força e o consentimento aparece a corrupção e a fraude, característica em situações nas quais se torna difícil o exercício da hegemonia. Os expedientes da corrupção consistem em enfraquecer ou paralisar os antagonistas absorvendo a sua classe dirigente com o objetivo de confundi-la e desordená-la. Nestes termos, Washington se aproximou das classes dominantes da China e da Rússia para influenciar os seus votos no Conselho de Segurança da ONU³⁴⁷.

Os Estados Unidos concederam benefícios econômicos à Rússia pós comunista através de empréstimos do FMI e a Boris Yeltsin por meio de financiamento e organização secretos das suas campanhas eleitorais. Já a aquiescência da China foi conquistada obtendo como contrapartida benefícios em acordos econômicos, como o status da nação preferencial no comércio internacional. Com o consentimento russo e chinês, a potência hegemônica conseguiu a aprovação quase automática das suas posições no Conselho de Segurança da ONU. Washington conseguiu converter a ONU em um braço do Departamento de Estado e o FMI em um braço do Tesouro estadunidense³⁴⁸.

Nestas condições, os planejadores de Washington passaram a contar com uma liberdade sem precedentes no mundo pós-Guerra Fria. Eles tinham duas prioridades. A primeira era garantir o aprisionamento da Rússia na ordem do capital global. Esse foi o principal objetivo do governo Clinton com a instalação de uma economia privatizada e uma oligarquia de negócios ligada ao sistema eleitoral democrático na Rússia³⁴⁹.

A segunda prioridade dos planejadores de Washington era conquistar duas antigas zonas de influência da ex-União Soviética: a Europa Oriental e o Oriente Médio. Para estabelecer a sua influência sobre a Europa Oriental, os Estados Unidos estenderam a OTAN

³⁴⁶ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 9.

³⁴⁷ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 9-10. Sobre as situações de fraude e corrupção em um contexto de hegemonia mundial, ver GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política... op. cit.*, 96-7.

³⁴⁸ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 10; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos... op. cit.*, p. 269.

³⁴⁹ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 10.

para a região muito antes da expansão da União Européia, e tratou de liquidar a Iugoslávia. Para estabelecer a sua influência no Oriente Médio, a potência hegemônica aproveitou a Guerra do Golfo para instalar bases militares avançadas na Arábia Saudita e Golfo Pérsico, estabeleceu um protetorado no Curdistão e manteve o movimento nacional palestino sob o controle de Israel³⁵⁰.

A ideologia da ordem mundial do pós-Guerra Fria estava emergindo gradualmente, mas a Guerra do Golfo e a Guerra da Iugoslávia ajudaram a cristalizá-la. A nova ideologia vinculava livres mercados, livres eleições e direitos humanos. Os dois primeiros já faziam parte do repertório da Guerra Fria, sempre utilizado de variadas maneiras. A diferença estava no uso dos direitos humanos, principal novo recurso para atacar a soberania nacional dos países. A Nova Ordem Mundial triunfantemente proclamada por Bush ainda mantinha os traços antigos. Mas foi transformada pelo governo Clinton na busca legítima, por meio da comunidade internacional, da justiça universal e dos direitos humanos como condições da paz democrática. A justiça universal e dos direitos humanos deveriam ser buscados em qualquer lugar onde estivessem ameaçados, independentemente das fronteiras dos Estados³⁵¹.

O cenário estava propício como poucas vezes estivera para o governo Democrata em meados da década de 1990. O boom especulativo chegava ao auge nos Estados Unidos, boa parte dos países europeus seguia as diretrizes da ordem mundial do pós-Guerra Fria e a nova versão do liberalismo se encaixou com as idéias de “comunidade internacional” e sua devoção com os valores humanos universais³⁵².

Contudo, a primazia estadunidense prevaleceu quando foi confrontada com os interesses dos países aliados. Sob um discurso multilateral, a verdadeira política dos Estados Unidos novamente ficou clara. Ao invés de aceitar uma iniciativa da União Europeia, os Estados Unidos abandonaram os Acordos de Lisboa de 1992, fazendo a sua própria ocupação militar na Bósnia e impondo ultimatos na Conferência de Rambouillet, em 1999, dando continuidade à Guerra do Kosovo. Além disso, a potência hegemônica atraiu mais países da Europa Oriental para a OTAN, levando as suas fronteiras até a Bielo-Rússia e Ucrânia. A Rússia invadiu a Chechênia valendo-se do discurso de justiça universal e direitos humanos, contando com a benção estadunidense. Por fim, durante o segundo governo Clinton, muitos

³⁵⁰ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 10-11.

³⁵¹ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 11. Ver também HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 16.

³⁵² ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 11-2.

líderes políticos da Europa endossaram as idéias de conexão entre mercados e eleições livres e a necessidade de limitar a soberania dos Estados nacionais em nome dos direitos humanos³⁵³.

Enfim, foram atingidos os objetivos dos planejadores de Washington de tornar o mundo seguro para o capitalismo e garantir a primazia incontestável dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, permanecia dissimulado o desequilíbrio a favor da força em detrimento do consentimento da hegemonia estadunidense na ordem mundial do pós-Guerra Fria. Perry Anderson faz um balanço geral da década de 1990 da seguinte forma:

No fim da década, os planejadores estratégicos de Washington tinham toda razão para estarem satisfeitos com o balanço geral dos anos 1990. A URSS tinha sido tirada do ringue, a Europa e o Japão colocados em xeque, a China inserida em relações de comércio crescentes e cada vez mais estreitas, a ONU reduzida a pouco mais do que um escritório de permissões e tudo isso conseguido seguindo a mais emoliente das ideologias, segundo a qual cada segunda palavra era compreensão internacional e boa vontade democrática. A paz, a justiça e a liberdade estavam se espalhando pelo mundo.³⁵⁴

Os dois objetivos fundamentais da estratégia global dos Estados Unidos não foram alterados quando o Partido Republicano voltou ao poder. Mas o governo Bush mostrava clara intolerância com a fábula de que a comunidade internacional era uma aliança entre iguais democráticos e com todas as hipocrisias relacionadas a essas idéias herdadas do governo anterior. A sua intenção de colocar uma posição nacional mais forte nas relações internacionais e dispensar os artifícios diplomáticos, como a adesão a tratados internacionais, usados pelo governo Democrata para mascarar os reais objetivos de Washington. Dois acontecimentos permitiram alterar radicalmente a forma com a qual a potência hegemônica continuaria a perseguir os seus objetivos estratégicos³⁵⁵

O primeiro deles foram os atentados 11 de setembro de 2001. Apesar do traumático massacre, os atentados não afetaram em nada as bases do poder interno e global dos Estados Unidos. Foi um espetáculo calculado com o objetivo de causar terror e fúria em uma população não acostumada a ataques estrangeiros, atingindo prédios simbólicos e vítimas inocentes. Independentemente do partido no poder, seria necessário o governo dos Estados Unidos responderem imediatamente de forma dramática e em uma escala mais do que proporcional ao massacre. Os ataques de 11 de setembro de 2001 permitiram ao governo Bush rever decisivamente os termos da estratégia global dos Estados Unidos de uma forma que não

³⁵³ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento...* op. cit., p. 12. Ver também HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo...* op. cit., p. 16-7.

³⁵⁴ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento...* op. cit., p. 12.

³⁵⁵ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento...* op. cit., p. 12-3.

seria possível sem os atentados. Espontaneamente, a opinião pública estadunidense estava alarmada por um conflito comprável ao da Guerra Fria³⁵⁶.

Estavam removidos os impedimentos críticos para uma ação implacável de Washington. Na verdade, a hegemonia do capital não requer qualquer tipo de mobilização das massas. Ela se baseia justamente no oposto, como a apatia política e abandono de qualquer participação na vida pública por parte da população. Era este o cenário nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, países com grandes abstenções de votos nas eleições, indicador da satisfação do cidadão comum. Contudo, a primazia dos Estados Unidos no mundo requer uma ativação do sentimento popular para além da aprovação do *status quo* interno. Mas é muito difícil de conseguir as condições para forjar esse tipo de sentimento na população. A Guerra do Golfo foi aprovada por poucos votos no Congresso dos Estados Unidos. As intervenções militares na Península Balcânica foram postergadas por medo de uma reação do eleitorado e as intervenções militares no Haiti tiveram de ser muito breves. O medo popular de perdas humanas, a ignorância geral sobre o mundo e a tradicional indiferença com relação aos conflitos externos sempre restringiram as ações do Pentágono e da Casa Branca. Mas a ameaça externa é um meio indispensável para comprometer a população estadunidense. Assim como em Pearl Harbour, os atentados de 11 de setembro de 2001 deram ao governo dos Estados Unidos uma forma de alterar a sua atuação no exterior de forma mais rápida e ambiciosa do que seria possível em outras circunstâncias³⁵⁷.

O segundo acontecimento a alterar radicalmente a forma com a qual a potência hegemônica continuaria a perseguir os seus objetivos estratégicos foi a alegada Revolução nos Assuntos Militares (RAM) ocorrida em meados da década de 1990. Trata-se de uma mudança fundamental na natureza da guerra por meio do uso de armas e comunicações munidas das mais avançadas tecnologias do complexo eletrônico. Esses dispositivos foram experimentados na campanha da OTAN contra a Iugoslávia. Apesar das falhas, os novos armamentos se mostraram promissores e com potencial para colocar as Forças Armadas dos Estados Unidos em um novo patamar. Esses armamentos foram novamente utilizados na guerra contra o Afeganistão e mostraram a disparidade tecnológica entre os armamentos estadunidenses e dos demais países. As Forças Armadas estadunidenses contavam com satélites, mísseis

³⁵⁶ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 13; HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 135.

³⁵⁷ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 13-4; HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 17.

inteligentes, aviões teleguiados, bombardeiros secretos e forças especiais. Estava claro o quão pequeno seria o custo humano para os Estados Unidos em futuras intervenções militares³⁵⁸.

A Revolução nos Assuntos Militares exacerbou o poderio bélico dos Estados Unidos no início do século XXI, acentuando o desequilíbrio entre força e consentimento da hegemonia estadunidense ainda mais em direção ao pólo da força. O objetivo da RAM é criar um vácuo de poder em torno dos planos dos Estados Unidos, nos quais os cálculos de ganhos e perdas das guerras se tornam diminutos ou suspensos. E o sucesso militar nos proibitivos terrenos geográfico e cultural da missão no Afeganistão encorajou Washington a maiores impulsos imperiais. A superioridade tecnológica permite ao país empreender importantes operações com rapidez em qualquer lugar do mundo³⁵⁹.

O poderio militar é o principal trunfo dos Estados Unidos para o seu projeto imperialista. A sua superioridade em armamentos de alta tecnologia permanecerá por tempo indefinido porque nenhum país será capaz de competir no mesmo nível no setor de tecnologia militar em um futuro previsível. A antiga União Soviética tinha conseguido equilibrar o poderio militar com os Estados Unidos durante a Guerra Fria, embora, o crescimento da indústria bélica estadunidense tivesse se tornado muito mais forte já no início da década de 1980. Mas desde a desintegração da União Soviética, nenhum país foi capaz, ou talvez ao menos quisesse desafiar os Estados Unidos no início do século XXI³⁶⁰.

O estímulo ao nacionalismo devido aos ataques de 11 de setembro de 2001 e a Revolução nos Assuntos Militares foram acompanhadas por mais uma mudança ideológica, responsável pela alteração da estratégia global dos Estados Unidos para a manutenção de um mundo seguro para o capitalismo e para a continuidade da primazia estadunidense. O governo republicano levantou a bandeira da guerra contra o terrorismo no lugar da retórica da justiça internacional e paz democrática estabelecida ao longo do governo democrata. Embora não sejam ideologias incompatíveis, a ênfase colocada sobre a questão do terrorismo gerou uma atmosfera muito mais estridente. A nova linha de ação dos Estados Unidos não foi bem recebida na Europa, onde o discurso sobre os direitos humanos era valorizado e tinha maior aquiescência para o projeto hegemônico³⁶¹.

Por outro lado, a idéia de guerra contra o terrorismo permitiu aos Estados Unidos manter a aquiescência da Rússia e da China à ordem mundial do pós-Guerra Fria. O discurso

³⁵⁸ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 14.

³⁵⁹ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 14; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 48.

³⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 14;

³⁶¹ ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 14-5.

sobre os direitos humanos irritava as classes dominantes russas e chinesas. Mas o discurso contra o terrorismo permitiu à China continuar a repressão étnica em Xinjiang e à Rússia fazer o mesmo contra as minorias em seus territórios. A cooptação da classe dominante russa permitiu à Washington a instalação de bases militares na Ásia Central depois da campanha militar no Afeganistão e a tentativa de estender a OTAN até os países bálticos³⁶².

Pouco tempo depois de iniciada a invasão no Afeganistão, o governo Bush acrescentou mais um item ao discurso sobre a necessidade de se levar o livre mercado, a democracia e os direitos humanos aos povos oprimidos e de levar adiante a guerra contra o terrorismo. Trata-se da necessidade de realizar ataques preventivos contra os países de alguma forma ligados ao terrorismo e, portanto, inimigos da democracia e dos direitos humanos. O governo Bush anunciou os seus próximos alvos. Era o “Eixo do mal”, formado pelo Irã, Iraque e Coréia do Norte. Neste contexto, as Forças Armadas dos Estados Unidos invadiram o Iraque, em 2003, com a justificativa de que o governo de Saddam Hussein tinha armas nucleares e mantinha vínculos com a Al Qaeda, responsável pelos ataques de 11 de setembro de 2001.

As guerras contra o Afeganistão e Iraque foram travadas com o discurso da criação de uma nova ordem mundial por meio da disseminação da democracia. Os regimes do Talibã e de Saddam Hussein foram rapidamente derrubados. Porém, o estabelecimento de regimes democráticos jamais foi cumprido. As guerras foram profundamente destrutivas e não geraram soluções estáveis nos dois países. A população iraquiana, cuja libertação nacional estava presente nos discursos antes da invasão, se encontra em situação ainda pior do que antes da guerra. As Forças Armadas estadunidenses tiveram êxito militar na luta contra os governos inimigos, mas não conseguem apoio das populações locais para manter a ocupação e tentar criar novos governos³⁶³.

O propósito básico da RAM consiste em causar o máximo de danos ao inimigo com o mínimo possível de baixas nas Forças Armadas estadunidenses. Um maior uso da tecnologia de ponta permite redimensionar as forças militares e usar um menor contingente de soldados. A princípio, as unidades militares menores, por serem formadas por soldados mais bem treinados e munidos com equipamentos de alta tecnologia seriam mais eficazes e polivalentes. Os armamentos de alta tecnologia incluem sistemas de vigilância global por satélites e radares fixos e móveis capazes de identificar e atingir alvos com mísseis de longo alcance. Além disso, as Forças Armadas contam com tanques e aviões não tripulados para

³⁶² ANDERSON, Perry. *Força e consentimento... op. cit.*, p. 15.

³⁶³ HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 17-8 e 116.

observar, destruir e atacar instalações e forças em terra. Esse novo tipo de soldado munido de armamentos de alta tecnologia tem como pressuposto um novo tipo de guerra cujo objetivo é chantagear os inimigos com a destruição de sua infra-estrutura por meio da guerra preventiva³⁶⁴.

Além disso, o menor uso de soldados responde a outro problema: a pouca tolerância da sociedade estadunidense às baixas de seus soldados devido aos traumas sofridos com a Guerra do Vietnã. Mas as baixas nas sofridas no Afeganistão e Iraque não são pequenas. Washington tenta contornar o problema de duas formas. A crescente privatização da guerra por meio da contratação de mercenários, muitas vezes oriundos de serviços de segurança privada e espionagem industrial. E a concessão da cidadania estadunidense aos imigrantes em situação irregular no país, em geral latino-americanos, em troca de combater no exterior pelo exército estadunidense³⁶⁵.

Mas o resultado efetivo do redimensionamento das Forças Armadas é incerto. A eficácia das novas táticas proporcionadas pela RAM para conquistar territórios mostrou os seus limites. “Poder de destruição não significa capacidade de conquista”. A guerra tecnológica funciona como forma de intimidação, ou melhor, como terrorismo de Estado. Mas a ocupação efetiva de territórios ou mesmo o enfrentamento de inimigos mais poderosos voltaria a exigir uma infantaria com maior número de combatentes, o que significa um maior número de baixas. Ainda não é possível saber se a superioridade militar dos Estados Unidos baseada em armamentos tecnológicos será tão eficiente quanto foi contra a União Soviética no período da Segunda Guerra Fria. A superioridade militar estadunidense acabou por levar o país a travar guerras não convencionais nas quais os armamentos intensivos em tecnologia se mostraram pouco eficazes. Os outros países evitariam enfrentar os Estados Unidos em uma guerra convencional, mas as guerrilhas enfrentadas no Afeganistão e Iraque mostram os limites da RAM³⁶⁶.

Os planejadores dos Estados Unidos sabiam que o país não era a única potência importante do planeta depois da desintegração da União Soviética. Porém, eles também sabiam que a sua atuação global era extremamente favorável e era pouco provável o surgimento de algum país rival com poder e interesses globais comparáveis. A política de Washington sempre teve o cuidado de mascarar a supremacia estadunidense com uma forma de “coalizão consensual” com os países aliados. Mas as intervenções militares a partir dos

³⁶⁴ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 60-1.

³⁶⁵ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 61.

³⁶⁶ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 61.

ataques de 11 de setembro de 2001 abalaram as bases políticas e ideológicas da hegemonia estadunidense. Estava estabelecida a doutrina de Rumsfeld: “guerras rápidas contra adversários fracos, seguidas por retiradas também rápidas”. Pela primeira vez na História, os Estados Unidos ficaram politicamente isolados e impopulares diante da maior parte dos governos e povos³⁶⁷.

Mas os ideólogos estadunidenses e seus apoiadores vêem as intervenções militares como o início de uma nova era de paz mundial e crescimento econômico sob o comando do benevolente império estadunidense. A direita radical tenta mobilizar os “verdadeiros americanos” em uma luta contra “alguma força externa malévola e contra um mundo que não reconhece a singularidade, a superioridade e o destino manifesto dos Estados Unidos”. Além disso, os ideólogos estão convencidos da superioridade da sociedade estadunidense: “uma combinação de estado de direito, liberdade, empresas privadas competitivas e eleições regulares e disputadas em sufrágio universal”. Para os conservadores, os Estados Unidos é um modelo a ser seguido, fazendo-se necessário refazer o mundo à imagem e semelhança desta “sociedade livre”³⁶⁸.

A hegemonia estadunidense começou a ficar comprometida quando o pólo da força suplantou em demasia o pólo do consentimento desde os atentados do 11 de setembro de 2001. A crise econômica instaurada desde 2007 também coloca em risco a dominação global plasmada por Washington e Wall Street desde o início da década de 1980.

A hegemonia estadunidense na ordem mundial do pós-Guerra Fria está comprometida por ao menos duas fontes. A primeira são as tensões na sociedade estadunidense. Apesar de não se conseguir se contrapor politicamente à plutocracia vinculada à alta finança, aos grandes varejistas, à indústria do entretenimento e às empresas transnacionais, a ampla e heterogênea camada dos descontentes com a ordem estabelecida está cada vez mais insatisfeita. A segunda fonte é o limite da superioridade militar dos Estados Unidos. Nenhum país pode fazer frente aos Estados Unidos em uma guerra convencional devido à sua capacidade de destruição contra países urbano-industriais. Mas uma guerra contra países de poderio militar significativo, como a Rússia e a China, poderia abalar as redes plutocráticas e a economia transnacional vinculada à alta finança. Washington só pode recorrer à força contra países militarmente irrelevantes³⁶⁹.

³⁶⁷ HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 51-2.

³⁶⁸ HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 48, 52 e 117-8.

³⁶⁹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 118-9.

A Rússia começou a reagir à expansão da OTAN liderada pelos Estados Unidos em 2008. O país parecia estar prestes a se tornar mais um Estado falido. Mas o governo Putin se esforçou para reconstruir o Estado russo. Contudo, se essa reconstrução for bem-sucedida, a Rússia pode não continuar satisfeita com o seu *status quo* de potência regional. Até agora a reconstrução mostra relativo sucesso. A capacidade militar da Rússia atraiu Washington para novas negociações sobre a diminuição conjunta de armamentos nucleares³⁷⁰.

A China aumentou o seu arsenal nuclear e variou os seus meios de lançamento garantindo a dissuasão nuclear. Além disso, em 2007, Pequim testou com sucesso um míssil anti-satélite. Outra iniciativa dos chineses é o projeto “Carrier-Killer”, um míssil potencialmente capaz de destruir os porta-aviões estadunidenses no Oceano Pacífico. Se os satélites estadunidenses forem destruídos, seria difícil monitorar a movimentação das tropas chinesas. Se os porta-aviões estadunidenses forem destruídos, Washington teria de recorrer às bases aéreas localizadas nos países aliados vizinhos da China. Mas esses países poderiam recusar apoio aos Estados Unidos frente à uma China hostil³⁷¹.

A própria superioridade dos Estados Unidos em armamentos nucleares e convencionais coloca o país diante de um paradoxo. Quanto maior a sua superioridade militar, mais atrativas as armas nucleares se tornam para os países menos poderosos devido à sua capacidade de dissuasão a custos relativamente baixos. Além disso, a assimetria militar dos Estados Unidos com relação aos países mais fracos engendra como resposta a generalização das táticas de guerrilha e o terrorismo³⁷².

Neste sentido os fundamentos da Ordem Mundial do pós-Guerra Fria estão mostrando fissuras dentro e fora dos Estados Unidos:

No espaço interno, a intensificação do conflito social é a regra *em praticamente todos os Estados*. A articulação entre a elevação da temperatura política no plano interestatal e a tensão no interior das sociedades é um claro sinal de que mudanças profundas estão acontecendo. E é exatamente este quadro de tensão generalizada que abre espaço para as possibilidades emancipatórias, isto é, a deflagração da luta anticapitalista, travada simultaneamente em todos os flancos. Entretanto, por outro lado, é exatamente essa percepção da possibilidade de mudança que engendra os movimentos de cunho reacionário e, sobretudo, o reforço do militarismo e dos movimentos estatais de vigilância e repressão aos movimentos sociais (...)³⁷³

³⁷⁰ MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA... op. cit.*, p. 60, nota 6; MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 12-3; HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo... op. cit.*, p. 87.

³⁷¹ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 119, nota 9.

³⁷² MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social... op. cit.*, p. 119.

³⁷³ MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida... op. cit.*, p. 12.

Apesar dos abalos e crescente descontentamento social, os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria ainda permanecem. Resta saber se o domínio da alta finança em conjunto com o poderio militar estadunidense perdurará por muito tempo e se os movimentos anticapitalistas terão poder para transformar a realidade.

Conclusão

A ordem mundial do pós-Guerra Fria está baseada nos vínculos estabelecidos entre a alta finança estadunidense atuante a nível global, a burguesia estadunidense ligada à tecnologia de ponta do complexo industrial-militar e o governo dos Estados Unidos. Esses vínculos foram formados frente a um conjunto variado de pressões e, uma vez cristalizados, favoreceram o reestabelecimento da hegemonia estadunidense, a superação dos revezes sofridos na década de 1970 e a combater o aumento de poder da União Soviética. A alta finança, a burguesia ligada ao complexo militar-industrial e Washington são as frações da classe hegemônica estadunidense elevadas à condição de classe hegemônica mundial. Essa classe promove o aprofundamento da economia transnacional por meio da abertura comercial e financeira, além de combater ferozmente a classe trabalhadora desde a década de 1980.

As burguesias transnacionais oriundas dos países centrais foram beneficiadas pela nova ordem nascente e aderiram prontamente à hegemonia estadunidense já na década de 1980. A consolidação da economia transnacional também materializou uma estrutura de classe global. Neste sentido, a classe administrativa global foi particularmente beneficiada e também se vinculou prontamente à classe hegemônica mundial, trabalhando de forma a submeter as demandas internas dos países às pressões da economia transnacional e da abertura comercial e financeira.

As classes dominantes dos demais países tiveram de se submeter à nova ordem estabelecida. Apesar da resistência inicial, as classes dominantes de grande parte dos países foram aliciadas por meio de pressões econômicas, chantagens militares e pelas novas fontes de riqueza e consumo conspícuo e, deste modo, participaram ativamente da abertura comercial e desregulamentação financeira. Apenas uma ínfima fração da classe trabalhadora conseguiu aderir à nova ordem mundial. Trata-se dos mais graduados gestores do capital e membros da classe administrativa global atuantes através das instituições internacionais.

Uma verdadeira vingança do capital contra o trabalho teve início também na década de 1980. Os trabalhadores sofreram reduções salariais, perda de empregos e direitos sociais em todos os países. Os movimentos trabalhistas foram colocados na defensiva pelos poderes das novas legislações e pelo desemprego produzido pelos ajustes fiscais. Com a desintegração da União Soviética, o espectro do comunismo afastou-se definitivamente da Europa. Os últimos medos das classes dominantes foram desfeitos e elas finalmente

conseguiram se desvincular por completo da fração branca, masculina, adulta, nacional e sindicalizada da classe trabalhadora.

Além disso, as fissuras entre os diferentes setores da classe operária se alargaram. A pressão para retirada das políticas de proteção social penalizou os setores mais fracos da classe trabalhadora, enquanto os trabalhadores mais qualificados conseguiram minimamente se adaptar às novas tecnologias. As transformações nos processos de produção e a fronteira cada vez maior entre trabalho braçal e não braçal quebraram a unidade da classe trabalhadora.

Com o desmantelamento da União Soviética, em 1991, estavam estabelecidos os fundamentos da ordem mundial do pós-Guerra Fria. A classe hegemônica estadunidense conseguiu a aquiescência das classes dominantes da Rússia e China, além de alargar a sua zona de influência para a Europa Oriental e para o Oriente Médio. Entre 1991 e 2001, a alta finança, a burguesia ligada ao complexo militar-industrial estadunidense e Washington estabeleceram uma ordem mundial conseguindo dissimular o deslocamento para o pólo da força em detrimento do consentimento no estabelecimento da sua hegemonia.

Contudo, os ataques de 11 de setembro e a Revolução nos Assuntos Militares deslocaram a estratégia estadunidense de atuação mundial ainda mais para o pólo da força, diminuindo o consenso em torno da hegemonia estadunidense. A crise econômica iniciada em 2007 agravou a situação da classe hegemônica estadunidense, podendo abalar a centralidade do dólar como moeda mundial. Além disso, o enorme poder bélico estadunidense está sendo contrabalanceado pela capacidade mínima das Forças Armadas da Rússia e da China de responderem a um ataque nuclear da potência hegemônica. Além disso, mesmo o enorme poder militar dos Estados Unidos não se mostrou capaz de combater eficientemente as guerrilhas e os ataques terroristas.

Até o momento, a classe hegemônica mundial e as classes a ela vinculadas estão conseguindo contornar a crise de hegemonia. A alta finança e a burguesia transnacional estão repassando o ônus da crise econômica para a classe trabalhadora. E estão sendo violentamente reprimidos os movimentos contra a continuidade da retirada de direitos trabalhistas e contra as políticas de ajuste fiscal, cujo objetivo é repassar para o pagamento de juros de título da dívida pública o dinheiro destinado para saúde, educação, previdência, etc. Apesar das contestações e dificuldades, o poderio militar dos Estados Unidos continua inigualável e o seu orçamento continua a crescer, beneficiando a burguesia ligada ao complexo militar-industrial. A burguesia mundial por sua vez, continua contando com alto grau de mobilidade e garantia de rentabilidade tanto na rolagem dos títulos de dívida pública de muitos países e com a possibilidade de explorar uma força de trabalho cada vez mais precarizada.

Mas essa ordem perdurará por muito tempo? Se olharmos de uma perspectiva mais ampla, podemos estar assistindo não à desarticulação da ordem mundial do pós-Guerra Fria, mas à desintegração do capitalismo. Este modo de produção sempre exigiu laços de parentesco e comunidades, solidariedade de grupos ou qualquer outro mecanismo de cooperação capaz de tornar a crescente expropriação e mercadorização de vida minimamente tolerável à classe trabalhadora. Contudo, a Era de Ouro do capitalismo dissolveu esses mecanismos de cooperação social. Além disso, as revoltas estudantis e trabalhistas de 1968 mostraram a descrença da população em geral tanto com capitalismo quanto com o socialismo. Por fim, os trabalhadores voltaram a ser atacados na década de 1990. Nenhum modo de produção pode sobreviver se não houver um mínimo de crença e tolerância por parte da classe subalterna. E a insatisfação e a revolta geral dos trabalhadores com a pilhagem atual deixam bem clara essa realidade.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1987;
- ANDERSON, Perry. *Força e consentimento: aspectos da hegemonia americana*. *Estudos de sociologia*, Araraquara, v. 15, 2003;
- ARON, Raymond. *Estudos Políticos*. 2ª edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985;
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012;
- BRAGA, José Carlos & CINTRA, Marcos Macedo. *Finanças Dolarizadas e Capital financeiro: exasperação sob controle americano*. In: FIORI, José Luís (Org.). *O Poder Americano*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007;
- BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012;
- CAMPOS, Fábio Antonio. *A Arte da Conquista: o capital internacional no desenvolvimento capitalista brasileiro (1951-1992)*. Tese (doutorado). Campinas: IE/Unicamp, 2009;
- COUTINHO, Luciano. *Mudanças recentes na divisão internacional do trabalho*. Contexto, nº2, março 1977;
- COUTINHO, Luciano. *Percalços e Problemas da Economia Mundial Capitalista*. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga & COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaio sobre a crise – Volume I*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1984;
- COUTINHO, Luciano. *A terceira revolução industrial e tecnológica: as grandes tendências de mudança*. Economia e Sociedade, Vol. 1, nº. 1 (1). Campinas: IE/Unicamp, 1992;
- COUTINHO, Luciano & BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *O Desenvolvimento do Capitalismo Avançado e a Reorganização da Economia Mundial no Pós-Guerra*. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga & COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaio sobre a crise – Volume I*. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1984;
- COX, Robert W. *Social Forces, states and world orders: beyond international relations theory*. In: Cox, Robert W & Sinclair, Timothy J (Orgs.). *Approaches to world order*. New York: Cambridge University Press, 1996;
- COX, Robert W. *Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método*. In: GILL, Stephen (Org.). *Gramsci: materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007;
- COX, Robert W. *Questões estruturais de um governo global: implicações para Europa*. In: GILL, Stephen (Org.). *Gramsci: materialismo histórico e relações internacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007;

DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. 9ª edição, Rio de Janeiro: LTC, 2012;

FIORI, José Luís. *Globalização, hegemonia e império*. In: TAVARES, Maria da Conceição & FIORI, José Luís (Orgs.). *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 1998;

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume 3: Maquiavel – Notas sobre o Estado e a política*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012;

HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro*. Os economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985;

HOBSBAWM, Eric. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Forense, 2013;

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos impérios, 1875-1914*. 11ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2007;

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008;

HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013;

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: Fase superior do capitalismo*. 4ª edição, São Paulo: Centauro, 2008;

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo. Volume II*. São Paulo: Abril Cultural, 1984;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Balanço do debate: a transição do feudalismo ao capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 2004;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *EUA: fundamentos da hegemonia estadunidense no Pós-Guerra Fria*. In: ACIOLY, Luciana; CARDOSO JR., José Celso; MATIJASCIC, Milko (Orgs.). *Trajetórias Recentes de Desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas – Volume II*. Brasília: IPEA, 2009;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise econômica e rivalidade política: características gerais da ordem internacional contemporânea*. In: IPEA. *Desafios para o desenvolvimento brasileiro*. Brasília, 2011;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Crise e mudança social: a luta social em um período de transição*. In: VIEIRA, Rosângela de Lima. *O Brasil, a China e os EUA na atual conjuntura da economia-mundo capitalista*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013;

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Violência, capitalismo e mercadorização da vida*. Texto para discussão 240. Campinas: IE/Unicamp, Junho 2014;

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2012;

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013;

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. *O Desenvolvimento Tecnológico Americano no Pós-Guerra como um Empreendimento Militar*. In: FIORI, José Luís (Org.). *O Poder Americano*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007;

MICHALET, Charles-Albert. *O Capitalismo mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983;

NOVAIS, Fernando Antônio. *Entrevista*. In: NOVAIS, Fernando Antônio. *Aproximações: ensaios de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005;

NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA Rogério Forastieri da. *Introdução: para a historiografia da Nova História*. In: NOVAIS, Fernando Antônio & SILVA, Rogério Forastieri da (Orgs.). *Nova história em perspectiva*, Volume 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011;

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes. *Gramsci e a teoria crítica das relações internacionais*. Revista Novos Rumos, Vol 50, nº. 2. Marília, FFC/Unesp-Marília, 2013;

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012;

SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda. *Apresentação: Por que voltar a Lênin?: imperialismo, barbárie e revolução*. In: LENIN, Vladimir Ilitch. *O Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE/Unicamp, 2011;

SANTOS, Laymert Garcia. *A informação após a virada cibernética*. In: SANTOS, Laymert Garcia dos e outros. *Revolução tecnológica, internet e socialismo*. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002;

WOOD, Ellen. *O império do Capital*. 1ª edição, São Paulo: Boitempo, 2014;